

## INTERVIR NO SAGRADO REFLEXÃO E ANÁLISE CRÍTICA AO SANTUÁRIO DA PENINHA



Ana Paula Vazquez Cardoso  
(Licenciada)

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Prof. Doutor Pedro da Silva Marques de Abreu  
(Orientador Científico)

Prof. Arquiteto António Pedro Moreira Pacheco  
(Co-orientador Científico)

Prof. Doutora Maria Dulce Costa de Campos Loução  
(Presidente do Júri)

Prof. Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias  
(Vogal)

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa  
Lisboa, Outubro de 2016





# INTERVIR NO SAGRADO

## REFLEXÃO E ANÁLISE CRÍTICA AO SANTUÁRIO DA PENINHA

Ana Paula Vazquez Cardoso  
(Licenciada)

Projeto para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Prof. Doutor Pedro da Silva Marques de Abreu  
(Orientador Científico)

Prof. Arquiteto António Pedro Moreira Pacheco  
(Co-orientador Científico)

Prof. Doutora Maria Dulce Costa de Campos Loução  
(Presidente do Júri)

Prof. Doutor Hugo José Abranches Teixeira Lopes Farias  
(Vogal)

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa  
Lisboa, Outubro de 2016



*«nullum est sine nomine saxum»  
(não há rochedo que não tenha um nome)*

Claudiano (370-404 d.C.)



## RESUMO

Por entre a silhueta altiva da Serra de Sintra distingue-se o Santuário da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Peninha. Reconhecido como Imóvel de Interesse Público desde 1977 e enquadrado numa Paisagem Cultural classificada pela UNESCO em 1995, este Santuário faz parte da história das vilas de Sintra e Cascais e, inevitavelmente, da história de Portugal.

Considerando o seu significado histórico-cultural e cruzando-o com o modo como é atualmente visto pelas pessoas, compreende-se que a sua condição religiosa se desvaneceu no tempo, sendo os peregrinos substituídos por caminhantes e as romarias por passeios.

No entanto, a magia que envolve a Peninha permanece viva, pois continua a ser um lugar de paragem e reflexão para todos os caminhantes.

Tendo como base uma detalhada pesquisa sobre a Serra de Sintra, o presente trabalho pretende, numa primeira fase, contextualizar a Peninha, distinguindo os seus valores históricos, culturais e naturais.

Posteriormente, admitindo como hipótese a adaptação da sua forma a novas funcionalidades, propõe-se um novo olhar sobre o Santuário, respeitando o seu interesse patrimonial e presença como elemento marcante no território.

Recuperando o seu carácter sagrado em detrimento do religioso, este trabalho procura *conservar* o espírito, *restaurar* a história e *reabilitar* os valores da Peninha, traduzido em diferentes aproximações a três distintas épocas construtivas – séculos XII, XVII e XX.

*Intervir no Sagrado* reflete, assim, sobre a arquitetura do Santuário da Peninha no século XXI, analisando as suas valências, propondo soluções e contribuindo, deste modo, com uma proposta de intervenção.

Palavras-chave: Conservação, Restauro, Reabilitação, Santuário, Património, Território.

## ABSTRACT

Through the silhouette of Serra de Sintra stands out the Nossa Senhora da Peninha's Sanctuary. Known as a Public Interest Building since 1977 and embraced in a Cultural Landscape classified by UNESCO in 1995, this Sanctuary is well-known in the history of Sintra and Cascais as in the history of Portugal.

Admitting its historical and cultural background and understanding its current role, it seems like its religion condition as gone, since the pilgrims had been replaced by wayfarers and the pilgrimages by nature walks. However, Peninha's magic stills alive, as remaining as a meditation spot to all the explorers.

Regarding a deep research of Serra de Sintra, this work contemplate the Peninhas's Sanctuary historical, cultural and natural values. Accordingly that, is introduced a different review oh the Sanctuary's itself, always attending its patrimonial competences and landscape impact.

Reclaiming its hallowed atmosphere instead the religious one, this paper pretends to achieve the perpetuation of its anciest spirit, the restoration of its history and also the rehabilitation of the values of Peninha's Sanctuary, illustrated in particular approaches to three different architecture stages: XII, XVII and XX centuries.

*Intervir no Sagrado* it's a consideration of Peninha's architecture in the XXI century, reviewing its handicaps and suggesting solutions through its architecture.

Key-words: Management, Restoration, Rehabilitation, Sanctuary, Heritage, Landscape.



## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a todos os meus amigos que durante este percurso estiveram ao meu lado, dizendo-lhes que é graças ao seu contributo que me é possível finalizar esta etapa.

Quero agradecer também a todos os professores que ao longo da vida académica enriqueceram as minhas competências científicas.

Ao professor Pedro Marques de Abreu pelo incentivo à teoria da arquitetura e gosto pela arquitetura sagrada.

Ao professor Pedro Pacheco pela transmissão de conhecimentos projetuais.

À Biblioteca Municipal de Sintra e à Eng<sup>a</sup> Claudia Almeida do ICNF pela constante disponibilidade e boa disposição.

Ao Victor Mestre, à Sofia Aleixo e a toda a equipa dos VMSA Arquitetos pela compreensão, carinho e apoio demonstrados nas horas mais difíceis.

À Geo pela amizade e extraordinário otimismo, à Vera por todas as referências e sugestões e à Ana Lowe pelo contínuo interesse e entusiasmo.

À minha família, em especial, ao meu pai e minha mãe, pela confiança e esforço depositados.

Ao João, pelas longas conversas e inesgotável paciência.

Um grande obrigado a todos.

# ÍNDICE GERAL

<b>Resumo</b>	VII
<b>Abstract</b>	IX
<b>Agradecimentos</b>	XI
<b>Índice geral</b>	XII
<b>Índice de figuras</b>	XIV
<b>Introdução</b>	1
<b>I. Sintra, <i>sui generis</i></b>	9
1. De Oriente a Ocidente	11
2. O Monte da Lua	23
3. Passagens e Permanências	43
<b>II. <i>No meio das coisas</i></b>	55
1. O Património	57
2. O Território	87
3. <i>Schemata</i>	95
<b>III. A proposta</b>	107
1. No Património	109
2. No Território	119
3. Projetos de Referência	125
Convento dos Capuchos	126
Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha	130

<b>IV. O Projeto</b>	137
1. O Santuário da N <sup>a</sup> S <sup>a</sup> da Peninha	139
As Ruínas de São Saturnino	142
Núcleo Museológico da Peninha	144
Ponto Informativo da Peninha	146
Centro de Acolhimento e Informação aos Caminhantes	146
 <b>Considerações finais</b>	 149
 <b>Bibliografia</b>	 153
 <b>Anexos</b>	 159

# ÍNDICE DE FIGURAS

## Capa

*A Peninha vista de Adrenunes.*

Fonte: Fotografia pela autora, 2016.

## I. Sintra, *sui generis*

Figura 001. *Túrdulos na Península Ibérica.* 12

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Figura 002. *Sintra – Castelo dos Mouros*, Marques Abreu. 14

Fonte: Pessanha, 1932, p. 75.

Figura 003. *Sintra tirado naturall da parte de leste sueste*, IAN/TT. 15

Fonte: Armas, séc. XVI, fl. 120.

Figura 004. *Salão vendedor de leite e queijos*, Novaes. 17

Fonte: Marques et al., 1903, p. 148.

Figura 005. *Capela de Nossa Senhora da Penha*, Simões Costa. 19

Fonte: Simões Costa, 1941, p. 51.

Figura 006. *Sintra – Convento dos Capuchos*, Marques Abreu. 19

Fonte: Pessanha, 1932, p. 80.

Figura 007. *Sintra – Paço – Janelas Manuelinas*, Marques Abreu. 20

Fonte: Pessanha, 1932, p. 38.

Figura 008. *Retábulo da Capela, de Nicolau Chanterene.* 20

Fonte: Proença, 1924, p. 504.

Figura 009. *King Fernando II (Saxe Coburg Gotta)*, José de Brito, 1882. 21

Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/564709240755644292/>

Figura 010. *Palácio da Pena* 21

Fonte: Fotografia por Ana Damenti, 2016.

Figura 011. *Parques Naturais de Portugal Continental.* 24

Fonte: Elaborado pela autora, 2016.

Figura 012. *O PNSC enquadrado na sub-região da Grande Lisboa Norte.* 27

Fonte: Elaborado pela autora a partir de [http:// epic-webgis-portugal.isaulisboa.pt/](http://epic-webgis-portugal.isaulisboa.pt/), 2016.

Figura 013. <i>Corte geológico do maciço de Sintra.</i>	28
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Galopim de Carvalho, 2016.	
Figura 014. <i>Planta geológica do maciço de Sintra.</i>	29
Fonte: Elaborado pela autora a partir de Galopim de Carvalho, 2016.	
Figura 015. <i>Árvore deformada pelos ventos marítimos na Peninha.</i>	31
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 016. <i>Arbustos deformados pelos ventos marítimos.</i>	31
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 017. <i>Fenómeno metereológico conhecido por «capacete» visto de Cascais.</i>	32-33
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 018. <i>A Peninha vista do ar – um dos pontos mais altos da Serra.</i>	35
Fonte: Fotografia por João Jorge, 2016.	
Figura 019. <i>Os três morros da Peninha.</i>	36
Fonte: Elaborado a partir da maqueta da autora, 2016.	
Figura 020. <i>Ulex europaeus L – espécie melífera frequente em matos secos.</i>	38
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 021. <i>Carpobrotus edulis – espécie invasora outrora usada para fixar areias e assentar areias dunares.</i>	38
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 022. <i>Hedera helix no Santuário da Peninha – uma ameaça às espécies autóctenes das brechas dos rochedos.</i>	38
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 023. <i>Silene longicilia (Brot.) ssp cintrana (Rothm.) Jeanmonod – espécie em perigo de extinção rara no PNSC.</i>	38
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 024. <i>Pico no Santuário da Peninha.</i>	38
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 025. <i>Penedos do Alvante no Cabeço da Raposa.</i>	42
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 026. <i>O Santuário atualmente encerrado ao público.</i>	51
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	

## II. No meio das coisas

- Figura 027. *Santuário da Peninha.* 59  
Fonte: Elaborado pela autora a partir de <http://www.virtualbirdseye.com/map/map.htm?t=pbpqebdj>, 2016.
- Figura 028. *Covinhas dedicadas ao culto votivo.* 60  
Fonte: Fotografia pela autora, 2015.
- Figura 029. *Saturno devorando a un hijo*, Francisco Goya, 1819-1893. 61  
Fonte: <https://s-media-cache-ak0.pinimg.com/564x/26/f7/1e/26f71ea1504dd-81879690f9749db3835.jpg>
- Figura 030. *Ermida de São Saturnino*, SIPA. 63  
Fonte: Arquivo do ICNF, s.d.
- Figura 031. *Serra de Sintra – Ermida de São Saturnino: Motivo central do altar*, José Meco, 1990. 65  
Fonte: Soares, 2013.
- Figura 032. *Vista para o altar do interior da Ermida de São Saturnino.* 65  
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.
- Figura 033. *Desenho antigo assinalando a Capela da Peninha, a Igreja de São Saturnino e os seus principais acessos*, Azevedo, s.d. 66  
Fonte: <https://sites.google.com/site/almoinhasvelhasalcabideche/as-familias/um-pouco-de-historia>
- Figura 034. *Inscrição lapidar da Capela de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Peninha.* 70  
Fonte: Fotografia pela autora, 2015.
- Figura 035. *Data na parte interna do tímpano da Capela.* 72  
Fonte: Fotografia pela autora, 2015.
- Figura 036. *Embutidos em mármore alusivos às pinturas de Saturnino.* 73  
Fonte: Fotografia pela autora, 2015.
- Figura 037. *Retábulo da Peninha – pormenor de um dos nichos.* 73  
Fonte: Fotografia pela autora, 2015.
- Figura 038. *Interior da Capela da Peninha.* 74  
Fonte: Fotografia pela autora, 2015.
- Figura 039. *Fonte dos Romeiros.* 76  
Fonte: Fotografia elaborada pela autora, 2016.

Figura 040. <i>Vestígios do painel de azulejos de 1739.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	77
Figura 041. <i>Bica interior que conduz a água até ao exterior.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	77
Figura 042. <i>Palacete de Carvalho Monteiro.</i> Fonte: Fotografia por Ana Damenti, 2016.	79
Figura 043. <i>Casas de romeiros antes da construção do Palacete.</i> Fonte: Arquivo ICNF, s.d.	80
Figura 044. <i>Arco em mármore do Palacete de Carvalho Monteiro.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	82
Figura 045. <i>Janela serliana vista do interior do Palacete.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	82
Figura 046. <i>Altar á terra mãe no piso inferior.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	82
Figura 047. <i>Vãos do piso inferior.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	82
Figura 048. <i>Interior da Ermida de S. Saturnino.</i> Fonte: Arquivo ICNF, s.d.	84
Figura 049. <i>Ermida de São Saturnino no final do século XX.</i> Fonte: Elaborado a partir de SIPA, s.d.	85
Figura 050. <i>A Peninha vista a poente.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	88
Figura 051. <i>Marcação da GR11.</i> Fonte: Elaborado pela autora, 2016.	91
Figura 052. <i>Marcação das PR CSC.</i> Fonte: Elaborado pela autora, 2016.	91
Figura 053. <i>Marcação das PR SNT.</i> Fonte: Elaborado pela autora, 2016.	91
Figura 054. <i>Marcação das PR CSC e SNT e dos pontos de interesse.</i> Fonte: Elaborado pela autora, 2016.	93

Figura 055. <i>Interesses da Peninha.</i>	99
Fonte: Elaborado a partir de <i>Inquérito aos Visitantes da Peninha de 1992</i> , 2016.	
Figura 056. <i>Visitantes na Peninha I.</i>	101
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 057. <i>Visitantes na Peninha II.</i>	101
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 058. <i>Visitantes na Peninha III.</i>	101
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 059. <i>Desenho da Fase de Concurso.</i>	102
Fonte: Marques Pereira, 2004.	
Figura 060. <i>Vista aérea da BMS, Construtora San José</i>	103
Fonte: Marques Pereira, 2004.	
Figura 061. <i>Biblioteca Municipal de Sintra</i> , Morais de Sousa.	104
Fonte: Marques Pereira, 2004.	
Figura 062. <i>Biblioteca Municipal de Sintra</i> , Morais de Sousa.	104
Fonte: Marques Pereira, 2004.	
Figura 063. <i>Biblioteca Municipal de Sintra</i> , Morais de Sousa.	104
Fonte: Marques Pereira, 2004.	
Figura 064. <i>Biblioteca Municipal de Sintra</i> , Morais de Sousa.	104
Fonte: Marques Pereira, 2004.	
<b>III. A proposta</b>	
Figura 065. <i>Subida da Peninha.</i>	111
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 066. <i>Caminho de pé posto.</i>	113
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 067. <i>Muros de contenção na Peninha.</i>	114
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	
Figura 068. <i>Saturnino visto do alto.</i>	114
Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	



Figura 069. <i>Vazio criado pelas antigas construções.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	114
Figura 070. <i>Rochas compondo um miradouro.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	114
Figura 071. <i>Vista do adro da Capela.</i> Fonte: Fotografia por Ana Domenti, 2016.	116
Figura 072. <i>Casas dos Romeiros.</i> Fonte: Fotografia por Ana Domenti, 2016.	116
Figura 073. <i>Casas dos Romeiros e envolvente.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	116
Figura 074. <i>Miradouro das Casas dos Romeiros.</i> Fonte: Fotografia por Ana Domenti, 2016.	116
Figura 075. <i>As ruínas de Saturnino.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	117
Figura 076. <i>PR10 no troço da Peninha I.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	120
Figura 077. <i>PR10 no troço da Peninha II.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	120
Figura 078. <i>PR10 no troço de Adrenunes I.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	120
Figura 079. <i>PR10 no troço de Adrenunes II.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	120
Figura 080. <i>Anta de Adrenunes.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	122
Figura 081. <i>Castelo dos Mouros e Palácio da Pena desde Adrenunes.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	122
Figura 082. <i>Peninha desde Adrenunes.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	122
Figura 083. <i>Vista da Fachada do Convento.</i> Fonte: Fotografia VMSA, 2012.	126

Figura 084. <i>Vista da Fachada Principal do Convento.</i> Fonte: Fotografia VMSA, 2012.	126
Figura 085. <i>Planta do piso 0.</i> Fonte: VMSA, 2012.	127
Figura 086. <i>Alçado Sul.</i> Fonte: VMSA, 2012.	127
Figura 087. <i>Corte.</i> Fonte: VMSA, 2012.	127
Figura 088. <i>Interior do claustro.</i> Fonte: Fotografia VMSA, 2012.	128
Figura 089. <i>Interior do Convento.</i> Fonte: Fotografia VMSA, 2012.	128
Figura 090. <i>Pormenor dos vãos.</i> Fonte: Fotografia VMSA, 2012.	128
Figura 091. <i>Piso Superior.</i> Fonte: Fotografia VMSA, 2012.	129
Figura 092. <i>Pormenor da estrutura em madeira.</i> Fonte: Fotografia VMSA, 2012.	129
Figura 093. <i>Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha.</i> Fonte: Fernando Guerra I FG + SG, 2012.	130
Figura 094. <i>Pormenor da Fachada.</i> Fonte: Fernando Guerra I FG + SG, 2012.	130
Figura 095. <i>Planta do piso 1.</i> Fonte: SAMI, 2012.	131
Figura 096. <i>Planta do piso 0.</i> Fonte: SAMI, 2012.	131
Figura 097. <i>Alçado Sul.</i> Fonte: SAMI, 2012.	131
Figura 098. <i>Vista do vão interior.</i> Fonte: Fernando Guerra I FG + SG, 2012.	133

Figura 099. <i>Interior do Centro Interpretativo.</i> Fonte: Fernando Guerra I FG + SG, 2012.	133
Figura 100. <i>Interior do Centro Interpretativo.</i> Fonte: Fernando Guerra I FG + SG, 2012.	133
Figura 101. <i>Paisagem da Ilha do Pico.</i> Fonte: Fernando Guerra I FG + SG, 2012.	134
 <b>IV. O Projeto</b>	
Figura 102. <i>Proposta na Peninha.</i> Fonte: Elaborado pela autora, 2016.	138
Figura 103. <i>Esquisso do miradouro a Este.</i> Fonte: Elaborado pela autora, 2016.	140
Figura 104. <i>Esquisso do miradouro a Sul.</i> Fonte: Elaborado pela autora, 2016.	140
Figura 105. Patologia: <i>Fendilhação I.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	144
Figura 106. Patologia: <i>Fendilhação II.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	144
Figura 107. Patologia: <i>Colonização biológica.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	144
Figura 108. Patologia: <i>Banco partido.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	144
Figura 109. Patologia: <i>Cantaria quebrada.</i> Fonte: Fotografia pela autora, 2016.	144
Figura 110. <i>Corte e Planta do CIAC.</i> Fonte: Elaborado pela autora, 2016.	146
Figura 111. <i>São Saturnino.</i> Fonte: Fotografia por Ana Damenti, 2016.	161

INTERVIR NO SAGRADO

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura aprofundar o significado de um conjunto arquitetónico sagrado localizado na Serra de Sintra. Como tema de estudo é apresentado o Santuário da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Peninha, em tempos ponto significativo de romagem e atualmente esvanecido das memórias dos fiéis.

Sensivelmente entre os limites de Sintra e Cascais e enquadrado no coração do Parque Natural de Sintra-Cascais, este Santuário vê as suas portas fechadas ao público desde o final dos anos 90, por ali serem frequentes atos de vandalismo.

Formam o Santuário da Peninha as ruínas de uma Ermida do século XII, uma Capela de riquíssimo interior e uma fonte do século XVII, um enigmático palacete do início do século XX e, ainda, três singelas casas que deveriam acolher peregrinos.

Para além do seu interesse patrimonial – que lhe valeu a classificação de IIP em 1977 – e natural – evidenciado pelo perímetro de área protegida em que o PNSC<sup>1</sup> se insere – este Santuário assenta as suas raízes em vestígios pré-históricos, conferindo-lhe um valor espiritual único.

Não é difícil entender o constante desejo do homem em regressar a este promontório e a necessidade em marcá-lo de distintos modos, seja através de manifestações megalíticas ou da construção de templos ou complexos edifícios que enaltecem o lado mais oculto da Serra de Sintra. Todas estas

---

1. Parque Natural de Sintra-Cascais.

## INTERVIR NO SAGRADO

construções e os motivos que escondem preenchem histórias e lendas que continuam a definir o Santuário da Peninha como um dos lugares mais místicos de Serra.

A importância do desenvolvimento deste tema e da escolha deste Santuário, surge como apelo à consciencialização do estado em que edifícios históricos com estas características estão sujeitos. Na verdade, um dos maiores problemas destas arquiteturas será o seu desenquadramento na sociedade contemporânea, em grande parte prejudicado pela construção de igrejas e capelas nos centros urbanos.

No entanto e tal como afirma Paulo Pereira, existem lugares capazes de conservar uma essência que se mantém ao longo do tempo.

*Por arquiteturas sagradas entende-se um conjunto de objetos, situações e conceitos cujos universo e alcance não é fácil definir. Ocorre-me de imediato um elenco de edifícios sagrados que constituem referências espirituais do homem ou, mais precisamente, lugares escolhidos pelo homem e por ele transformados (...).*

(Pereira, 2009, p. 10)

Tendo como premissa esta reflexão, o presente trabalho pretende aprofundar a qualidade sacra do Santuário da Peninha, desdobrando-o em outros sentidos para além do religioso e atribuindo-lhe, assim, um significado mais amplo. Efetivamente e à semelhança do que Paulo Pereira refere como “arquiteturas sagradas”, considera-se que a sua natureza se sustenta em ideais mais profundos do que única e exclusivamente à adoração de um deus.

Para uma melhor contextualização da Peninha, optou-se pelo estudo do local

em que o Santuário se insere – a Serra – e o seu significado ao longo do tempo.

Assim, propõe-se uma viagem até às memórias mais antigas de Sintra, estudando os diferentes comportamentos do homem perante a paisagem da sua Serra. É principalmente através da análise dos vestígios por ele deixados – pelas suas arquiteturas – que se irá entender o significado deste lugar.

Contudo, será esta uma leitura comum indiferente às mudanças culturais dos diferentes povos que em Sintra habitaram?

Com base numa profunda análise documental, concluiu-se que com a extinção das Ordens Religiosas em Portugal a partir do século XIX, o significado e a imagem que o homem tinha da Serra altera-se. Aquilo que foi durante longos séculos associado ao metafísico, começa a ser reclamado pelo homem da terra e durante os anos que se seguiram foi por ele manipulado. É em grande parte por isso que nos dias de hoje o regresso à Serra simboliza um retorno às origens espirituais, ao estímulo de outros sentidos e satisfação de desejos primitivos<sup>2</sup>.

Graças aos vários percursos do PNSC e ao testemunho de muitos participantes dessas caminhadas, entende-se que as romarias estão praticamente extintas, tendo o significado religioso adquirido um sentido mais comum. Importa, assim, reconhecer que atualmente a Serra proporciona um escape à voracidade das exigências sociais contemporâneas, sendo cada vez mais procurada por caminhantes que, sozinhos ou em grupos, procuram a relação primitiva entre homem e natureza.

---

2. Leiam-se como desejos primitivos a vontade em alcançar sempre os pontos mais altos.

## INTERVIR NO SAGRADO

Mas terá esta mudança no paradigma cultural afetado a Serra?

Apesar do seu *locus* se ter adaptado aos caminantes – através da proteção e salvaguarda das características naturais deste cenário – as arquiteturas que pretendiam enaltecer outros valores acabaram por perder a sua funcionalidade.

Deste modo, surge a análise ao Santuário da Peninha, descortinando através da sua história características hoje em dia entorpecidas. Cruzando uma vez mais o passado com o presente, assumem-se posições perante as marcas – no património e no território – deste lugar *mágico* (Pereira, 2009) capazes de dar uma nova vida às arquiteturas deste Santuário.

Assim, adotando-se duas intenções que relacionem o Santuário com a sociedade contemporânea, analisam-se as suas dependências interpretando a sua envolvente e (re)integrando, assim, os novos *peregrinos* – ou caminantes – na Serra de Sintra.

Deste modo, entendendo os valores históricos e paisagísticos deste ermo lugar e aproveitando as suas dependências, materializam-se três abordagens arquitetónicas diferentes: *conservação, restauro e reabilitação*.

*Esta é, quanto a mim, a essência dos lugares sagrados – e por alguma razão lhes chamo, por vezes, lugares mágicos. A partir de espaços relativamente indiferenciados, o homem criou através da edificação (...) lugares na paisagem, que iluminam essa própria paisagem ou o território, conferindo-lhe uma dimensão que antes não possuía ou que antes não era tão facilmente assimilável.*

(Pereira, 2009, p. 11)



Atendendo como premissa a definição de *lugares mágicos* de Paulo Pereira, o presente trabalho desenvolve-se em quatro capítulos principais: o primeiro faz referência à Serra de Sintra, aos seus valores históricos, culturais e naturais que permitem a contextualização do Santuário da Peninha; o segundo capítulo apresenta os conceitos de património e território como herança de outras épocas e procura entender a Peninha como síntese de todo o seu contexto serrano; o terceiro capítulo trata-se de uma interpretação dos anteriores que, com a ajuda de alguns projetos de referência se irá condensar numa proposta de intervenção desenvolvida ao longo do quarto capítulo.



*Um campo algures fora da cidade. Durante milhões de anos, dormiu sob uma manta de gelo. Então, um grupo de gente de maxilar inferior pronunciado instalou-se nele, acendeu as suas fogueiras e sobre um plinto de pedra esporadicamente sacrificou um animal a estranhos deuses. Decorreram milénios. Foi inventado o arado e semearam-se trigo e aveia. Os monges foram donos do terreno, depois o rei, depois um mercador e, por fim, um lavrador que recebeu uma generosa quantia do Governo a troco de submetê-lo ao avanço colorido de ranúnculos amarelos, malmequeres e trevos roxos.<sup>3</sup>*

---

3. (de Botton, 2013, p.287).



## CAPÍTULO I

# SINTRA, *SUI GENERIS*

*Sintra é o mais belo adeus da Europa quando enfim encontra o mar.* <sup>4</sup>

---

4. (Ferreira, 1998).



## 1. DE ORIENTE A OCIDENTE<sup>5</sup>

*Há cidades que cheiram a mar, outras a árvores, outras a fumo e a animais... Em Sintra a humidade das árvores prolonga-se para as casas e para a vila, por entre a sombra das copas, cheira a bosque e a mistério.*

(Rodrigues, 2013, p. 43)

São longínquas as primeiras referências bibliográficas sobre Sintra. O seu idílico cenário fez com que fosse reconhecida como um autêntico museu vivo, capaz de ajustar virtuosamente o seu singular património ao romanesco panorama.

É do entendimento comum que uma viagem até Sintra é uma viagem no tempo, uma passagem para épocas românticas, de luxo e de boémia, tal como nos é descrito por Eça de Queiroz (1845-1900) em *Os Maias* (1888). Mas Sintra é mais do que isso. É também natureza, é o regressar às origens, à terra. Aqui sente-se o soberbo poder dos seus montes e vales, sente-se espiritualidade, magia e mistério.

Ao longo deste capítulo pretende-se entender histórica, natural e culturalmente esta vila, facilitando a ideação de um fio condutor e que lhe valerá a compreensão da sua identidade *sui generis*.

Deste modo, para um entendimento de Sintra no presente, dos lugares que a caracterizam, das suas gentes, da sua natureza, propõe-se o recuo à origem, invocando alguns dos episódios históricos de interesse para o presente trabalho.

---

5. Do poema "O dos Castelos", in *Mensagem* de Fernando Pessoa.

É sabido que vários povos ocuparam Sintra, sendo no entanto difícil definir quais os primeiros, pela ausência de informação sobre os seus costumes, valores e hábitos (Caetano, 2007).

*A interpretação das crónicas e das descrições geográficas devidas a Avieno, Estrabão, Plínio ou Pompónio Mela dá do Ocidente da Península a visão de um território habitado por um mosaico de povos. (...) A falta de fontes contemporâneas para a Idade do Bronze, a mobilidade e conflitualidade desses tempos (...) parece criar uma espécie de poalha desordenada de sobreposições (...).*

(Pereira, 2011, p. 93)

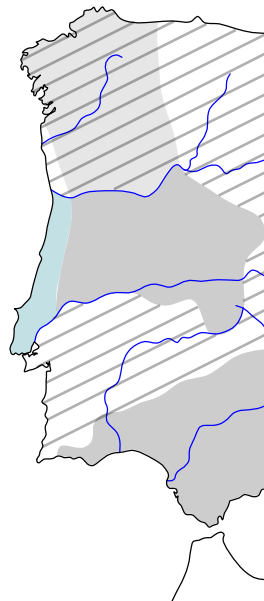
De entre as tribos que habitaram Sintra destacam-se os *Túrdulos*. Este povo de origem mediterrânica teria ocupado a área costeira limitada pelas fozes dos rios Tejo e Douro. Viviam, sobretudo, de rotas comerciais e demonstravam relações de afinidade com os *Turdetanos de Tartessos*<sup>6</sup>, o que facilitou a chegada dos romanos a Lisboa (Pereira, 2011).

É então que Sintra passa a figurar nos “(...) campos Olisiponenses (...)” (de Juromenha, 1838, p. 12) que por usufruir de direitos de município fazia parte da “(...) unica cidade<sup>7</sup> da Lusitania que (...) gosava d’este privilegio.” (dos Santos, 1990, p. 5).

A maioria do legado romano em Sintra desapareceu, segundo o autor de *Cintra Pinturesca* (1838), Visconde de Juromenha (1807-1887), “(...) pelo excessivo orgulho com que olhavam todos os outros povos da terra (...)” (p.8)

Ainda assim, existem alguns pontos no concelho onde, frequentemente,

Figura 001. *Túrdulos na Península Ibérica*, Elaborado pela autora, 2016



6. Os *Turdetanos de Tartessos* ocupavam a zona de Gibraltar desde o Algarve a Sierra Morena (Espanha). Este povo era o mais civilizado aquando da chegada dos romanos à Península Ibérica, sobretudo quando comparados aos *Lusitanos* que viviam na atual Beira Interior (Pereira, 2011).

7. Leia-se a cidade de Lisboa.



aparecem vestígios, entre os mais comuns, urnas e lápides sepulcrais.

O maior achado romano desta zona é, provavelmente, o das ruínas que se crê terem pertencido a um templo “(...) embaixo na praia, junto á rocha (...)” (de Juromenha, 1838, p.10), perto da foz do Rio das Maças. Apesar de terem sido identificadas em 2008 pela equipa do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, foi em 1505 que, pela primeira vez foram postas a descoberto. Na presença de ilustres personagens, de entre as quais se destaca el-Rei D. Manuel I, comemorou-se o grande feito arqueológico. Contudo, as dunas acabaram por gradualmente cobrir os vestígios, pelo que dessa época apenas resistiram os desenhos de Francisco de Holanda<sup>8</sup> (1517-1585), nos quais se evidenciam inscrições referentes ao Sol e à Lua, nome pelo qual a Serra de Sintra era conhecida no *Olissipo – Promontorium Lunae* ou Monte da Lua.

Desta época permaneceram também inúmeras lendas, de entre as quais se destacam histórias referentes a míticos seres.

Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.) terá sido o primeiro a mencionar a existência de enigmáticos animais na Serra de Sintra<sup>9</sup>. Segundo o antiquário romano num “(...) monte próximo do ópido de Olisipo<sup>10</sup> (...)” (cit. por Caetano, Almeida, 2007, p.58) existiam éguas selvagens que eram fecundadas pelo vento ocidental, *Zephyrus* ou *Favonius*<sup>11</sup>, e que davam à luz os potros mais

---

8. Francisco de Holanda (1517-1585) foi “(...) personagem tutelar da transição, mais pela sua produção teórica do que plástica (...) que vive com uma inegável persistência os reinados de D. João III, D. Sebastião e Filipe II (...)” (Pereira, 2011, p. 554).

9. Estes mitos, por tantas vezes repetidos acabavam por tornar-se quase verdades, pelo que no século IV, um dos primeiros autores cristãos, Lactâncio (240-320 d.C.), numa tentativa em legitimar a Natividade questiona aqueles que tomavam como verdade animais capazes de gerar dos ventos e punham em causa o milagroso nascimento de Jesus Cristo (Caetano, 2007).

10. Paulo Pereira confirma este testemunho citando o humanista Damião de Góis: “*Monte Tagro, que Varrão menciona, é na minha opinião aquele mesmo a que nós chamamos Serra de Sintra, da qual avança para o mar o Promontório da Lua, situado mais ou menos a vinte e quatro mil passos de Lisboa. (...)*” (Pereira, 2009, p.82).

11. Zéfiro e Favónio correspondem aos deuses e ventos que sopram de Oeste, respetivamente, o grego e o romano.

velozes alguma vez conhecidos, acabando, no entanto, por não atingir a vida adulta<sup>12</sup>.

A história desta vila toma novo rumo quando, por volta do séc. V d.C., Lisboa passa a ser dominada por povos do Norte – entre os quais suevos e visigodos – até à batalha de Guadalete, altura em que “(...) foi a Lusitania invadida do enxame de Mouros (...)” (de Juromenha, 1838, p.13).

*Desde que em 711 o Islão penetrou na Península, num surto rapidíssimo de ocupação territorial acompanhado por novas correntes técnicas (...) e culturais a vila de Sintra tornou-se um centro populacional bastante importante.*

(Serrão, 1990, p. 26)

---

12. A presença de velozes potros concebidos pelo vento nesta região é também reconhecida tanto por Virgílio (70-19 a.C.) na sua prestigiosa obra *Ilíada* como por Plínio-o-Velho (23/24-79 d.C.) em *Naturalis Historia*.

Figura 002. Sintra – Castelo dos Mouros, Pessanha, 1932.



Um dos maiores marcos de Sintra é o seu Castelo, popularmente conhecido como Castelo dos Mouros. Esta estrutura militar – metamorfose de uma primeira planeada pelos Túrdulos – foi “(...) reedificada pelos mouros no anno 713 (...)” (d’Arnoso, 19??, p.8).

É também nesta época que se inicia a construção do atual Paço da Vila ou Paço Real de Sintra. Poucos são os dados referentes à sua origem, sabendo-se no entanto, que antes de “(...) poiso preferido de D. João I (...)” (cit. por Proença, dos Santos, 1924, p.499) serviu como alcácer a Walis.

*O que era então o paço de Sintra? Apenas uma parte do atual corpo central, que D. João I decerto melhorou (...). Os grandes arcos ogivais sobre que assenta a então chamada sala grande ou dos infantes, (...) a capela, a câmara das pegas, são já citadas num inventário do tempo de D. Duarte, e as pequenas portas ogivais de algumas salas e frestas geminadas (como as da cozinha) são*

Figura 003. Sintra tirado naturall da parte de leste sueste, de Armas, séc. XVI.



*vestígios interiores do paço joanino, que teria um ar de fortaleza medieval, muros austeros e janelas raras.*

(cit. por Proença, dos Santos, 1924, p. 499)

Para além das estruturas bélicas que tornaram *Cintra*<sup>13</sup> um dos principais pontos fortificados na defesa da cidade de *Al-Ushbuna* (dos Santos, 1990), foi também nesta época que se desenvolveram notáveis técnicas a nível da agricultura.

*[Sintra] (...) é uma das vilas que dependem de Lisboa no Andaluz, nas proximidades do mar. Está permanentemente mergulhada numa bruma que se não dissipa. O seu clima é são e os habitantes vivem longo tempo. Tem dois castelos que são de extrema solidez. A vila está a cerca de uma milha do mar. Há aí um curso de água que se lança (...) e serve para a rega das hortas [...]. A região de Sintra é uma das regiões onde as maçãs são mais abundantes. Esses frutos atingem uma tal espessura que alguns chegam a ter quatro palmos de circunferência. Acontece o mesmo com as peras. Na serra de Sintra crescem violetas selvagens. Da costa vizinha extrai-se âmbar excelente.*

(Serrão, 1990, p.15-16)

Aos habitantes destas terras da periferia apodaram-se de *saloios*<sup>14</sup>. Dedicavam-se, maioritariamente, ao cultivo da terra e, apesar de terem resistido ao longo dos séculos, recentemente a sua etimologia adquiriu uma conotação negativa, tal como confirma J. Leite de Vasconcellos, o pai da *Etnografia Portuguesa*.

*(...) Saloio ou Çaloio (...) de origem arábica, e [que] significa fundamentalmente «habitante do campo, em oposição ao da cidade:*

---

13. O nome Sintra deriva de *Cintra*, ou *Cynthia*, símbolo da lua na Mitologia Celta.

14. Segundo Vítor Manuel Adrião, Sintra é "(...) a capital espiritual dos Saloios, Çaloios ou filhos de Saleh (...), [povo] para aqui emigrado da Mauritânia no século VIII d.C." (Adrião, 2007, p.12).



*apelidação, pois, de desdém com que muita gente polida da cidade designava a população inculta dos campos (...)*»

(Vasconcellos, 1994, p.428)

Após o domínio muçulmano de mais de quatrocentos anos<sup>15</sup> e de várias tentativas, D. Afonso Henriques logra, em 1147, a “(...) «justa causa» que era a conquista de Lisboa aos Inféis.” (Labourdette, 2001, p. 46) Sintra é tomada imediatamente após Lisboa<sup>16</sup>, tal como confirmam as referências desse tempo. Existe uma em particular<sup>17</sup>, revelada durante uma troca de correspondência por parte de um membro da hoste cristã – firmada apenas com a

15. Até 1147 os tempos foram agitados por rebeliões entre os povos do norte e do sul da Península Ibérica. Na verdade, D. Afonso VI de Leão e Castela ambicionava aumentar o seu poder territorial, pelo que decide tomar posse de várias terras muçulmanas – entre as quais Sintra – vontade categorizada por Vítor Serrão como *ensaios à reconquista*. À falta de pessoas e soldados para as povoarem e defenderem, D. Afonso VI introduz o sistema de *parias*, obrigando os seus habitantes a pagar impostos a câmbio de paz (de Juromenha, 1838).

16. Existe uma novelesca teoria sobre a tomada e consequente conversão de Lisboa. Baseia-se “(...) em huma Memoria antiga que existe na Torre do Tombo, que estando El-Rei (...) consultando o modo como havia de tomar a cidade (...) viu pelo mar vir huma grande armada de cento e cincoenta vellas, que demandavam terra junto á rocha de Cintra.” (de Juromenha, 1838, p.15). Ao saber que se tratavam de povos do Norte da Europa e do propósito da sua viagem – defender a fé cristã – lhes propõe El-Rei que “(...) em nenhum tempo e logar o podião melhor executar, [que] ajudando-o na (...) conquista de Lisboa.” (de Juromenha, 1838, p.15)

17. “Quando se podia esperar uma rápida nota descritiva numa carta a dar notícia do desfecho feliz da conquista de Lisboa, o leitor de hoje depara-se com um texto muito elaborado e carregado de referências eruditas, capaz de transmitir numa mão cheia de palavras a essência de uma realidade geográfica, funcional e histórica.” (de Matos, 2008, p.21-22).

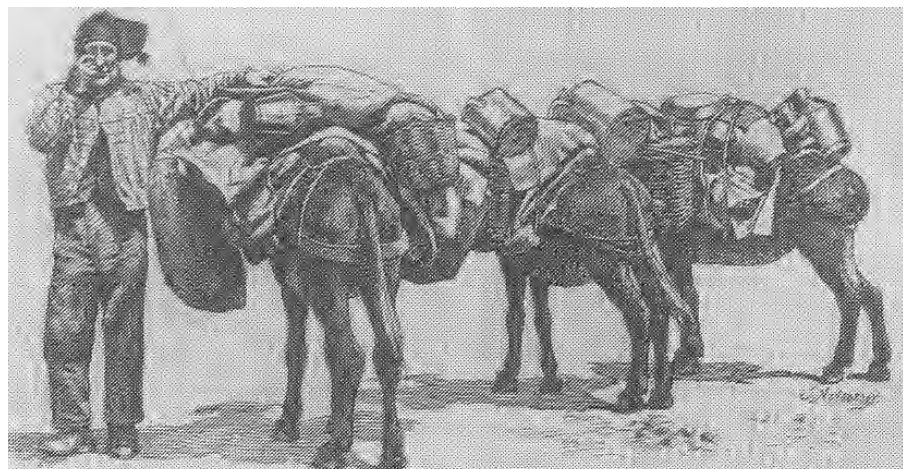


Figura 004. *Saloio vendedor de leite e queijos*, Novaes, 1903.

sigla R.<sup>18</sup> – que dando parte das boas novas e descrevendo a cidade recém tomada, menciona uma das várias lendas desta terra.

*Fica-lhe próximo o castelo de Sintra, à distância de quase oito milhas, no qual há uma fonte puríssima, cujas águas, a quem as bebe, dizem, abrandam a tosse e a tísica; por isso quando os naturais dali ouvem tossir alguém, logo depreendem que é um estranho.*

(de Matos, 2008, p. 37)

Depois das entendidas conversões, das quais resultaram na destruição de inúmeros edifícios de culto, D. Afonso Henriques inicia o processo de dar foral à vila em 1154, mas que apenas é obtido em 1189 já no reinado de D. Sancho. Durante tempos que se seguiram definiram-se os seus limites, estabeleceram-se leis militares e criminais e generosos privilégios foram doados a Sintra (de Juromenha, 1838).

*A villa de Cintra, que tem por armas um castello com tres torres, foi sempre residencia predilecta dos Reis de Portugal, que não se cansavam em lhe augmentar os privilegios.*

(d'Arnoso, 19??, p. 8)

Este reconhecimento monárquico fez com que a popularidade de Sintra crescesse entre a nobreza. Na verdade, durante os séculos subsequentes, importantes figuras da História de Portugal reconheceram nesta vila inúmeras qualidades, tendo-se dado o seu apogeu com a diáspora das Ordens Religiosas.

---

18. Apesar de ser ao capitão Ranulfo de Glanville que se atribui este testemunho, o autor João Sarmiento de Matos descarta essa hipótese, invocando o detalhe descritivo como algo anormal para um cavaleiro daquele tempo. Assim, considera ser "(...) evidente tratar-se de obra de um clérigo (...)", concretamente de "(...) H. Livermore, (...) autor da carta com um presbítero de nome Raul, normando vindo na armada cruzada (...) [e] guardião dos Mártires, (...)” (de Matos, 2008, p.27).

A natureza isolada e aprazível do *Monte da Lua* revelou ser o ambiente propício à prática das atividades dos clérigos. Assim, entre o final do século XIII e XIV, os freires Trinitários de São Bento instalam-se na Quinta da Trindade, enquanto que a Ordem de Cristo opta pelo Paço da Vila.

Pode dizer-se que esta diáspora religiosa foi facilitada pela expansão marítima portuguesa pois, das repetidas promessas e votos desta altura, resultava, muitas vezes, a construção de edifícios religiosos.

Efetivamente, foi por cumprimento de um voto feito por el-Rei D. Manuel I que para celebrar o regresso de Vasco da Gama da Índia demanda a ampliação da singela Capela da Nossa Senhora da Penha para *Mosteiro de Nossa Senhora da Penha Longa de Sintra* (Costa, 1941).

Servindo de residência aos frades de S. Jerónimo antes de se redefinirem em Santa Maria de Belém, foi fundado pelo Frei Fernando João que obtém a Bula *Piis votis fidelim*<sup>19</sup> do Papa e autorização régia d'O *Afortunado*, formalizando, finalmente, no século XVI a sua chegada ao alto da Serra.

Figura 005. *Capela de Nossa Senhora da Penha*, Costa, 1941.

Figura 006. *Sintra – Convento dos Capuchos*, Pessanha, 1932.

19. (Adrião, 2007, p.12).



A edificação do Convento dos Capuchos remonta também a esta época e, por isso, a um outro voto. Este recatado Convento deve a sua existência à devoção de D. João de Castro<sup>20</sup> com a Santa Cruz “(...) que o levou a pensar levantar em vida um templo em sua memória e, não o tendo conseguido, deixou a seu filho D. Álvaro a incumbência de edificar na serra de Sintra um Convento de Recolhidos Franciscanos, mas com a Invocação da Cruz.” (Costa, 1941, p.62)

É então por esta altura que surge “(...) a nova vaga renascentista e iluminista de Mestres-canteiros, pressuposta primitiva Maçonaria Operativa ou descendente dos Monges-Construtores medievais.” (Adrião, 2007, p.12). Estilos arquitetónicos começam por consolidar-se em Sintra, trazendo-lhe, uma vez mais, séquito. Ilustres arquitetos e escultores cunham a vila, como foi o caso do arquiteto francês Boytac, mais conhecido em terras lusas por Boitaca, ou ainda o do escultor Nicolau Chanterene, autor do retábulo de alabastro do

Figura 007. Sintra – Paço – Janelas Manuelinas, Pessanha, 1932.

Figura 008. Retábulo da Capela, de Nicolau Chanterene, Proença, 1924.

20. Vice-rei da Índia. (Costa, 1941, p.64).





Palácio da Pena<sup>21</sup> (Adrião, 2007).

*Esses Mestres do Renascimento, iniciado em Portugal (especificamente em Sintra, reinado de D. Afonso V) muito antes de em Itália, eram protegidos de todas as Cortes da Europa (...).*

(Adrião, 2007, p.13)

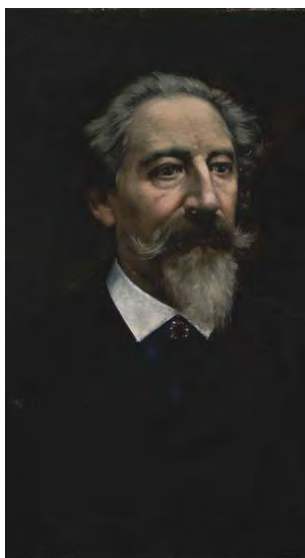
Contudo, no século XIX, o regime liberal determina a extinção das Ordens Religiosas, o que se refletiu no abandono da maioria das construções. Todavia e felizmente para algumas delas, famílias abastadas acabam por transformá-las em *quintas*<sup>22</sup> ou casas de campo, adaptando-as, assim, a novas funções. O exemplo mais notável foi, sem dúvida, o do Palácio da Pena. D. Fernando II (1816-1885) ou *O Rei Artista*, como rei católico e dedicado às artes, perdeu-se de amores pela vila e decide ampliar o então Mosteiro de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da

21. O retábulo do altar-mor é mandado fazer por D. João III para louvar o bem-sucedido parto da rainha D. Catarina. Apesar da origem francesa do escultor, o retábulo apresenta influências italianas (cit. por Proença, Lino, 1924, p.517).

22 "Por *Quinta*, entende-se hoje em dia uma parcela de terreno de tamanho variável, mas nunca muito extenso, com uma casa onde habitualmente vivem os proprietários. Contudo, a origem do termo remonta a muitos anos atrás, quanto um quinto de cada propriedade pertencia ao Rei. Esta palavra *Quinta*, adquire em Sintra um significado muito especial atendendo a que numa pequena área geográfica existem aproximadamente 200 quintas (...)" (Cardoso et. al., 1983, p. 9).

Figura 009. *King Fernando II (Saxe Coburg Gotta)*, José de Brito, 1882.

Figura 010. *Palácio da Pena*, Fotografia por Ana Domentti, 2016.



Penha Longa, tornando-o residência oficial, pela mão do Barão de Eschwege (1777-1855).

*Se a obra moderna do barão de Eschwege, (...) se não distingue pelos primores da arquitetura e a harmonia do conjunto, a extensa e caprichosa aglomeração de corpos que fantásticamente coroa aqueles montes arborizados não deixa de agradar pelo pitoresco e pela cor, simultaneamente rica e mimosa. Ponte levadiça, bastiões, ameias, outros devaneios românticos e alguns pormenores inestéticos, tudo se perdoa pelo feliz resultado cenográfico, pelo consórcio que se logrou obter com a natureza.*

(cit. por Proença, Lino, 1924, p. 515)

Entende-se que a importância de Sintra foi crescendo com o tempo, pelo que importa reconhecer a existência de lendas e histórias sem fim, muitos mais edifícios de inestimável valor patrimonial e, ainda, tantas outras personalidades das mais variadas épocas e artes que por Sintra se deixaram enamorar. Assim, considerando a história de Sintra tão extensa quanto a de Portugal, admite-se que apenas se optou por evidenciar os acontecimentos mais significativos para a presente investigação.

## 2. O MONTE DA LUA

A vila de Sintra conseguiu manter no tempo as suas características, sendo por isso o resumo de tudo o que a marcou historicamente e detentora de um ambiente místico capaz de reunir diferentes culturas, crenças e hábitos.

*O fim principal da história é fazer presentes para a nossa doutrina os séculos passados e estender na duração das memórias aquelas posteridades da fama (...).*

(cit. por de Matos, das Chagas, 2008, p.6)

Como foi visto, a grande *marca* deixada do passado é, provavelmente, ao nível da *arquitetura*. Entenda-se no termo tudo aquilo que se esconde para lá do mesmo, ou por outras palavras, entendam-se todas as grutas, menires, antas, dólmens, abrigos, templos, mesquitas, fortalezas, igrejas, paços, mosteiros e palácios.

O facto dessa *marca arquitetónica* ser, em Sintra, especialmente visível, deve-se ao esforço de instituições e particulares na preservação do seu património e romântico ambiente, este último avivado pela sua envolvente natural.

O papel da natureza em Sintra é, sem dúvida, protagonista na paisagem. Se não são pelas voluptuosas quintas, parques ou jardins que guarnecem o pitoresco panorama, é pela *insignis* Serra, que assinala toda a paisagem lisboeta.

Contudo, apesar de serem reconhecidas as vantagens da crescente popularidade da vila, esse aumento trouxe também algumas consequências para

este “terreno do idílio”<sup>23</sup>. Efetivamente, a pressão urbanística exercida pela cidade de Lisboa demanda a construção de infra-estruturas que facilitassem o transporte, refletindo-se na vontade da expansão das linhas férreas no princípio do século XX (Telles, 1997).

Após o reconhecimento do conceito de paisagem – introduzido no século XIX – instituições, medidas e classificações são criadas com o intuito de distinguir determinadas áreas e restringi-las a medidas de proteção especiais.

Surge, assim, a noção de *Área Protegida*<sup>24</sup> com o intuito de proteger, preservar e conservar as componentes ecológicas, geológicas, históricas e culturais de uma determinada zona.

*Desde a sua criação como Área Protegida (enquanto Área de Paisagem Protegida e posterior reclassificação em Parque Natural) é reconhecido o seu valor paisagístico, uma das componentes que levaram à sua classificação como tal.*

(Serrão, 1990, p. 13)

Figura 011. Parques Naturais de Portugal Continental, Elaborado pela autora, 2016.

A Serra de Sintra está atualmente integrada no *Parque Natural de Sintra-Cascais* – como seguimento da *Área de Paisagem Protegida de Sintra-Cascais*. Existem 10 Parques Naturais em Portugal Continental e de acordo com o NUTS, o PNSC<sup>25</sup> pertence à região de Lisboa e Vale do Tejo, especificamente à sub-região da Grande Lisboa Norte.

É delimitado a sul e a poente pelo Oceano Atlântico, numa extensão de linha de costa de cerca de 32 km. A sul é definido pela região de Cascais enquanto



23. (Serrão, 1990, p.13).

24. Apesar de não ser certo o ano em que este termo foi criado, atribui-se como primeira área protegida mundial o Parque Nacional de Yellowstone no ano de 1872. No entanto, a definição só é consolidada a partir do século XX, com a adesão de vários países e consequente reconhecimento legislativo.

25. O PNSC possui enquadrar-se entre as latitudes de 38° 40' N e 39° 0' N e as longitudes de 9° 15' W e 9° 30' W.

que a Ribeira do Falcão delimita-o a norte e nele se incluem a vila de Sintra e o Cabo da Roca. A criação do PNSC surge, não apenas como medida de controlo à pressão urbanista, mas também para proteger os valores históricos, culturais e naturais dos 14583 hectares pelos quais se regula entre os concelhos de Sintra, Cascais, Mafra e Torres Vedras<sup>26</sup>.

Em relação às espécies que habitam no PNSC, também foram estabelecidas normas de preservação. Na verdade, este Parque integra a Rede Natura 2000, uma rede europeia cujo objetivo é conservar a biodiversidade dos habitats e das suas espécies<sup>27</sup>.

Com a RN2000 colaboram vários países e a sua implementação pretende, uma vez mais, dotá-los de uma política de conservação e preservação da sua natureza e ecologia (Reis, 1997).

Em parceria com o Ministério do Ambiente, o ICNF sugere uma “*Lista Nacional de Sítios*” à RN2000, dos quais fazem parte uma série de lugares em território nacional que, tal como algumas zonas do PNSC, carecem de cuidados especiais. Efetivamente, em Portugal Continental foram classificados 60 Sítios de Importância Comunitária<sup>28</sup> (SIC) (mais o Sítio Ria de Aveiro) e 40 Zonas de Proteção Especial (ZPE).

*A silhueta ativa muitas vezes em contra-luz do perfil da serra, oferecendo-nos diferentes planos com diferentes luminosidades, consoante a altitude, a exposição e o coberto vegetal, constitui um espetáculo de invulgar beleza paisagística.*

(Reis, 1997, p. 102)

---

26. De Mafra e Torres Vedras o PNSC ocupa uma área de 4% e 2%, respetivamente.

27. Ao abrigo da *Habitats Directive Sites* (pSCI, SCI ou SAC) e da *Birds Directive Sites* (SPA), respetivamente.

28. O PNSC é assinalado como um destes 60 SIC.

Se por um lado estas classificações especiais garantem o futuro da Serra de Sintra, elas são, por outro, uma consequência de erros passados. A desatenção e o descuido a que a Serra esteve submetida até à criação do PNSC e posteriores reconhecimentos, provocaram danos irreversíveis na paisagem. Assim, à semelhança do método utilizado no primeiro subcapítulo, pretende-se aqui evidenciar a componente natural da Serra e entender o modo como isso definiu a sua história.

## Geologia

*O maciço montanhoso da Serra de Sintra sobressai isolado e escarpado a cerca de 300m acima das plataformas calcárias que o rodeiam, a norte S. João das Lampas e a sul Cascais, é de origem eruptiva e a sua idade está calculada entre os 80 e 85 milhões de anos.*

(de Sousa, 1997, p.15)

Esta Serra enquadra-se no *Maciço Eruptivo de Sintra* (MES) assinalado no período do Cretáceo Superior. Na sua formação, este corpo magmático aflorou numa matriz de rochas sedimentares onde predominavam os calcários. Os seus limites são definidos por uma auréola metamórfica formada pela alteração do contacto entre rochas sedimentares e magmáticas, conferindo-lhe uma forma aproximadamente elíptica. Nos limites norte e sul sobrepõem-se sobre os calcários várias dunas de distintos tipos de areias.

Figura 012. O PNSC enquadrado na sub-região da Grande Lisboa Norte, Elaborado pela autora a partir de <http://epic-web-gis-portugal.isa.ulisboa.pt/>, 2016.







## SINTRA, SUI GENERIS

Assim, desta formação sedimentar já do período Jurássico Superior, distinguem-se três variedades de rochas: sedimentares, magmáticas e metamórficas.

Das rochas sedimentares fazem parte os calcários e vários tipos de dunas e sedimentos, como é o caso dos aluviões<sup>29</sup>.

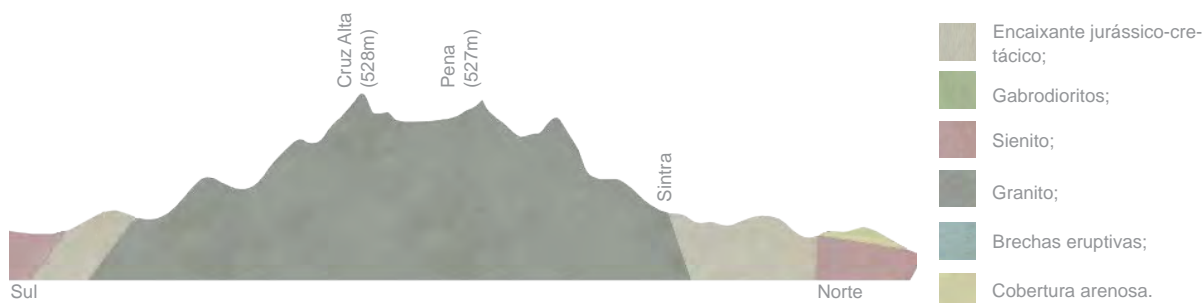
Já as rochas magmáticas apresentam-se em dois tipos – intrusivas e extrusivas – e variam entre granitos e basaltos que provém da formação do MES e dos filões formados no Complexo Vulcânico de Lisboa (CVL) à 72 Ma atrás. No que diz respeito às rochas do tipo metamórficas, elas resultam do referido metamorfismo de contacto entre as sedimentares e as magmáticas.

Atualmente na parte oriental da Serra encontram-se picos formados por amontoados de blocos magmáticos, enquanto que na zona ocidental, da evidente exposição aos agentes erosivos resulta uma morfologia mais desgastada.

29. No Cabo Raso, por exemplo, encontram-se dunas de areia, enquanto que as ribeiras da Serra são constituídas por aluviões.

Figura 013. *Corte geológico do maciço de Sintra*, Elaborado pela autora a partir de Galopim de Carvalho, 2016.

Figura 014. *Planta geológica do maciço de Sintra*, Elaborado pela autora a partir de Galopim de Carvalho, 2016.







## Clima

*Naquele dia, quando finalmente chegamos ao ponto mais elevado da Biblioteca, notamos que a neblina se dissipara e que era agora possível ver, ao longe, as chaminés e os torreões ecléticos do Palácio da Vila. No entanto, esse facto continuava a ser, de certa forma, irrelevante, já que, aqui mesmo, outras brumas vindas do Norte tinham descido sobre Sintra, marcando-a de forma indelével.*

(cit. por M. Pereira, Grande, 2004, p. 40)

O clima desta Serra é muito particular e característico. A sua localização geográfica induz a uma classificação própria, definida entre os autores por *clima mediterrâneo húmido*, por se considerar uma mescla entre os climas *continental*, *mediterrâneo* e *atlântico* (de Sousa, 1997).

A altitude e o avanço sobre o Oceano Atlântico fazem com que a Serra se comporte como uma barreira às massas de ar e nevoeiro marítimos, o que se traduz na sequidão dos limites norte e sul.

O seu dominante nevoeiro é consequência dos ventos<sup>30</sup> húmidos de noroeste que, quando em contacto com o denso manto verde, são condensados e acabam por formar um fenómeno muito característico destes cumes conhecido por *capacete* (de Sousa, 1997).

O nível de precipitação é, naturalmente, maior no outono e no inverno, tendo a formação destes nevoeiros a capacidade de duplicar a quantidade de água disponível nos meses mais quentes.

---

30. Estes ventos marítimos são responsáveis por deformações no crescimento das árvores na zona mais densa da mata, bem como dos pequenos arbustos costeiros.

Figura 015. *Árvore deformada pelos ventos marítimos na Peninha, Fotografia pela autora, 2016.*

Figura 016. *Arbustos deformados pelos ventos marítimos, Fotografia pela autora, 2016.*



*SINTRA, SUI GENERIS*





## O Monte da Lua

Figura 017. *Fenómeno metereológico conhecido por «capacete» visto de Cascais, Fotografia pela autora, 2016.*



*Em regiões de nevoeiros frequentes ou de chuviscos (fine misty rains), como perto dos oceanos ou em certas montanhas e seus vales, a precipitação devida ao nevoeiro (fog drip) pode, em certas estações, aumentar a precipitação que alcança o solo de quantidades duma a três vezes superiores às registadas a descoberto.*

*O montante desta precipitação cresce com a elevação das copas acima do terreno, com a superfície de exposição da folhagem na vertical e com a razão existente entre a mesma folhagem e a área basal (ground area).*

*(...) Na floresta, esse valor é maior na orla costeira, ou do lado do vento, e diminui para o interior.*

(Cit. por Gomes, 1957, p. 6)

## Relevo

*(...) Os montes tinham a ondulação de um troço da coluna vertebral de um animal gigantesco que se tivesse deitado para dormir e que, a qualquer momento, poderia despertar, erguendo no ar os seus vários quilómetros de altura e sacudindo do corpo os carvalhos e os cogumelos como se estes não fossem mais que pedaços de penugem agarrados ao feltro da sua pelagem verde.*

(de Botton, 2004, p.214)

A principal linha de cumeeada da Serra de Sintra é definida pelos seus pontos mais altos: o Castelo dos Mouros, a Cruz Alta, a Pedra Amarela, Monge, Picotos, Píncaros Novos e a Peninha. É importante referir que em qualquer um destes lugares, uma hipotética construção terá sempre impacto na vista de outros locais do território. Exemplo disso são as construções do Palácio da Pena, do Santuário da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Peninha e, ainda, a do Posto de Vigia da Pedra Amarela (Pimentel, 2004).

## O Monte da Lua

Figura 018. *A Peninha vista do ar – um dos pontos mais altos da Serra, Fotografia por João Jorge, 2016.*



## SINTRA, SUI GENERIS

*Quanto aos declives verifica-se uma diversidade de situações desde zonas planas a zonas muito acidentadas. Os declives mais acentuados evidenciam-se na Serra de Sintra, nas altas arribas costeiras (maiores que 45%) e nos vales encaixados das principais ribeiras (classe 25-45%). As zonas do Cabo da Roca/Guincho, envolvente sul interior à Serra e a norte da Serra de Sintra predominam os declives 0-5%, apenas interrompidos pelos vales encaixados nas ribeiras.*

(Pimentel, 2004, p.12)

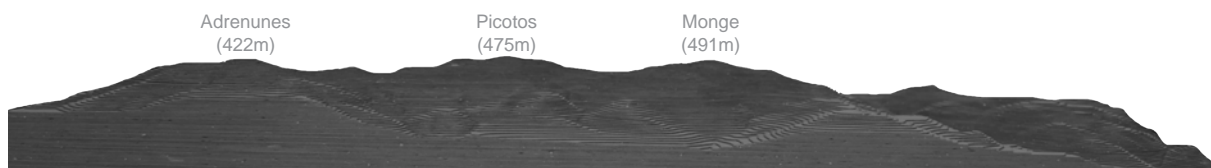
Apesar dos pontos assinalados, existem três montes sensivelmente no centro da Serra que, desde sempre, protagonizaram as histórias daquela terra. São popularmente conhecidos como «os três irmãos» e alinham-se com “o ponto mais ocidental da Europa”<sup>31</sup> (Pereira, 2009, p.82).

*Divisam-se da lomba, para lá dum pequeno vale maninho, com águas perdidas, e fetos, urzes e sargaços a vesti-lo duma courama baça, três altos cerros, dispostos em anfiteatro e a que, por sua idêntica configuração, chamaram «Os Três Irmãos». Três irmãos, cada um, aliás, com seu nome próprio: o do centro, cerro dos Picotos; o de E., do Monge; o de O., de Adrenunes (...).*

(cit. por Proença, Ribeiro, 1924, p.533)

31. “Toda a gente sabe que o Cabo [da Roca] é o ponto mais ocidental do Continente Europeu – há uma pontinha da Irlanda que fica meio grau mais a ocidente, mas é uma ilha, não é o Continente (...)” (Cabral, 1989, p.3).

Figura 019. Os três morros da Peninha, Elaborado a partir da maqueta da autora, 2016.





## Rede Hidrográfica

Nas zonas norte e litoral as ribeiras desenvolvem-se em vales encaixados em “V”, apresentam um caudal muito reduzido – que nos meses de verão podem até mesmo secar – e desaguam, na sua maioria, nas pequenas praias do litoral da Serra.

Destacam-se duas ribeiras serranas: a norte a *Ribeira de Colares*, que percorre aproximadamente 14 km desde a sua nascente, em Chão de Meninos, até a foz, na Praia das Maçãs, e a sul a *Ribeira de Vinhais*, que nasce a sudeste da Serra e desagua em Cascais. O comprimento desta última é 27,2 km e conta com inúmeros afluentes que preenchem a área sul da Serra. Os seus cursos adquirem nomes de topónimos por onde passam, sendo o mais conhecido o *Rio Mula* pela sua barragem que contribui para o abastecimento de Cascais.

## Flora

*Desta floresta o Homem começou, desde tempos imemoriais a criar a sua paisagem humanizada. Ora acontece que o Homem não é um animal da Floresta, o animal da Floresta é o macaco, não é o homem, tão pouco é um animal da estepe, o animal da estepe é o Carneiro. O Homem é um animal muito especial, todos nós sentimos e sabemos que o somos. O Homem é um animal da orla da Mata. Precisa da clareira e precisa da Mata. Precisa das duas coisas. E foi o que ele fez. Começou a fazer clareiras, só que as vezes foi tão longe que transformou tudo em clareira e desapareceu a Mata. (...)*

(Cabral, 1989, p.6)

É sabido que a vegetação de um determinado lugar é consequência, entre outros fatores, do solo e do clima. No caso da Serra de Sintra a vegetação



Figura 020. *Ulex europaeus* L. – espécie melífera frequente em matos secos, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 021. *Carpobrotus edulis* – espécie invasora outrora usada para fixar areias e assentar areias dunares, Fotografia pela autora, 2016.



Figura 022. *Hedera helix* no Santuário da Peninha – uma ameaça às espécies autóctenes das brechas dos rochedos, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 023. *Silene longicilia* (Brot.) ssp *cintrana* (Rothm.) Jeanmonod – espécie em perigo de extinção rara no PNSC, Fotografia pela autora, 2016

Figura 024. Pico no Santuário da Peninha, Fotografia pela autora, 2016

que hoje em dia a caracteriza não corresponde à primitiva. As explorações agrícolas e florestais, bem como as atividades de pastoreio por parte do homem, levaram à destruição de muitas áreas onde em tempos, espécies autóctones proliferaram. Estes excessos foram agravados pelo crescimento populacional e deram-se, sobretudo, nas zonas norte e costeira da Serra.

*Algum dia a Serra de Sintra terá sido totalmente revestida de floresta, apenas aflorando os acervos de enormes blocos graníticos que coroam a sua crista e se acumulam aqui e além pelas encostas.*

(Pinto da Silva, Correia, 1992, p.182)

Relativamente aos picos, foram sobretudo os incêndios – de causa natural mas, sobretudo, aqueles provocados pelo homem para a obtenção de pasto – que facilitaram o desaparecimento do coberto vegetal nativo.

*A princípio utilizada pela pastorícia, logo pela agricultura, não tardou que «Sintra» se tivesse tornado, pela pureza do seu ar e das suas águas, um lugar de refúgio (...) e de lazer da família reinante, de fidalgos e abonados burgueses nossos ou vindos de outras terras.*

(Pinto da Silva et al., 1991, p. 14)

Efetivamente, esta situação foi agravada com a criação dos supraditos parques e jardins, principalmente a partir do século XIX (Garcia et al., 2009), dos quais resultou a introdução de espécies exóticas.

*A vegetação originária de toda esta Região, incluindo a charneca de Sintra, era um carvalhal em que, pelo que se pode avaliar pelo que resta, predominavam duas espécies: o Carvalho Negral ou Carvalho Pardo da Beira (...) e o Sobreiro (...).*

(Cabral, 1989, p.5)

Das espécies enraizadas pelo homem as que mais rapidamente se multiplicaram foram os pinheiros, os eucaliptos e as acácias. Posteriormente as autóctenes como o medronheiro, o loureiro, o castanheiro, o sobreiro e ainda outros carvalhos, deram lugar a estas invasoras que, graças às características geológicas e condições climáticas, acabaram por tornara-se no elemento forte florístico em alguns pontos da Serra.

Contudo, a perda da maioria da vegetação autóctone não foi a única causa desta «paisagem humanizada»<sup>32</sup>. Na verdade, durante o final do século XX, uma nova vaga de incêndios causada pela acumulação de agulhas e pinhas dos pinheiros recém plantados conseguiu arrasar uma boa parte destas sobreviventes nativas.

*Até aos finais dos anos 50, podia-se ir apanhar lenha e pinhas à Serra, em determinados dias da semana. Havia alguns abusos, é certo; mas a Serra era, assim, limpa. Quis-se cortar o 'mal' pela raiz, era mais fácil: proibiu-se!*

(cit. por Cardoso et al., d'Encarnação, 2009, p. 3)

## Fauna

A presença do homem na serra virgem também teve consequências a nível da fauna, tendo sido as espécies de grande porte as que mais sentiram a sua intervenção na paisagem.

Atualmente uma série de *Lepidópteros* – mariposas –, aves, mamíferos de pequeno porte e, ainda, algumas espécies de répteis e anfíbios habitam as encostas da Serra. Naturalmente, é sobretudo a diversidade florística que

---

32. (Pimentel, 2004, p.14).

permite a existência das mariposas, bem como a das inúmeras espécies de aves. Os esconderijos servem de abrigo aos mamíferos, enquanto que o clima húmido garante a sobrevivência dos anfíbios e répteis.

Todo este ecossistema funciona em cadeia, pelo que qualquer perturbação poderia causar, uma vez mais, uma drástica mudança no panorama serrano. Apesar de tudo aquilo a que a Serra esteve sujeita, não lhe faltam reconhecimentos pelas suas características atuais. Na verdade, os seus valores naturais e patrimoniais valeram-lhe uma classificação internacional por parte da UNESCO. Foi em 1992 que da categoria de *Património Mundial* cria-se o título de *Paisagem Cultural* e, três anos mais tarde, a Serra de Sintra é eleita como a primeira *Paisagem Cultural da Europa*.

*A serra de Sintra prolonga-se por uma extensão de 10 km de compr. e 5 de larg. e uma periferia de 30 km, tendo o seu início na vila de Sintra, estendendo-se por toda a região de Colares, e acabando iminente ao oceano, na Praia da Adraga e Cabo da Roca. Escavada na parte que olha o mar, é revestida nas outras vertentes de variada e cerrada arborização, pinheiros, carvalhos, sobreiros, castanheiros olmos, azereiros, bordos, amieiros, etc. além das espécies exóticas que o homem ali introduziu. A exuberância excepcional desta vegetação faz da região de Sintra uma das maravilhas do sul da Europa (...).*

(Proença, 1924, p. 493)

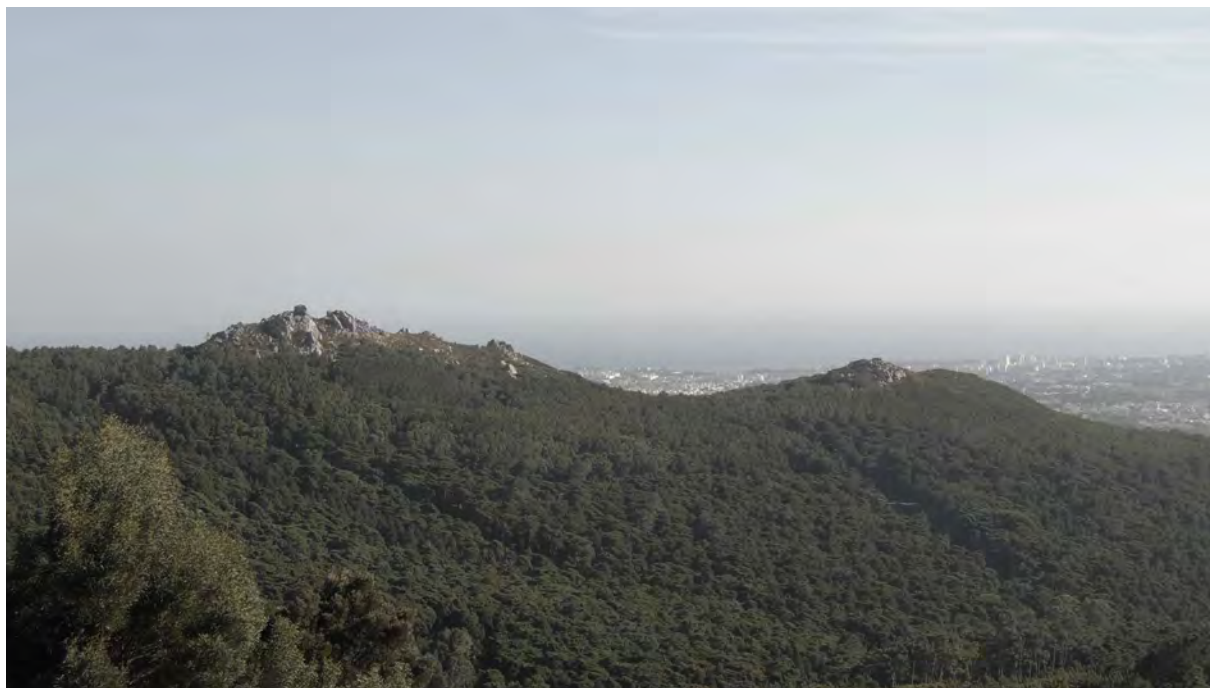
Ainda assim, na Serra de Sintra existem muitos lugares dedignados que, alheios aos reconhecimentos, estão completamente desamparados. Na verdade, apesar dos esforços perpetrados pelo ICNF e por outras entidades reguladoras do PNSC, há uma grande exigência relativamente aos cuidados que estas construções reclamam. Assim, é por isso fundamental estabelecer ligações com quem tem um papel mais ativo na Serra: o seu visitante.

## SINTRA, SUI GENERIS

*O voltar à Natureza! Ainda hoje, como ao longo de todos aqueles séculos, os saloios, a terra saloia, são sinónimo e alternativa para o refúgio mítico. No fundo, a terra saloia representou sempre para o lisboeta de todas as classes, a satisfação de uma série de ansiedade míticas: o ar puro, a água límpida e leve, a comida viva e abundante, o vinho puro e inofensivo do lavrador – o quadro dos prazeres simples e naturais.*

(Gaspar, 1993, p. 14)

Figura 025. *Penedos do Alvante no Cabeço da Raposa*, Fotografia pela autora, 2016.





### 3. PASSAGENS E PERMANÊNCIAS<sup>33</sup>

Após o estudo das mudanças que determinaram a história paisagista da Serra atual admite-se como hipótese de investigação que, apesar das várias designações que defendem os seus interesses patrimoniais, ainda existe um longo caminho a percorrer relativamente à conservação do seu património imóvel.

É do conhecimento geral que quanto mais protegido e escondido se pretende manter um lugar, mais sujeito ele fica ao vandalismo. A partilha de informação e conhecimento associados a um papel ativo das comunidades nestes isolados lugares, representam o primeiro passo para a sua proteção e atendimento.

Assim, o ICNF considera importante dar a conhecer estas áreas protegidas ao público colocando-as à disposição de todos através de diferentes atividades. Pretende-se, deste modo, evitar que a Serra se torne num lugar obscuro e improfícuo, restabelecendo-a como elemento essencial e acarinhado através da fomentação de vínculos emocionais com os seus visitantes.

Contudo, para que esta tarefa seja bem sucedida é essencial entender o papel da Serra na atualidade, aquilo que ela representa não só para aqueles que com ela convivem diariamente mas também para quem a visita pela primeira vez.

Cruzando, assim, as evidências históricas com a realidade do PNSC surgem

---

33. Leiam-se as *passagens* descritas por Pereira (2001) e as *permanências* de Pöete (Rossi, 2015, p.49).

os primeiros entendimentos acerca do simbólico papel desta Serra.

Pelo menos desde a 1ª metade do III milénio a.C. que a Serra de Sintra é palco de cultos siderais e místéricos (Gandra, 2000.), tendo sido os povos pré-históricos os primeiros a incluí-la em celebrações e cultos, tal como confirmam as *manifestações megalíticas*.

*Por «megalitismo» (do grego megas = grande e lithos = pedra) entende-se um conjunto de manifestações humanas que na área portuguesa se situam, cronologicamente, por volta de entre 4500 a.C. e 2500 a.C., abrangendo todo o território nacional, caracterizado, basicamente, pelo uso de grandes blocos de pedra na edificação de estruturas na sua grande maioria de destino funerário e ritual.*

(Pereira, 2011, p. 30)

Vieram, como foi dito, as lendas, os mitos e as Ordens Religiosas que adensaram ainda mais a atmosfera *per si* sagrada e que tornaram, esta Serra, um lugar eclético em memórias.

Mas o que estimula o regresso do homem à Serra? Que tipo de relação se perpetua ao longo dos séculos e se enquadra num sentido absoluto a todas as culturas? É legítimo afirmar num sentido espiritual não estando ele associado a uma religião específica?

Sanjoy Mazumdar<sup>34</sup> no seu artigo *Religious place attachment, squatting and «qualitative» research: a commentary*<sup>35</sup> faz referência a apegos religiosos e o modo como eles sugestionam o retorno a um lugar.

*The subjects of place attachment, the longing people have for particular places, and the actions people take to reach and settle in*

---

34. Professor de Planeamento Urbano, Políticas e Design no Massachusetts Institute of Technology.

35. (S. Mazumdar, 2005).



*such places, have not been fully understood. The literature informs us that many people develop mild to strong attachment to place, and that particular places can become part of one's identity (...)*

(Mazumdar, 2005, p. 87)

Mazumdar baseia-se em estudos de Possick<sup>36</sup> que questiona se os *attachments* a determinados lugares terão como base ligações religiosas ou ideológicas. Possick apresenta no seu estudo um grupo de judeus que, em virtude da diáspora judaica, regressa a Israel. Neste caso específico, a ligação – ou *attachment* – que leva o grupo estudado a este lugar é de carácter religioso, pois baseia-se em escrituras que integram na crença judaica. (Mazumdar, 2005).

Como conclusão entende-se que:

*(...) the way to recognize whether the attachment exhibited is religious or not is to examine if there are any connections to religion, religious beliefs<sup>37</sup> and ideas (...).*

(Mazumdar, 2005, p. 88)

Assim, aplicando o pensamento de Mazumdar na Serra de Sintra, admite-se que o *attachment* aqui assegurado é de carácter ideológico, pois aquilo que motiva o retorno do homem está inerente à sua condição e, como tal, suplantase a ideais ou crenças.

*(...) O isolamento geográfico reforçava a atmosfera de solidão na zona de serviço de refeições (...)*

(de Botton, 2004, p. 54)

---

36. (C. Possick, 2004).

37. Após uma exaustiva análise a passagens bíblicas, costumes e crenças judaicos, entendeu-se o resultado como juízo de um direito divino, considerando a ligação territorial um *religious attachment*. No entanto, segundo Mazumdar, este *attachment* assenta-se em convicções: "It is the belief that matters the most. The ideal or preferred life or place expressed in religion can be compelling." (Mazumdar, 2005, p.93)

Na verdade, apesar do cenário serrano ser ideal aos fundamentos religiosos, reconhece-se nele uma essência ecuménica, pela sua capacidade paradoxal em se adequar a diferentes culturas sempre com o mesmo sentido.

*Não há abismo, nem torrente, nem rocha que a religião e a poesia não impregnem. (...)*

(de Botton, 2004, p. 163)

Existem dois aspetos que tornam os ambientes serranos – e a Serra de Sintra em particular – em lugares essenciais para a natureza humana. Se, por um lado, a ascensão geográfica do Monte da Lua relativamente ao casario envolvente suscita particular mérito à dicotomia terra e céu, por outro o afastamento em relação ao mesmo torna-o num lugar reservado e como tal, propício à meditação.

O ambiente místico aqui sentido – e comprovado pela história – é enfatizado pela sua configuração natural. O estar num lugar virtuoso e imaculado sabendo que a ação humana é subjugada à força da natureza transmite, inconscientemente, a ideia de que aquele terreno não faz parte do nosso domínio natural, sendo por isso, desconhecido e imprevisível.

*(...) Mas, porquê o prazer? Porquê buscarmos o sentimento da nossa pequenez – comprazendo-nos nela? (...)*

(de Botton, 2004, p. 165)

Assim, uma viagem pela Serra de Sintra permite experimentar diversas sensações.

A sua morfologia submete a um percurso em ascensão, de baixo para cima – ou da terra para o céu. A verticalidade do arvoredos conduz a visão para o

alto que, no conjunto da sua densidade, aventa à reflexão, tornando imediata uma associação espiritual à viagem.

*(...) A linha vertical (...). É o símbolo do infinito, do extêse e da emoção. Para segui-la, o homem detém-se, ergue os olhos até ao céu, afastando-se da sua diretriz normal. A linha vertical rompe-se no céu, perde-se nele, e nunca encontra obstáculos e limites, ilude acerca do seu comprimento, é por isso símbolo do sublime. (...)*

(Zevi, 2002, p. 161)

Após o recolhimento experimentado na proteção da mata surge, no homem, a necessidade da exposição, de estabelecer um contacto visual, posicionando-se mentalmente no espaço. Esta decisão é sinónimo de afirmação territorial e pretende vencer as barreiras naturais numa tentativa autoritária.

*(...) A linha horizontal (...). Quando (...), por instinto mimético, “seguimos” a linha horizontal, nos damos conta de que ela dá o sentido do imanente, do racional, do intelectual. É paralela à terra sobre a qual o homem caminha, acompanha por isso o seu andar; (...) não dá lugar a ilusões acerca do seu comprimento; seguindo a sua trajetória, encontra-se sempre um obstáculo qualquer que sublinha o seu limite.*

(Zevi, 2002, p. 161)

No caso da experiência da Serra, o estar acima e conseguir ver a linha do horizonte abaixo do nosso plano suscita, no homem, precisamente o oposto daquilo que Zevi refere por racionalidade, ou seja, dá lugar à ilusão e a devaneios mentais.

Esta conquista é um triunfo perante a indomável natureza. É nestes lugares que o homem sente a necessidade em *marcar* o território, mostrar a outros que ali chegou, dominou e venceu.

Todavía importa esclarecer o que modo como tudo isto é estimulado no homem pluricultural. Entende-se o gesto da Serra, mas o que é *isto* que se mantém ao longo do tempo?

A resposta a estas questões apoia-se na intenção do lugar, na sua memória *sentida*, ou por outras palavras, naquilo que Rossi identifica como o seu *locus*.

*(...) el valor del locus entendido como la relación singular y, sin embargo, universal que existe entre cierta situación local y las construcciones del lugar. En el mundo clásico se le daba un gran valor a la elección del lugar para una construcción concreta o una ciudad; la situación, el sitio, estaba gobernado por el genius loci, una divinidad local intermedia que presidía todo aquello que ocurría en ese lugar.*

(Rossi, 2015, p. 119)

Apesar de ter servido nos cultos à terra-mãe, a múltiplos deuses, a só um, a nenhum, à natureza ou simplesmente à introspecção e meditação pessoais, a Serra assistiu e continua a assistir o homem quando este procura um refúgio, um escape, elevando-o física e espiritualmente dos seus problemas e transportando-o para um lugar de reflexão místico e isolado.

*(...) Mas, quando um trovão abala toda a cidade, entro instintivamente na Sé. Um vasto silêncio de cúpulas, de largas superfícies nuas afoga-me em pesadelo. As naves estão desertas e mergulhadas na obscuridade de um peso de chuvada batendo nos vitrais, prolongando no seu rumor uma memória de catacumbas, de aturdimento e refúgio. (...)*

(Ferreira, 2009, p. 223)

Para além de Rossi, Peter Zumthor explora o conceito de *atmosfera* como aquilo que “(...) comunica com a nossa percepção emocional (...)” (2009, p.13).

*Entro num edifício, vejo um espaço e transmite-se uma atmosfera e numa fracção de segundo sinto o que é.*

(Zumthor, 2009, p.11-13)

A necessidade em retornar a estes lugares influencia no tipo de *marca* aqui deixada, que pretende responder e (deveria) respeitar o *locus*. No entanto, as características agrestes deste território tornam, por vezes, particularmente difícil *manter*<sup>38</sup> estas arquiteturas.

*A bela arquitetura será a arquitetura que tem um espaço (...) que nos atrai, nos eleva, nos subjuga espiritualmente (...).*

(Zevi, 2002, p. 24)

Como foi dito ao longo deste capítulo, as intervenções arquitetónicas na Serra de Sintra estão subordinadas a restritos regulamentos. Efetivamente, a maioria das construções são apreciadas como edifícios de alto valor histórico e cultural, pelo que a sua data de construção remonta a séculos anteriores ao vigente.

Apesar do significado da Serra ser constante no homem, o modo como ele o interpreta e a estratégia utilizada na sua representação irá variar consoante os seus princípios culturais. Consequentemente, e como acontece no Monte da Lua, a falta de um uso para estas arquiteturas favorece o seu abandono e leva à recolocação da problemática do seu significado no século XXI.

É por isso que muitas delas acabam por cair no esquecimento, pois incapazes de dialogar com os visitantes, acabam por servir apenas como mais um elemento paisagístico.

---

38. Entenda-se aqui uma duplicidade no verbo manter: por um lado, interceder contra o rigor da natureza que aumenta a deterioração destas construções enquanto que por outro, manter as tradições e princípios que as geraram.

É verdade que se esta participação do edifício no homem e vice-versa não for concretizada pode dar-se a perda da sua identidade arquitetónica e, consequentemente, a completa alienação do objeto.

Assim, o presente trabalho pretende expor um destes anacrónicos exemplos que se encontra fechado ao público desde o final do século XX.

O Santuário da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Peninha, incapaz de comunicar através das suas arquiteturas, apenas consegue conectar com as dezenas de curiosos que diariamente recebe – ironicamente atraídos pela destemida construção – através da vista que lhes proporciona.

Em boa verdade, este *marco* paisagístico deveria exprimir um viagem através da história da sua arquitetura, começando pela época da reconquista cristã – altura em que foi fundada a primeira Ermida – até aos dias de hoje.

*Considero que o património cultural, e em especial o património imóvel, seja ele constituído por monumentos “clássicos” (como por exemplo, os palácios ou os grandes conjuntos monásticos), seja ele constituído por monumentos e sítios arqueológicos (como por exemplo, as ruínas, paisagens monumentalizadas ou arqueopaisagens), possuem uma capacidade de evocação que motivam uma espécie de experiência de “passagem”, uma experiência não apenas estética mas existencial.*

(Pereira, 2001, p. 6)

Paulo Pereira refere como *lugares de passagem* aqueles que, à semelhança do que acontece na Peninha, estão desarticulados temporalmente do contexto social contemporâneo.

Assim, a falta de uma (re)interpretação suscita, desde logo, a questão que define os princípios da conservação e do restauro. Apesar das múltiplas opiniões, pode dizer-se que um dos – senão os – três fundamentos a destacar



Figura 026. O Santuário atualmente encerrado ao público, Fotografia pela autora, 2016.

são: o conhecimento sobre o passado, a compreensão daquilo que o lugar se revela no presente e uma reflexão sobre o seu futuro.

Aldo Rossi em 1978 procura responder a estas questões refletindo, precisamente, sobre *passado e futuro*. Segundo o seu livro *La Arquitectura de la Ciudad*, Rossi considera o edifício histórico como uma *permanência*, um *passado presente*, um edifício que se destaca temporalmente dos restantes mas, ao igual que eles, deve continuar a ser vivido (Rossi, 2015).

*Además, para estas consideraciones debemos tener presente que (...) la diferencia entre el pasado y el futuro consiste precisamente en que el primero se experimenta en parte en el presente y que (...) este puede ser el significado que hay que dar a las permanencias: un pasado que aún experimentamos.*

(Rossi, 2015, p. 48-49)

Rossi considera-o um testemunho vivo do passado, baseando-se em teorias de geógrafos-historiadores, de entre os quais se destaca Marcel Pöete<sup>39</sup>.

Para Poëte, os elementos constituintes de uma cidade – diretrizes, estradas, caminhos e edifícios – são definidos por *factos urbanos*, e no seu trabalho, eles são distinguidos como geradores da evolução da cidade.

A comprovar a teoria de Poëte têm-se exemplos como o das igrejas de Santa Maria del Fiore em Florença ou da Sé em Lisboa. Apesar das suas diferentes origens, ambas se enquadram nesta definição, pois para além do seu carácter histórico-cultural, são criadoras de uma malha urbana que se mantém ao longo dos séculos.<sup>40</sup>

---

39. Marcel César Pöete (1866-1950) é natural de Rougemont, na Suíça, foi um bibliotecário e historiador de planos urbanos em Paris.

40. No lugar da Sé esteve localizado um *forum* romano e, no período islâmico, uma mesquita.



Contudo, segundo Rossi, as mudanças culturais podem refletir-se na anulação do valor de determinados edifícios, dos quais apenas subsiste o seu *locus*.

*(...) A veces estos ecos permanecen, están dotados de una vitalidad continua, y a veces se extinguen; quedan entonces la permanencia de las formas, los signos físicos, el locus.*

(Rossi, 2015, p. 49)

Assim, para melhor entender o significado destes *lugares de passagem* é necessária uma *viagem* pelo tempo até à sua origem, entendendo, assim, os três princípios referidos na página anterior e que definem o edifício histórico como testemunho de três tempos diferentes: passado, presente e futuro.

*(...) a origem de algo é a proveniência da sua essência.*

(Heidegger, 2014, p. 9)



## CAPÍTULO II

# *NO MEIO DAS COISAS*

*Sintra não são pedras velhas, nem coisas góticas... Sintra é isto, uma pouca de água, um bocado de musgo... Isto é um paraíso!* <sup>41</sup>

---

41. (Queiroz, 2005).



## 1. O PATRIMÓNIO

No capítulo *Sintra, sui generis* falou-se de passado, de presente e da articulação do passado no presente. *No meio das coisas* desenvolver-se-á de acordo com as três convicções que encerram o capítulo passado: o que o edifício foi, o que desse tempo resta – o locus – e o que ambiciona ser.

Assim, em primeiro lugar *O Património* dedica-se à história da Peninha através de uma viagem até à sua origem, entendendo que motivos levaram os primeiros homens da Serra a este ponto e sob que preceitos as suas arquiteturas se baseiam.

*(...) la arqueología, la historia de la arquitectura y las propias historias de las ciudades nos aportan una documentación muy amplia.*

(Rossi, 2015, 148)

Desta análise e enquadramento históricos irá seguir-se, ainda no presente capítulo, uma apreciação daquilo que subsistiu na Peninha até aos dias de hoje e do que se perdeu. *À posteriori*, como epítome do trabalho e entendendo o valor e as limitações do Santuário, ajustar-se-á um projeto que justifique o que deve ser mantido, como e porquê.

Sobre o referido processo de leitura desta paisagem monumentalizada, entende-se que ele começa de modo muito singular: *in medias res*.

A expressão latina *in medias res*<sup>42</sup> é recorrentemente utilizada na literatura como método narrativo, no qual a história é contada em analepse, ou seja,

---

42. Esta expressão foi usada pela primeira vez pelo poeta Horácio (65-8 a.C.) na sua obra *Ars Poetica* enquanto descreve o ideal de um poema epopeico.

dando-se uma intermissão de factos passados no tempo presente da narrativa.

*Antiquity imagery captured a moment in media res in which all phenomena whose nature is suddenly to break out, departure and arrive again, simultaneously, in another mental stage, performing as a unified composition in an unconditional and unchanging duration.*

(Karoussos, s.d.)

Neste trabalho procura-se adaptar o seu significado à interpretação arquitectónica, ajustando-a metaforicamente à experiência do conhecimento histórico de um monumento.

Assim, enquadrado a expressão *in medias res* aos contextos referidos por Paulo Pereira sobre *passagens de tempo no espaço*, entende-se que este processo parte duma época presente para a sua origem e é partir daí que é feita análise cronológica até à atualidade.

Paulo Pereira define esta ‘viagem’ ao passado como “(...) *uma «saída» da ordem reconhecível das coisas* – ou seja, da ordem quotidiana, comum e banal das coisas que nos rodeiam e que constituem o nosso quadro de vida –, e uma *«entrada» numa espécie de falha ou censura temporal e espacial*, por vezes inesperada e insólita, muitas vezes estranha (...)” (Pereira, 2001, p. 6).

*Em arquitetura – raciocinou-se – existe o mesmo elemento “tempo”, ou melhor, esse elemento é indispensável à atividade de construção: da primeira cabana, da primeira caverna do homem primitivo à nossa casa, à igreja, à escola, ao escritório onde trabalhamos, todas as obras de arquitetura, para serem compreendidas e vividas, requerem o tempo da nossa caminhada, a quarta dimensão.*

(Zevi, 2002, p.23)

Figura 027. *Santuário da Peninha*, Elaborado pela autora a partir de <http://www.virtualbirdseye.com/map/map.htm?t=pbpqebdj>, 2016.





I – Ermida de São Saturnino

II – Capela da N<sup>a</sup>  
S<sup>a</sup> da Peninha e  
Palacete de Carvalho  
Monteiro

III – Casas do Caseiro  
e dos Romeiros



### A Ermida de São Saturnino

*Fechada ao culto desde há muitos anos, a ermida de São Saturnino tem servido para tudo menos para testemunhar uma época heróica e uma filosofia de vida voltada para os valores do espírito.*

(Alves, 2001, p.9)

A Ermida de São Saturnino é o grande testemunho do Santuário. Sobre as suas origens pouco se sabe, apenas que assenta sobre vestígios de ocupação milenar, brindando a sua construção com um simbolismo e significado excelsos.

Efetivamente, pelos penedos do Santuário podem encontrar-se pequenas covas escavadas na rocha e cujo sentido é mais profundo do que aquele que se pode achar. Esta prática corrente durante o *Paleolítico* e o *Neolítico*, pretendia louvar a terra-mãe depositando oferendas em depressões encontradas nas penhas mais próximas ao céu (Adrião, 2007).

Contudo é junto à Ermida de São Saturnino que um maior indício pré-histórico perdura. Trata-se de uma diminuta área criada através de pequenas pedras que sustentam um dos grandes blocos graníticos<sup>43</sup>. Acredita-se que este lugar serviu como câmara sepulcral pois, à semelhança de muitos outros promontórios<sup>44</sup> a sua criação é associada a monumentos funerários.

O facto deste lugar ter sido usada como lugar fúnebre durante a pré-história influenciou, claramente, a edificação desta Ermida. Na verdade, é importante compreender a origem do seu orago e o motivo que levou à sua devoção

Figura 028. Covinhas dedicadas ao culto votivo, Fotografia pela autora, 2015.



43. Este vestígio encontra-se atualmente engolido pela vegetação, à semelhança da cisterna romano-árabe em meia lua com quatro metros de profundidade.

44. Veja-se como exemplo a *Anta de Adrenunes*, o monumento mais próximo do Santuário.



neste ponto serrano.

Segundo a mitologia grega, a figura mitológica de *Saturno*<sup>45</sup> era conhecida não só pelo seu tamanho mas também pelo seu voraz apetite, ao qual nem os seus próprios filhos lhe escapariam<sup>46</sup>. Ela representa o tempo, impaciente e ingovernável por ser impossível controlar o seu passar.

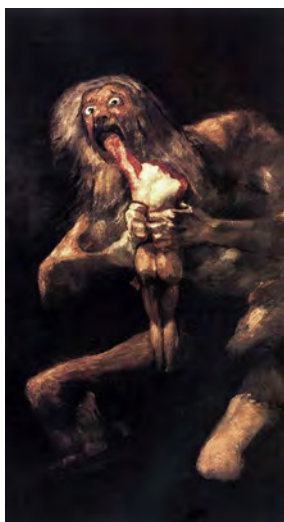
*Saturnino ou Saturno é também o deus Cronos, o deus do Tempo, que demarca os Ciclos tradicionais da Vida e que acaba alegorizando nesse gigante mitológico que devora os seus próprios filhos (...).*

(Adrião, 2007, p. 269)

Foi a figura mitológica que inspirou a que consta na hagiografia cristã (Adrião, 2007). Acredita-se que S. Saturnino<sup>47</sup> foi um bispo mártir do século III a quem são atribuídos inúmeros milagres e conversões<sup>48</sup>.

Diz-se que ao ser “(...) levado a sacrificar aos deuses pelo governador romano, recusou-se a incensá-los. Assim, foi amarrado a um touro que ia ser sacrificado e levado a rastos pelo animal, que em correria o arrastou pelas escadas do templo, causando-lhe a sua morte.” (Alves, 2001, p.9)

Figura 029. *Saturno devorando a un hijo*, Francisco Goya, 1819-1893.



O aparecimento de uma ermida em seu louvor na Serra de Sintra é, sem dúvida, um acontecimento invulgar pois “(...) embora tenha sido bastante

45. *Saturno* ou *Cronos* correspondem ao deus do tempo, respetivamente, o romano e o grego.

46. Importa referir que esta Ermida foi utilizada durante muito tempo como cemitério de nados nascidos, simbolicamente associados aos filhos de Saturno, como se verá mais adiante.

47. Sobre o local da morte deste bispo os autores divergem. Uns, como é o caso da jornalista Teresa Marques Alves, mencionam a cidade de Toulouse em França, enquanto que outros como é o caso de Vítor M. Adrião, certificam ter sido a cidade de Tolosa, em Espanha, o local de sua morte. Acredita-se que a dúvida em relação ao local está relacionada com a tradução de *Toulouse* (França) e *Tolosa* (Espanha). Contudo, e segundo Omar Englebert no volume II da sua obra *Vida de Santos*, é em Espanha que o bispo foi sacrificado.

48. As mais conhecidas são a de um fazendeiro de nome *Honesto*, que juntamente com *São Papul* se tornou companheiro de Saturnino. Sabe-se também que batizou *São Firmino*, futuro bispo dos Gauleses. (Adrião, 2007, p. 271).

difundido, estabeleceu-se, geralmente, na parte Norte e Oriental da Península.” (Rodil, 1997, p.9)

Sobre a construção propriamente dita sabe-se que é resultado de várias metamorfoses ao longo do tempo. Apesar de não haver documentação anterior à data da reconquista cristã, existem indícios que levam a crer que a sua origem é anterior a esse período.

Como foi referido no início deste trabalho, a partir de 1147 importantes doações foram feitas, não só às ordens de milícia, mas também a outros senhores da Corte (Juromenha, 1838).

A Ermida de São Saturnino foi uma dessas doações ao *alferes-mor*<sup>49</sup> de D. Afonso Henriques, Pero Pais<sup>50</sup>, reconhecido como “(...) pessoa muito ilustre (...)” e “(...) muito estimado (...)” (de Juromenha, 1838, p.100), acabando por aqui assumir o papel de ermitão (Garcia, 1997).

É importante referir que a maioria destes “(...) atos em favor do eremitismo individual (...)” (Garcia, 1997, p.89) foram feitos durante o reinado de D. Afonso Henriques. A doação a Pero Pais é feita em 1192<sup>51</sup>, pela mão de D. Sancho I, acreditando-se por isso estar associada à fraca densidade populacional nesta zona de Sintra<sup>52</sup>.

Assim, “(...) a ser correto que Pêro Pais se limitou a procurar solidão ali, (...) é provável que o templo já existisse.” ([SA], 1991, p.2)

---

49. Alferes-mor, o mesmo que *signifer* ou porta-bandeira.

50. Pêro Paes da Maia, também conhecido como O Alferes pertencia “(...) à linhagem dos Maiais, (...) uma das mais antigas de Portugal e que teve origem em D. Ramiro II, rei de Leão (...)” (Alves, 2001, p. 9). Era filho de D. Chama Gomes e Dom Paio Soares (1094-1129) “(...) rico-homem da corte condal, onde exerceu os cargos de mordomo-mor (1097) e de alferes-mor (1112) (...)” (Pizarro, 1997, p. 252), casado com Dona Elvira Viegas de Riba Douro, da qual teve vários filhos.

51. (Juozenas et al., 1999, p.5).

52. Até 1147 os povos que habitavam Sintra e Cascais seriam os referidos *Saloios*.

Sabe-se que D. Sancho I restringiu os sucessores desta Ermida, insistindo que não poderia vir a pertencer a nenhum mosteiro ou Ordem Religiosa. Contudo, foi precisamente o primeiro donatário a infringir esta vontade, por não encontrar ali a entendida solidão, decide entrar para o Mosteiro de S. Vicente de Fora<sup>53</sup>, em Lisboa, doando todos os seus bens ao cônego do Mosteiro (Marques, 19??).

Até ao final do século XIV, a prioridade continua a ser povoar estes lugares, pelo que Saturnino passa a ser arrendado a agricultores.

É importante voltar a referir que as Ordens em Sintra fizeram-se acompanhar de um surto construtivo de novas ermidas, capelas e conventos. Efetivamente e como foi visto no primeiro capítulo, por aqui se mantiveram até, pelo menos ao século XVI, altura em que se decidem fazer obras de beneficiação na singela Ermida. A partir de então, ela torna-se num dos pontos de peregrinação mais importante para os habitantes destas zonas (Soares, 2013).

---

53. Pêro Pais permanece e clausura neste mosteiro até ao ano de 1198, mais concretamente até ao dia de sua morte que é, por coincidência, o dia em que se comemora o Santo Saturnino, a 29 de novembro.



Figura 030. *Ermida de São Saturnino*, SIPA, s.d.

## NO MEIO DAS COISAS

Criou-se a Confraria de São Saturnino<sup>54</sup> a quem cabia juntamente com o ermitão<sup>55</sup> responsável, a organização do calendário das missas e círios que ali se davam (Garcia, 1997).

*(...) os arrendatários (...) denominados ermitãos, passam a habitar o morro da Peninha (...)*

(Garcia, 1997, p. 89)

Na verdade, estes arrendatários da Ermida de *Sansadorninho*<sup>56</sup> eram os habitantes destas aldeias – os *saloios* – humildes agricultores que se dedicavam ao cultivo da terra.

*(...) Mais claro: a primitiva gente de que provieram os Saloios, regulando-se pelo étimo, constava pois de Mouros e Cristãos<sup>57</sup>. E até observava Herculano que, quanto à população da cidade e arredores, depois da reconquista, o elemento cristão, pelo decurso dos tempos, absorveu em si o mourisco.*

(de Vasconcellos, 1994, p. 272)

Não obstante, durante as noites, episódios profanos aconteciam na Ermida, pelo que os Padres Vicente apressam-se a fechar as suas portas em 1683 (Soares, 2013). O seu espólio é retirado e repartido por igrejas das redondezas, o que levou ao desaparecimento da sua maioria.

*(...) um devoto morador na povoação de Almuinhas Velhas, [que] receando o seu desaparecimento, retirou várias alfaias do templo e conservou-as em sua casa, tendo posteriormente depositado as*

---

54. A primeira referência que existe sobre a confraria de S. Saturnino de Alcabideche data de 8 de março de 1657 (Cardoso et. al, 2009, p. 384).

55. A partir do século XVI "(...) os arrendatários (...) denominados ermitãos, passam a habitar o morro da Peninha (...)" (Garcia, 1997, p. 89).

56. Étimo saloio de São Saturnino (Marques et al., 1986, p. 153).

57. Efetivamente, foram as interações entre Mouros e Cristãos nas zonas mais resistentes do país que deram origem ao termo *Moçárabe*, do qual deriva a população saloia.

*peças na igreja de Alcabideche*<sup>58</sup> (...)

(Garcia, 1997, p.91)

Em tempos aqui reluziu um belo frontal de altar em azulejo, reproduzido por Luis Keil na obra *Azulejos Datados* de Vergílio Correia<sup>59</sup> e atualmente exposto no Museu Nacional do Azulejo. De ornato circular, pode ler-se no seu interior: «*Esta obra mandaram fazer os oficiais da Nao Nossa Senhora da Oliveira de Guimarães, era de 1636*» (Correia, 1956, p.68). Como assinatura lê-se «*De Guimarois – Era de 1639*».

Este painel teria sido oblação de marinheiros da nau *Gimarois* que, prestes a naufragar no Cabo da Roca adjuraram socorro, logrando escapar assim, da morte certa.<sup>60</sup>

58. Este ato de salvaguarda de património induziu a uma atribuição errónea no que diz respeito ao espólio de Saturnino que foi imputado ao Círio Saloio de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> do Cabo (Cardoso et al., 2009).

59. Vergílio Correia (1888-1944) "(...) foi um notável historiador de Arte e probo investigador de documentos subsidiários da mesma (...)". *Azulejos Datados* (1956) trata-se de uma compilação de obras dispersas compiladas em dois volumes, de edição dirigida por D. Alice Correia. (Correia, 1956).

60. Atualmente este frontal encontra-se no Museu Nacional do Azulejo, em Lisboa.

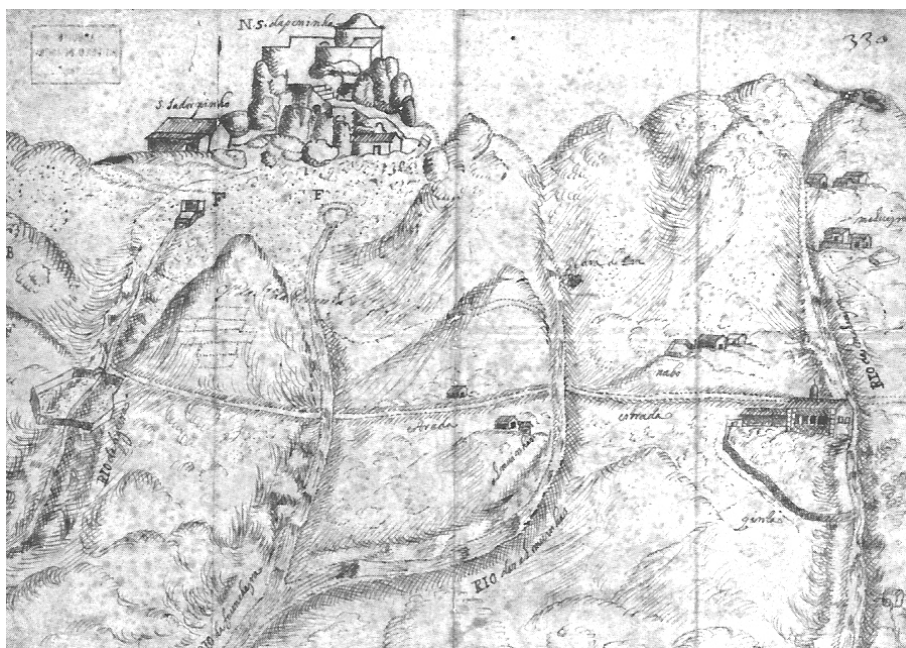
Figura 031. Serra de Sintra – Ermida de São Saturnino: Motivo central do altar, José Meco, 1990.

Figura 032. Vista para o altar do interior da Ermida de São Saturnino, Fotografia pela autora, 2016.





Figura 033. Desenho antigo assinalando a Capela da Peninha, a Igreja de São Saturnino e os seus principais acessos, Azevedo, s.d.



Ainda sobre os pertences que resistiram a extravios, uma mitra de prata ornamentada com pedras preciosas datada de 1764 pode contemplar-se no Museu Nacional de Arte Antiga (Azevedo, 1980).

Contudo, apesar dos esforços em manter a Ermida, a sua popularidade decresce, sobretudo a partir do século XVIII quando uma outra foi construída no ponto mais alto do Santuário.

### A Capela da Peninha

*A Peninha namora-nos lá do cimo, com as ingremes escadas que lhe dão acesso, toda branca destacando-se como uma mortalha de virgem no puro azul do céu.*

(d'Arnos, 19??, p.12)

Segundo conta Frei Agostinho de Santa Maria em 1707<sup>61</sup>, durante o reinado de D. João III deu-se neste outeiro um milagre que envolvia uma menina muda das redondezas (Cardoso et al., 2009). A lenda foi correndo de boca em boca e, apesar de atualmente o culto se ter perdido, foi graças a ela que o Santuário chegou a ser considerado um dos maiores pontos de romagem local.

*(...) a esse lugar afluíam inúmeros «círios» e romarias, os quais, e extravazando o âmbito meramente local, adquiriram um evidente carácter regional, isto se atendermos sobretudo à vasta área geográfica envolvida; alongando-se o seu limite máximo até Lisboa, (...) e mais a norte, ao Milharado, no concelho de Mafra.*

(Cardoso et al., 2009, p.386)

---

61. (Cardoso et al., 2009, p.386).

A lenda da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Peninha diz respeito a uma pastorinha saloia que por estes ermos lugares apascentava as ovelhas. Certo dia, uma delas, ter-se-á tresmalhado até ao cimo do monte, parando junto a uma menina *linda como os amores*. A pastora – de quem a voz não se conhecia – pediu que lhe fosse devolvido o animal, ao que a menina – que outra não era se não N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> – ordena que leve a ovelha e a alimente com o pão que estaria guardado na arca de sua casa (d’Arnos, 19??).

Após a insistência, a pastorinha volta para casa e, ao contar à incrédula mãe o sucedido, encontra seis pães na dita arca.

A notícia rapidamente se espalhou por Almoinhas Velhas e, no dia crástino, “(...) os paes da pastora e mais pessoas da aldeia foram ao cume da montanha, e no local onde appareceu a menina, descobriram entre umas pedras a imagem da Senhora que hoje se venera (...)” (Pinto, 1919, p. 30)<sup>62</sup> Após três dias consecutivos procurando manter a imagem em Saturnino, Ela voltava por aparecer sempre no topo dos penhascos.

*Desde então, o Povo não teve mais dúvidas. Aquele era o local escolhido pela Senhora<sup>63</sup>, era ali que ela queria morar e ali fizeram uma capela pobre e de má construção (...)*

(de Sousa, 1991, p. 58)

Entendida a vontade, os romeiros da Malveira da Serra decidem então erguer uma Capela. Segundo a lenda, um outro milagre acontece<sup>64</sup>.

---

62. Ver anexo, p. 160-161.

63. Conta-se que a teimosia da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> em querer permanecer no ponto mais alto estaria associada à vista que dali se alcança, dado que “a Senhora da Peninha tem sete irmãs, por isso quis ir para o alto do penhasco, porque aí avistava as sete irmãs, que são: a Senhora da Atalaia, a Senhora da Pena, a Senhora da Penha de França (Quinta da Arriaga, próxima de Almoçageme), Santa Eufêmia, Santa Quitéria de Meca (...), Santa Baliza (Guia, Cascais), e a Senhora do Cabo (Espichel [...]).” (Adrião, 2007, p.274).

64. Ver anexo, p. 161.



*Inquietos, interrogavam-se os operários: «Como edificar a ermida, se aqui não há água?». Logo uma voz se fez ouvir: «A água aparecerá». Com efeito, de imediato brotou uma nascente. Perto dela vincaram-se depois as depressões deixadas pelas patas do cavalo onde montava a Senhora aparecida a um mareante que, andando à deriva no mar, invocou o Seu auxílio e o milagre deu-se.*

(Soares, 2013, p. 301)

Contudo, três foram as tentativas em construir o templo à N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição e que falhavam à custa da falta de conhecimentos construtivos inidóneos às condições rigorosas da Serra. É então que a imagem de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> permanece até aos finais do século XVII “(...) com hospitalidade, em baixo, em casa de S. Saturnino (...)” (cit. por Proença, Ribeiro, 1924, p.535)<sup>65</sup>.

Porém, no ano de 1673 é finalmente erguida a atual Capela. Frei Pedro da Conceição, “(...) canteiro de ofício e homem iluminado, deixou-se prender pelos encantos místicos do lugar” (cit. por Proença, Ribeiro, 1924, p.535) e aos 28 anos “(...) resolveu passar o resto da vida em adoração à Virgem, e tendo visitado aquelle monte, pensou em construir alli uma capella.” (Pinto, 1919, p.29).

Contudo e não esquecendo que era aos Padres Vicentes a quem o Santuário pertencia por fideicomisso, foi proposto a Pedro da Conceição que as esmolas arrecadadas para a construção fossem por ambas partes divididas, proposta que o ermitão recusou. Mais tarde outro inconveniente foi levantado pelos Padres Carmelitas que decidem reclamar o Santuário, por ser a Ordem a que pertencia Fr. Pedro. No entanto, o ermitão, mantendo-se firme ao seu propósito, resolve os contratempos e consegue “(...) do Arcebispo de Lisboa

---

65. Segundo alguns autores, como é o caso de Visconde da Juromenha em *Cintra Pinturesca*, a imagem ficaria até 1673 numa terceira capela construída com as esmolas dos habitantes de Colares, Sintra, Cascais e outros das redondezas (Juromenha, 1838, p.172-173).

## NO MEIO DAS COISAS

que lhe fosse dado continuar e concluir a sua obra.” (d’Arnos, 19??, p. 12)

Logrou finalmente a construção da atual Capela<sup>66</sup> cumprindo, assim, a sua vontade nos finais do século XVII<sup>67</sup>.

Atestado pela inscrição lapidar no seu interior, Pedro da Conceição acaba por falecer a 18 de Setembro de 1726.

*S<sup>a</sup> DO IRMITA.  
Õ. P<sup>o</sup> DA CÕCE  
ÇÃO PEDE HV  
P. N. E. HVA. A  
VE. M<sup>a</sup> PELOS  
BE FEITORS  
FAL.º EM. 18 DE  
SETRº D. 1726. ã.*

Traduzido:

*Sepultura do irmitão  
Pedro da Conceição pede  
Um Padre Nosso e uma  
Avé-Maria pelos bem-feitores.  
Faleceu em 18  
De Setembro de 1726.<sup>68</sup>*

Por cima do arco triunfal, outra inscrição assela este acontecimento:

*O I. P<sup>o</sup> FES ESTA. OBRA.  
COM ESMOLAS. DOS FIEIS.  
ANº DE 1690<sup>69</sup>*

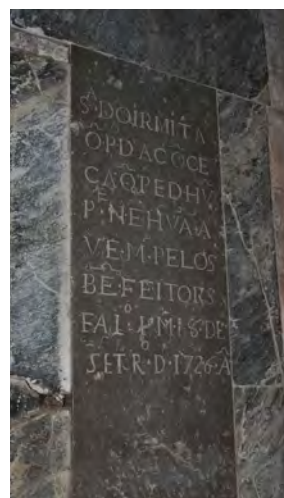
66. Foi também Fr. Pedro da Conceição que “(...) lavrou os degraus de pedra dura que lhe dão acesso e calçou de tijolo o eirado. Os degraus atuais não são os primitivos” (Azevedo, 1980, p. 16) e ainda construiu três casas que serviam os romeiros que vinham venerar a N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição (Soares, 2013).

67. Para além das esmolas dos vizinhos de Malveira da Serra, Azóia, Almoçageme e Colares, El-Rei D. Pedro II também participa com doações para asselar a construção (Adrião, 2007, p. 272).

68. Tradução segundo José A. da Costa Azevedo em *Velharias de Sintra I*, citando a obra *Inscrições Lapidares de Sintra* de Cordeiro de Sousa, editada pela Câmara de Sintra em 1959.

69 “O irmão Pedro fez esta obra com esmolas dos fiéis. – Ano de 1690.” (Azevedo, 1980, p. 17).

Figura 034. Inscrição lapidar da Capela de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Peninha, Fotografia pela autora, 2015.



A contrastar com a simplicidade exterior das construções, o interior da Capela é riquíssimo. Desenvolve-se numa nave de 5 metros de largura com um altar mais estreito e elevado.

Não há dúvidas que o elemento de maior destaque no interior são os azulejos que revestem toda a nave. Estes “*lindos azulejos azues e brancos*” (Pinto, 1919, p.31) traduzem os 44 passos da Virgem Maria, sob a assinatura de P.M.P. (Sebastião, 1991, p. 2).

Apesar de ser atribuída a Manuel dos Santos<sup>70</sup>, a autoria destes painéis permanece, até aos dias de hoje, incerta.

*O desenho deste painel e dos centrais é admirável pela correção das figuras, algumas das quais estão vestidas rigorosamente com modas do século anterior, e pela suavidade das cores. São verdadeiras pinturas de mestre. Quem fosse este mestre, ignoro-o.*

(Correia, 1956, p. 68)

O Prof. Vergílio Correia (1888-1944) pressupõe que possam ser atribuídos a dois pintores estrangeiros que, à data, viviam em Lisboa: Júlio Cesar de Famine e Vicente Baccarelli, pois as “(...) figuras são absolutamente italianas.” (Correia, 1956, p. 68)

Todavia, o Prof. Dr. Reynaldo dos Santos (1880-1979), na obra *Azulejo em Portugal* (1957) acrescenta que “(...) são do estilo de António Bernardes, azulejista e decorador do séc. XVIII e que, atendendo à sua data (1711)<sup>71</sup> e a outras afinidades, a atribuição é verossímil.” (cit. por Azevedo, dos Santos,

---

70. “(...) os dados referentes à vida e actividade de Manuel dos Santos continuam a ser bastante reduzidos (...). Não se sabe onde vivia, com quem vivava nem quando ou onde nasceu e morreu.”

71. Num dos painéis da parte interna do tímpano estão representados quatro anjos movimentando-se graciosamente e envolvendo a data 1711.

1980, p.19)

Os azulejos estão divididos em três secções. A primeira reveste a parte inferior da parede e é composta por quadros mais pequenos de azul garrido, de oito cenas de cada lado, que representam dezasseis episódios da vida da Virgem. A segunda secção vai dos lambris até à cimalha e narram outros doze eventos. Por último, a revestir a abóbada tem-se a terceira secção, que retrata capítulos da infância de Jesus. (Correia, 1956).

A capela-mor, o arco triunfal e o púlpito apresentam um conjunto de embutidos mármores daquela região<sup>72</sup> de “(...) decoração exuberante de inspiração italianizante.” (Juozenas et al., 1991, p. 5)

Os mármores brancos, negros, rosados e amarelos desenham fantasias,

---

72. Segundo Visconde da Juromenha, “(...) he de marmores de varias cores, que descobrio [Pedro da Conceição] naquelles sitios, e de embutidos, em cujas obras gastou grande parte de huma herança que teve de hum parente do Ultramar.” (Juromenha, 1838, p. 174).



Figura 035. *Data na parte interna do tímpano da Capela, Fotografia pela autora, 2015.*

Figura 036. *Embutidos em mármore alusivos às pinturas de Saturnino, Fotografia pela autora, 2015.*

Figura 037. *Retábulo da Peninha – pormenor de um dos nichos, Fotografia pela autora, 2015.*







Figura 038. *Interior da Capela da Peninha*, Fotografia pela autora, 2015.

rosetas, óvulos e caneluras, fazendo alusão às pinturas que existiram na capela-mor de Saturnino<sup>73</sup> (Correia, 1956).

Segundo o artigo nº 5 da *Revista de Collares* de 1995<sup>74</sup> o retábulo da Capela remonta a 1690 e é atribuído ao arquiteto João Antunes e ao pintor Ayres de Carvalho.

Em tempos, o altar serviu as imagens de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição, de Santa Rita de Cássia, de S. Miguel Arcanjo, S. José, Santo Agostinho e outra ainda que se associava a S. Saturnino. (Azevedo, 1980, p. 19)

*(...) No Monte da Peninha tem-se homenageado, até ao presente, (...) não apenas a Mãe Celeste, mas também Santa Rita de Cássia (...); São Saturnino (...) São Miguel (...).*

(Soares, 2013, p.302)

Na sacristia, segundo o autor Vítor M. Adrião, existe ainda uma pia de água benta do início do século XVIII cravada numa das paredes, em mármore de tons azuis. (Adrião, 2007, p. 29)

### A Fonte dos Romeiros

Apesar da construção da Capela ter tido um impacto negativo em Saturnino, logrou simultaneamente o renascer daquele ponto de romagem. Na verdade, os círios foram retomados, desta vez em adoração à N<sup>a</sup> S<sup>a</sup>, o que levou à reconstrução da fonte que serve o Santuário e que remonta ao século XVI.

A Fonte dos Romeiros, como popularmente ficou conhecida, é alimentada por uma mina de água natural e a sua forma comprova o motivo pelo qual

---

73. Na Ermida de São Saturnino ainda se podem observar vestígios dos humildes frescos no arco triunfal.

74. [SA], in *Revista de Collares*, nº 5, Dezembro de 1995, p.4.

foi reerguida. Dois braços servem de bancos aos peregrinos que, separados pelo carreiro de água que escorre da bica, aliviam os pés das íngremes subidas.

No interior da bica, uma inscrição evidencia esta reconstrução:

*De Lisboa os devotos de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Peninha que a festejam pelo Espírito Santo mandaram fazer esta fonte no ano de 1739.*

(Cardoso et al., 2009, p. 387)

Para além da sua forma, a Fonte apresenta uma outra particularidade. Uma segunda bica, no interior, permitia aos visitantes despejar a água para o exterior até uma segunda, onde os animais saciavam a sua sede<sup>75</sup>.

A água – naqueles tempos um bem condicionado –, era aproveitada para diferentes fins. Assim, beneficiando do declive deste morro, ela era conduzi-

---

75. Esta bica interior é em fibrocimento, enquanto que a exterior é em pedra, pelo que se deduz que a primeira se trata de uma réplica da primitiva.



Figura 039. *Fonte dos Romeiros*, Fotografia elaborada pela autora, 2016.



da por um pequeno carreiro para um tanque e reutilizada pelas lavadeiras saloias. Deste tanque partia para um outro maior, e depois deste outro ainda<sup>76</sup>, evitando, assim, desperdícios e servindo o maior número de pessoas possível.

Os anos que se seguiram são de círios e adoração. Efetivamente, apesar de terem perdido popularidade, as festas saloias continuaram – ainda que mais controladas – até ao século XX.

*A romagem da Nossa Senhora da Peninha foi perdendo a denominação de círio, embora reunisse todo o condicionalismo para assim ser qualificada. (...)*

(Soares, 2013, p. 302)

---

76. Na Peninha existem cinco tanques diferentes.



Figura 040. Vestígios do painel de azulejos de 1739, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 041. Bica interior que conduz a água até ao exterior, Fotografia pela autora, 2016.



### O Palacete de Carvalho Monteiro

É então que, uma vez mais, uma reviravolta se dá na história do Santuário<sup>77</sup>. O capitalista mais conhecido de Sintra, o Dr. António Augusto Carvalho Monteiro<sup>78</sup>, intrigado pela sua história e magia, escolhe ali viver os últimos anos da sua vida, à semelhança dos anteriores anacoretas.

Sobre este “(...) culto, grande colecionador e camonianista (...)” (Azevedo, 1980, p.20), motejado *Monteiro dos Milhões*, várias histórias conjecturam o verdadeiro motivo que o levou a este “(...) lugar singelo e agreste onde o Céu roça a Terra” (Adrião, 2007, p.277).

Apesar de inúmeras especulações associadas a excelsos interesses que em pouco ou nada se ajustam à genuína ligação salaia com o Santuário, é indiscutível que *Monteiro dos Milhões* mantinha por Portugal e, claro, por Sintra, profunda admiração e gosto.

*(...) Carvalho Monteiro (...) conhecedor e fiel seguidor da alma portuguesa, a construção terá sido mais um passo na sua missão de espelhar em terras sintrenses, e num ponto estratégico e energeticamente determinante, a grande gesta lusitana (...).”*

(Rodil, 1997, p. 9)

Este *ponto estratégico* referido pelo jornalista João Rodil, influenciou a escolha, pois Carvalho Monteiro estaria informado sobre o culto a São Saturnino, sobre os milagres, as lendas, enfim, sobre todo o simbolismo da Peninha.

---

77. Depois do falecimento do ermitão Pedro da Conceição, pouco se sabe. Segundo o site da SIPA, até 1766 e 1779 estiveram, respetivamente, os ermitãos João Francisco e Sebastião Nabo responsáveis pela Peninha. Posteriormente é feito capelão o padre Pedro Rodrigues Pereira, após uma administração abusiva por parte de Francisco Xavier Stokler. E, por fim, em 1892, a Peninha é adquirida pelo Conde de Almedina.

78. António Augusto Carvalho Monteiro (1848-1920) nasceu no Brasil, herdando uma enorme fortuna familiar relacionada com o comércio de café e pedras preciosas, regressa a Portugal e onde encomenda a Luigi Manini a construção do seu palácio, a ilustre Quinta da Regaleira.

Figura 042. *Palacete de Carvalho Monteiro*, Fotografia por Ana Domentí, 2016.



É então determinada a demolição das três casas que ladeavam a Capela e em seu lugar “(...) construir uma habitação apalaçada sob projeto de Júlio da Fonseca, vendo-se do exterior um vasto terraço ou «loggia» de paredes acasteladas.” (Adrião, 2007, p. 276)

Todavia, Carvalho Monteiro acaba por falecer precocemente, em 1920, antes do projeto ser acabado. O Santuário passa por testamento a seu advogado José Maria Ferreira Rangel de Sampaio que volta a contratar o mestre sintrense Júlio da Fonseca, pedindo-lhe novo projeto (Azevedo, 1980).

Pouco tempo depois falece Dr. Rangel de Sampaio e a Peninha passa para a Universidade de Coimbra, que administra a Fundação criada com a herança do advogado. Contudo, durante esse tempo, notou-se um aumento exponencial da sua degradação. Na verdade, não eram apenas os edifícios a reclamar manutenção e cuidado, pois o facto de lhe terem sido negligenciada segurança, atos de vandalismo para com o património e natureza foram cometidos.



Figura 043. Casas de romeiros antes da construção do Palacete, Arquivo ICNF, s.d.

*Para Orlando de Carvalho, presidente da fundação (...) a grande dificuldade sempre residiu em encontrar uma entidade que se aproximasse do valor da propriedade.*

(Sebastião, 1991, p. 2)

Ainda assim, os autores não pouparam críticas à Universidade de Coimbra, pela falta de zelo relativamente à gestão da propriedade, que sob sua tutela ficou, até à compra por parte do ICNF – antigo Serviço Nacional de Parques – no princípio dos anos 90.

*Ao fim e ao cabo, nem a Universidade de Coimbra nem a Fundação Rangel de Sampaio fizeram algo de positivo na Peninha, antes pelo contrário, contribuíram para se manter a lamentável situação de ruína e abandono que ali se patenteia a toda a gente.*

(Callixto, 1993, p. 3)

O misterioso Palacete reproduz a entrada da Capela da Peninha, virada a poente, e comunica com ela através de dois acessos: um correspondente ao púlpito e o outro ao altar-mor. Apesar de aparentemente simples, o aposento trata-se de uma obra arquitetónica complexa e polissémica.

O estilo que define o Palacete é incerto. Associando o fascínio pela gesta portuguesa de Carvalho Monteiro a este *Berço do Romantismo*<sup>79</sup> – leito de exuberantes estilos arquitetónicos – é possível associá-lo ao *neomaluelino*. Se os merlões lhe conferem, por um lado, o estatuto de reduto, por outro representam um dos muitos revivalismos aqui usados, como é o caso da janela central serliana ou, ainda, das paredes revestidas a silhar de azulejos. No entanto, esta influência mudéjar pode, por vezes, levar a uma outra apreciação do Palacete:

---

79. (Adrião 2007, p.14).



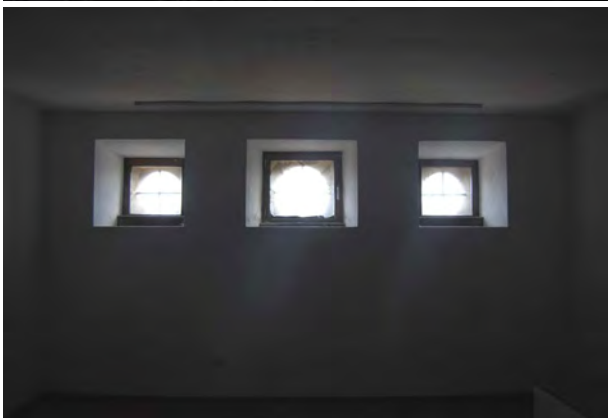
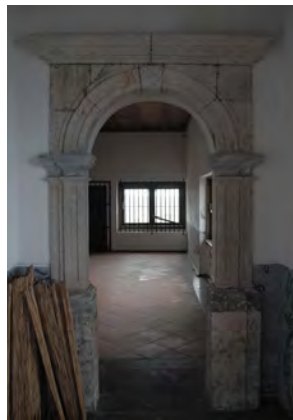
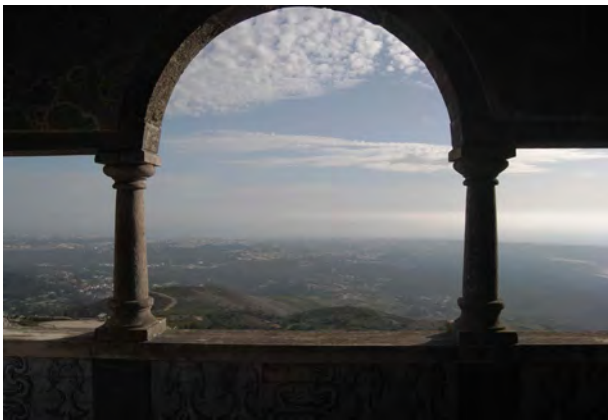


Figura 044. *Arco em mármore do Palacete de Carvalho Monteiro*, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 045. *Janela serliana vista do interior do Palacete*, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 046. *Altar á terra mãe no piso inferior*, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 047. *Vãos do piso inferior*, Fotografia pela autora, 2016.

*Assentando num formato cúbico ameado e por estar encostada ao templo, penetrando-o mesmo, esta habitação tanto parece sugerir a Caába árabe quanto a Rábita moçárabe.*

(Adrião 2007, p. 277)

Desenvolve-se em três estreitas salas seccionadas por duas entradas em arco. A última amplia-se contornando as traseiras do altar-mor da Capelinha e permite o acesso ao pequeno vestíbulo virado a norte ou à cobertura. Ainda nesta sala, uma escadaria leva a outra sala inferior, na qual por uma pequena betesga a rocha «entra» no interior do edifício, formando um altar idealizado por Carvalho Monteiro em honra à Terra-Mãe.

Os seus excêntricos interesses relativamente à alquimia, à maçonaria templária e à entomologia, refletiram-se nas pretensões desta habitação. Vítor M. Adrião (1959) descreve o Palacete detalhando todos os retrusos significados:

*O imóvel, inacabado, até ao momento inacessível ao público, é deveras intrigante. (...) Entrando (...) passa-se para uma sala comprida, relativamente estreita («estreito é o Caminho...»), seccionada em três arcos (ou Idades...). O aposento é decorado, logo à direita de quem entra, com a azulejaria de duas «figuras de convite», uma de cada lado, retratando Anjos Turbulários (sinal por demais estranho e que só deixa de o ser se se atribuir ao imóvel o pretenso a «Mansão Filosofal»), seguindo-se a decoração com outros e belos exemplares de azulejos nas cores tradicionais azul e branco com motivos florais e religiosos de cariz hermético-matristico, todos, possivelmente, do século XVIII. Nas ilustrações desses azulejos observa-se, por exemplo, um pavão entre rosas (o pavão é um dos símbolos mais caros da Alquimia [...]), ou então uma greta, vulva vaginal ou virginal igual à entrada da caverna nas traseiras do edifício, levanto ao útero profundo da Mãe-Terra (...). Na parede lateral direita encontra-se uma lareira onde repousa uma salamandra envelhecida e muito deteriorada. Em formato de vaso (...) mais que salamandra é, sim, o forno alquímico (...) de Carvalho Monteiro.*

(Adrião, 2007. p. 277-279)

## NO MEIO DAS COISAS

No princípio dos anos 90, aquando da chegada do ICNF, o cenário era desolador. Testemunhos anteriores a essa altura, dão conta das consequências do abandono a que o Santuário foi submetido.

Na verdade, à falta de cuidado das identidades superiores, os habitantes daquelas terras, empossam-se uma vez mais do território e aproveitam as construções em benefício das suas atividades agrícolas.

Como se pode ver em algumas fotografias da época, constroem-se pequenas habitações, abrigos para o gado e, até mesmo um silo de cereais.

No entanto, o testemunho mais surpreendente é aquele que confirma o desfecho como espaço religioso da Ermida de São Saturnino.

*A construção ainda existe. (...) Passa despercebida porque, já sem cruz nem campanário, não é fácil descortiná-la entre as várias habitações que ali existem. O telhado mantém-se em estado razoável e a edificação deve ter sido aproveitada após o declínio do culto, para habitação, pois do telhado sai uma chaminé e tem uma cozinha com forno, o que se vê espreitando pela porta. Fui lá recentemente (...) mas não foi possível percorrer o interior, pois todas as dependências estão «alcatifadas» com excrementos de animais (...). A antiga capela hoje, é um estábulo!...*

(Azevedo, 1980, p.12)

Figura 048. Interior da Ermida de S. Saturnino, Arquivo ICNF, s.d.

É então que, após formalizações, o ICNF adquire o imóvel, trazendo-lhe nova esperança.

*Durante anos a Peninha, conjunto monumental situado no alto da serra de Sintra, sofreu os rigores de um abandono forçado. A esperança renasce com a sua anunciada aquisição pelo Serviço Nacional de Parques para pôr termo à ignorância dos homens, que transformaram uma capela secular em curral.*

(Sebastião, 1991, p.1)





Para além de se terem procedido a obras de recuperação estrutural, de restauro e reabilitação (Garcia, 1997), efetuaram-se importantes escavações em Saturnino. Levadas a cabo pela arqueóloga do Instituto da Conservação da Natureza<sup>80</sup> Cristina Teté Garcia, logrou-se, pela primeira vez, a avaliação da composição do terreno do Santuário, bem como a descoberta de distintos objetos seculares.

A grande conclusão deste trabalho arqueológico foi a confirmação de que S. Saturnino serviria como espaço funerário durante vários séculos.<sup>81</sup>

Efetivamente, na Idade Média foi estabelecido que os corpos deveriam ser enterrados nas imediações de igrejas, capelas ou ermidas, junto aos túmulos dos mártires, acreditando que isso os protegeria de eventuais profanações. Ora, como foi neste capítulo referido, Saturno é associado ao tempo e à sua crueldade perante a vida, mesmo para com os seus filhos, não sendo por isso, acaso os restos de nados mortos encontrados nesta área.

Segundo a arqueóloga responsável, foram encontrados três grupos de enterramentos: o primeiro diz respeito a dezasseis sepulturas dos séculos

Figura 049. *Ermida de São Saturnino no final do século XX*, Elaborado a partir de SIPA, s.d.

80. O ICN juntamente com a AFN e o FFP deram origem ao ICNF.

81. Vejam-se no início do capítulo a descoberta de vestígios funerários pré-históricos e, ainda a relação com a figura mitológica de Saturno.



XII, XIII e, ainda, XV<sup>82</sup>, delimitados a este e oeste por dois blocos graníticos com duas cruzes gravadas<sup>83</sup>. Os segundo e terceiro grupos dizem respeito aos séculos XVI e XVIII e foram encontrados, respetivamente, no interior e na área respeitante ao nartéx da Ermida (Garcia, 1997).

*Todos os enterramentos foram feitos em deposição simples ou em sepulturas escavadas na rocha no sentido oeste-este (...).*

(Garcia, 1997, p. 96)

---

82. Dos séculos XII e XIII registaram-se sepulturas adaptadas a crianças e adultos e, ainda, cavidades naturais que seriam utilizadas como ossários durante a reutilização dos sepulcros; do século XV apenas se assinalaram sepulturas infantis.

83. Esta necrópole foi encontrada na área a norte e que diz respeito à capela-mor, pelo que leva a crer que estas cruzes são aquelas referidas por Vítor M. Adrião: "(...) estando gravada numa fraga, próxima à cisterna romano-árabe em meia-lua, uma cruz franciscana (...)" (Adrião, 2007, p.269).

## 2. O TERRITÓRIO

*A memória é a consciência inserida no tempo.*

(Pessoa, 2009, p. 43)

Após a viagem *in medias res* pelo Santuário da Peninha importa, agora, discorrer sobre o seu panorama atual.

As mudanças culturais referidas no primeiro capítulo do presente trabalho desvitalizaram a identidade do Santuário, pelo que é necessário entender qual o seu papel para a sociedade do século XXI e revigorá-lo novamente.

*(...) Que horror! Indispõe e comove, a um tempo, ver aquilo! (...) o tempo e a falta de cuidado farão perder!....*

(Teves, 1973, p. 5)

Atualmente a Peninha encontra-se entre dois conceitos – património e território – incapaz de estabelecer qualquer relação com eles. Se, por um lado, a história e valor arquitetónico da Peninha fizeram dela um lugar de extrema importância cultural, por outro, as características territoriais da paisagem em que se insere conferiram-lhe particular interesse natural.

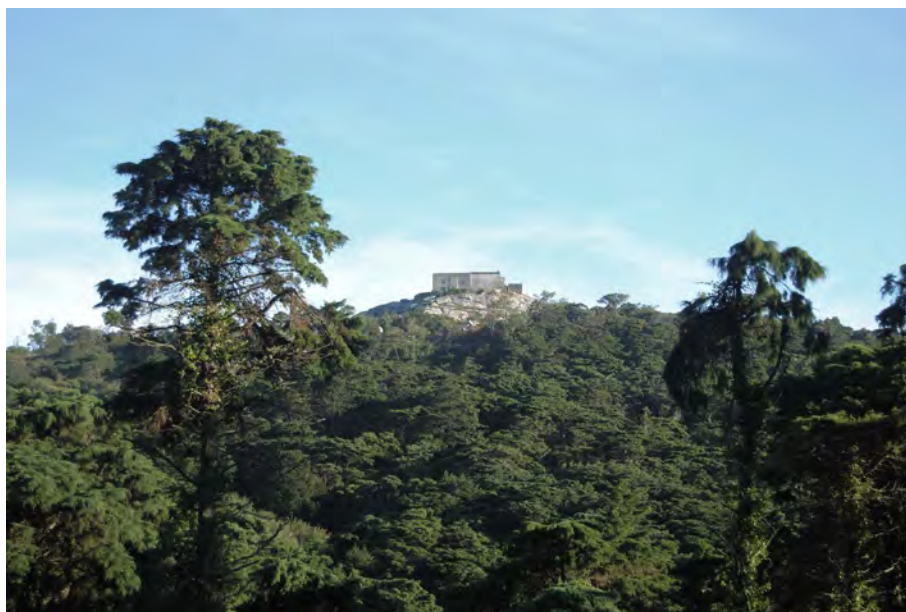
Assim sendo, o Santuário acabou por se assumir simplesmente como mais um elemento da paisagem histórica e natural, em vez de gerador dela, perdendo, deste modo, o seu carácter de *permanência*<sup>84</sup>.

Durante séculos representou, como foi visto nas páginas anteriores, um significativo ponto de romagem para os povos da periferia lisboeta. No entanto, o culto a Saturnino e à N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição começou a perder importância, sobretudo no início do século XX, tendo sido registado o último círio em 1991,

---

84. Veja-se no primeiro capítulo *Passagens e Permanências*.

Figura 050. *A Peninha vista a poente*, Fotografia pela autora, 2016.



após um longo período de pausa. Deste modo, as igrejas, capelas e ermidas da Serra de Sintra acabaram por o seu prestígio, principalmente para aquelas estabelecidas nos centros urbanos.

Consequentemente a Serra adquire outra finalidade para os seus visitantes e as romarias e procissões associadas a práticas religiosas dão lugar ao lazer, sendo as marchas comemorativas substituídas por passeios na natureza.

*(...) Esta relación entre el locus y los ciudadanos se convierte, pues, en la imagen prioritaria, la arquitectura y el paisaje, y puesto que los hechos vuelven a entrar en la memoria, en la ciudad aparecen otros nuevos.*

(Rossi, 2015, p. 153)

Deste modo, entende-se, uma vez mais, o alcance das mudanças do paradigma cultural nos ambientes citadinos. A paisagem imaculada associada durante séculos à religião – e atestada nas últimas construções serranas – abre caminho a outra interpretação por parte dos seus visitantes. Na verdade, estes passeios começam a considerar-se um escape à ominosa vida na cidade e consequente regresso às origens naturais.

*(...) O poeta considera que a Natureza, que é constituída, entre outro elementos, pelas aves, os cursos de água, os narcisos, os rebanhos de ovelhas, representa um antídoto indispensável frente à intoxicação psicológica decorrente da vida na cidade (...).*

(de Botton, 2004, p. 136)

A popularidade da Serra volta, então, a crescer, pelo que se torna evidente um controlo por parte das entidades responsáveis pela sua conservação evitando, assim, infortúnios nesta área protegida.

Assim, adaptando a Serra aos dias que correm, o ICNF cria distintos percursos que permitem não só visitar diversos pontos turísticos, mas também desviar os caminhantes dos trilhos que devem permanecer selvagens.

*(...) Os espetáculos da Natureza possuem o poder de nos sugerir certos valores (dignidade, os carvalhos; os pinheiros, resolução; os lagos, serenidade), e, por conseguinte, uma força do mesmo modo suscetível de, sem no-la impor, nos inspirar discretamente na virtude.*

(de Botton, 2004, p. 147)

No PNSC existem, entre outros<sup>85</sup>, quatro itinerários automóveis, uma grande rota (GR) e, ainda, quinze pequenas rotas (PR).

Os itinerários automóveis referem-se aos percursos alcatroados dos quais integram estradas nacionais de Cascais e Sintra. Um deles é o da *Geologia* e através dele é possível a observação dos fenómenos geológicos da Serra de Sintra e Cascais, passando pela Peninha, pelos cabos da Roca e Raso e, ainda, por outras zonas costeiras. O itinerário do *Litoral* é muito semelhante ao anterior, salvo que este limita-se às zonas costeiras sem chegar ao interior da Serra. Tem-se também o percurso da *Ruralidade*, que inclui a vila de Sintra e a zona vinícola de Colares, passando também por outras regiões saloias. Finalmente tem-se o itinerário da *Serra* que liga todos pontos de interesse de Sintra e da sua Serra, de entre os quais se destacam o Palácio da Pena, o Convento dos Capuchos, Monserrate e o Santuário da Peninha.

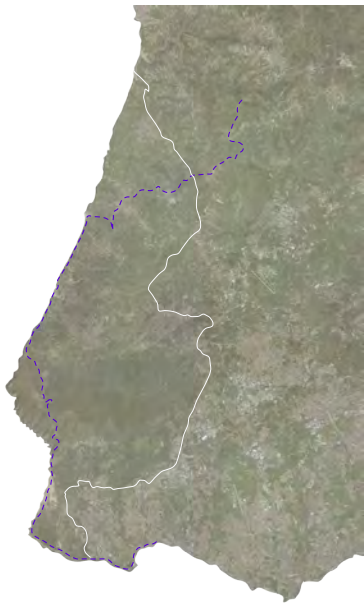
A *GR 11 Caminho do Atlântico*, com 35 km de comprimento e rege-se entre Cascais e Sintra. Divide-se em três troços: o do *Raso-Abano*, da *Adraga-Maçãs* e, finalmente, o das *Maçãs-Magoito*.

85. Existem outras visitas estabelecidas por percursos de observação de aves, do uso da ciclovia e de transportes públicos e, ainda, de itinerários *Património Mundial*.

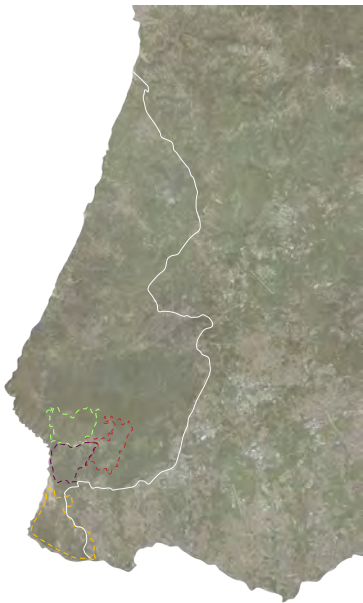
Figura 051. *Marcação da GR11*, Elaborado pela autora, 2016.





Figura 052. *Marcação das PR CSC* Elaborado pela autora, 2016.

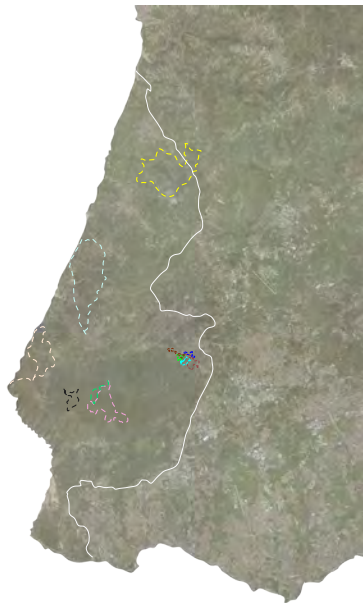
Figura 053. *Marcação das PR SNT*, Elaborado pela autora, 2016.



GR11 Caminho do Atlântico 



PR1 CSC Rota das Quintas   
PR2 CSC Rota do Cabo Raso   
PR3 CSC Rota das Aldeias   
PR4 CSC Rota Litoral do Guincho 



PR1 SNT Stª Maria   
PR2 SNT Pena   
PR3 SNT Castelo   
PR4 SNT Seteais   
PR5 SNT Quintas   
PR6 SNT Capuchos   
PR7 SNT Cabo da Roca   
PR8 SNT Vinho de Colares   
PR9 SNT Rota das Aldeias   
PR10 SNT Peninha   
PR11 SNT Monge 





No que diz respeito às pequenas rotas elas resumem-se a percursos pedestres de, no máximo, quatro horas de duração e à semelhança dos itinerários automóveis gerem-se entre os concelhos de Cascais e Sintra (distinguidos pelas siglas CSC e SNT, respetivamente), sendo a sua dificuldade qualificada com base nos declives<sup>86</sup>. Dos de Cascais fazem parte quatro: a *Rota das Quintas*, a do *Cabo Raso*, a das *Aldeias* e do *Litoral do Guincho*. O maior deles é o das *Quintas* com 15,3 km de extensão que possibilita, sobretudo, a observação das espécies da fauna e flora do PNSC. Dos restantes é de mencionar o *PR3 CSC Rota das Aldeias*, do qual fazem parte algumas aldeias de Cascais e onde se inclui o Santuário da Peninha.

No que diz respeito aos percursos de Sintra são eles: o de *Santa Maria*, o da *Pena*, o do *Castelo*, o de *Seteais*, o das *Quintas*, o dos *Capuchos*, *Cabo da Roca*, *Vinho de Colares*, *Rota das Aldeias*, *Peninha* e *Monge*. O mais longo é o *PR9 SNT Rota das Aldeias*, enquanto que os de maior dificuldade são o da *Pena* e o do *Castelo*, pelas acentuadas subidas que se têm de percorrer.

Assim, o presente trabalho pretende, como já foi referido, atribuir uma relação atual entre o Santuário da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Peninha – lugar classificado pela DGPC como *IPP* – e o território em que se encontra – classificado pela UNESCO como *Paisagem Cultural.*, analisando os percursos pedestres em que a Peninha se insere, lendo-se o *PR3 CSC Rota das Aldeias* e o *PR10 SNT Peninha* como se verá nas próximas páginas.

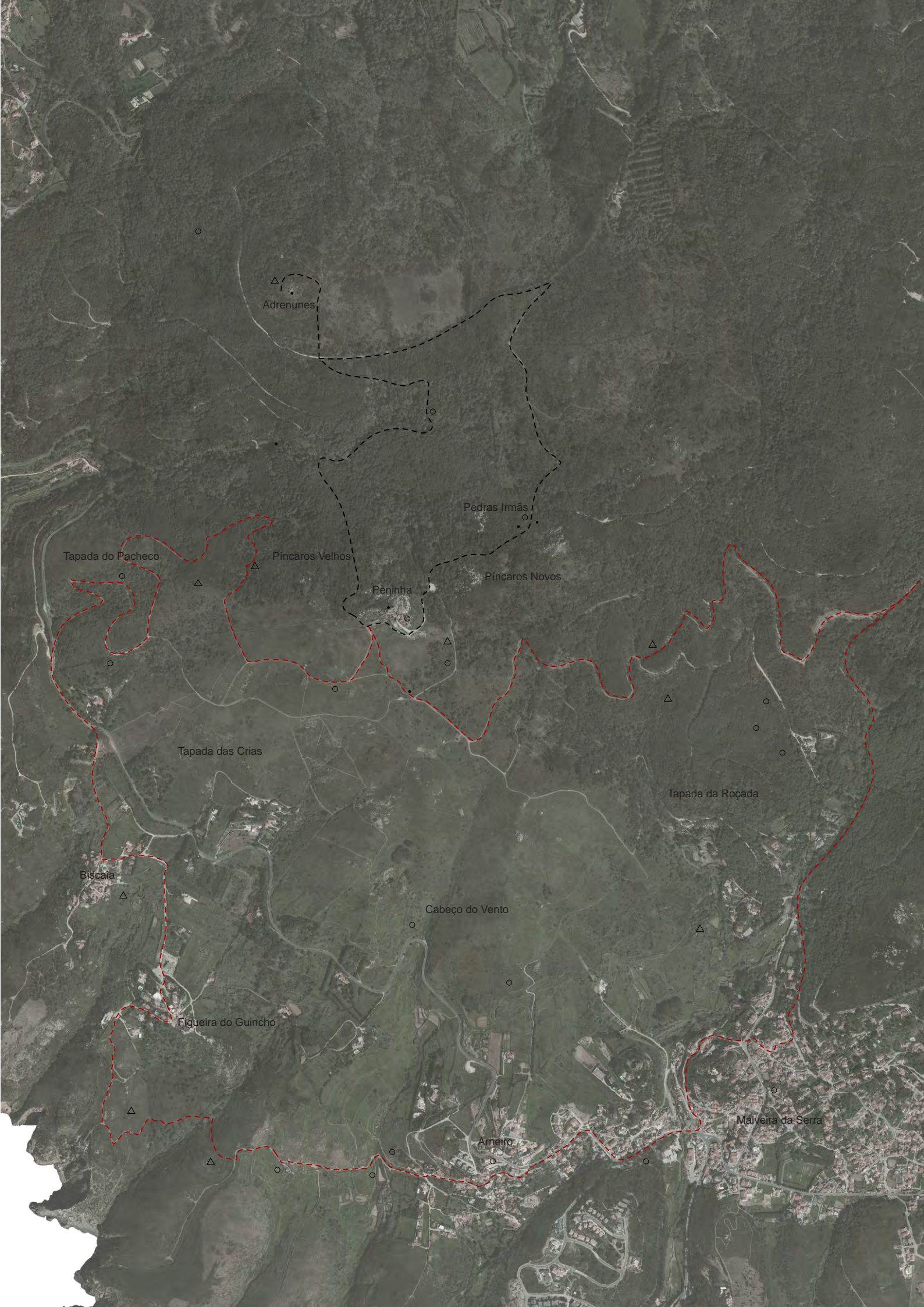
O objetivo é estabelecer uma relação entre estes dois pequenos percursos e o Santuário, pois apesar de ser uma das notáveis paragens do PR3 CSC e ponto principal no PR10 SNT, é evidente a sua desarticulação com os

Figura 054. Marcação das PR CSC e SNT e dos pontos de interesse, Elaborado pela autora, 2016.

-  PR10 SNT Peninha
-  PR3 CSC Rota das Aldeias
- Ponto de interesse
- Espécie faunística de interesse
- △ Espécie florística de interesse

86. A GR11 Caminho do Atlântico é distinguida com dificuldade baixa.





Adrenunes

Pedras Irmãs

Píncaros Velhos

Píncaros Novos

Peninha

Tapada do Pacheco

Tapada das Crias

Tapada da Roçada

Biscaila

Cabeço do Vento

Figueira do Guincho

Arneiro

Malveira da Serra



mesmos. Assim, pretende-se entender as diferenças entre estas duas rotas e repensar as suas comunicações com a Peninha, mais especificamente, com todas as suas dependências e pontos de observação.

Este gesto irá, por um lado, intercalar a arquitetura deste pitoresco lugar com os percursos, enquanto que simultaneamente pretende estabelecer o fluxo dos visitantes a determinadas áreas, evitando, deste modo, o pisoteio daquelas mais sensíveis.

Outra intenção é a de controlar os itinerários automóveis que incluem a Peninha<sup>87</sup>, definindo e controlando o acesso dos veículos a esta zona e evitar, deste modo, a sua chegada a lugares interditos, como habitualmente acontece no topo do Santuário.

*(...) Julgo, no entanto, que v. poderá encontrar uma solução se procurar amparo em coisas semelhantes àquelas que agora ajudam à convalescença dos meus olhos. Se procurar amparo na Natureza, no que é nela tão simples e pequeno que quase não se vê mas que inesperadamente pode tornar-se grande e incomensurável (...)*

(Rikle, 2008, p. 34)

---

87. Leiam-se entre estes itinerários o da *Geologia* e o da *Serra*.

### 3. SCHEMATA

*(...) After a while, the Caterpillar took the pipe out of its mouth and said to Alice in a slow, sleepy voice, 'Who are you?' 'I don't really know sir,' said Alice. 'I know who I was (...) but I have changed so often since then. I think I am a different person now.'*

(Caroll, 1997, p.13)

O papel cultural de uma determinada sociedade influencia consideravelmente o modo como determinados lugares são interpretados.

Apesar do *locus* ser a única característica que se mantém ao longo do tempo, compreende-se que é aquilo que Aldo Rossi define em 1978 por *memória coletiva* que irá ditar o modo como esse *locus* se adapta.

*En definitiva, la memoria colectiva se convierte en la transformación en sí del espacio por obra de la colectividad, una transformación siempre condicionada por dichos materiales que contrastan esta acción.*

(Rossi, 2015, p. 153)

No que diz respeito ao Santuário, apesar de ser considerado património nacional, o seu destino continua incerto, à espera de uma solução que traga de volta a essência das suas arquiteturas.

*(...) A Peninha bem precisa que um «D. Fernando» deste final do século se apaixone por ela, como no final do século passado o rei D. Fernando se apaixonou pela Pena e fez ali erguer um dos mais belos palácios da Europa.*

(Callixto, 1993, p. 4)

Contudo, importa para o presente trabalho referir que, pouco tempo depois do Santuário ser comprado pelo ICNF, foram estudadas hipóteses sobre qual o rumo que a Peninha deveria seguir.

## NO MEIO DAS COISAS

Na realidade e como foi referido no primeiro subcapítulo de *No Meio das Coisas*, a Fundação Rangel de Sampaio foi duramente criticada pelo modo como geriu o Santuário serrano, tal como confirmam os testemunhos daquela época:

*Como está aquela porta, aquela frente, aquelas paredes e os muros!... (...)*

(Teves, 1973, p.5)

É no início dos anos 90 que surgem as primeiras propostas, com o objetivo de transformá-la num Centro de Informação e Educação Ambiental privilegiando a educação ambiental e voltado para o “eco-civismo” (Sebastião, 1991, p. 2). Este projeto previa “(...) uma sala de exposições, um pequeno auditório, um centro de acolhimento e apoio a jovens investigadores e um centro de recuperação de aves.” (de Sousa, 1991, p. 56).

Contudo, as obras nunca chegaram a ser concluídas. Segundo o testemunho do jornalista do Correio da Manhã, Vasco Callixto, em 1993, dois anos depois das primeiras referências ao Centro, apenas existe uma placa informativa:

*(...) Pelo menos, assim leva a concluir uma esclarecedora placa de apreciáveis dimensões, que agora ali se encontra. Será desta vez que a situação vai mudar? (...)*

(Callixto, 1993, p. 3)

Três anos mais tarde, em 1996, surgem críticas ao projeto. No jornal A Pena desse mesmo ano lia-se como título na página 12: “Envolta em bruma – atual restauro da Peninha põe em risco património lendário”. Em 1997 no Jornal de Sintra, o jornalista João Rodil descreve o projeto como um “(...) exemplo negro de como não se deve tratar o património (...)” (Rodil, 1997, p. 9).

*Neste ato de desrespeito pela memória coletiva – indo ao arrepio de toda a filosofia que fez de Sintra Património da Humanidade,*

*já que se alguma coisa se destaca na região é a grande tolerância cultural que os povos sempre tiveram uns para com os outros, preservando os legados herdados e edificando em concordância com o espaço envolvente (...).*

(Rodil, 1997, p. 9)

Em 1999 – ainda aguardando a conclusão das obras –, o futuro da Peninha continua por decidir.

*(...) Após dez anos de obras de recuperação e remodelação do seu antigo palacete e da capela de Nossa Senhora da Conceição, a Peninha continua praticamente abandonada e à mercê da degradação e do vandalismo.*

([SA]. , 1999, p. ?)

Segundo o artigo acima referido, de autor desconhecido do Jornal da Região, a vontade de um Centro Ambiental foi abandonada pelo que, ainda nesse ano, após o recuo do PNSC em transformar o Santuário em sede, surge um novo projeto: um centro de acolhimento com dez camas para Turismo-Natureza ([SA], 1999).

Apesar de ter sido admitida a hipótese das habitações serem, juntamente com a cafetaria que iria servir os visitantes do Santuário, concessionadas a privados, até aos dias de hoje apenas pernoitaram na Peninha jovens escuteiros.

Por fim, com a chegada do século XXI, dá-se uma nova tentativa em implementar na Peninha o conceito de educação ambiental, trazendo programas recreativos, tais como passeios de burro.

Contudo, pode dizer-se que, uma vez mais, o destino da Peninha permanece questionável. Admite-se que o maior problema dos projetos passados é, como foi referido pelos críticos e jornalistas anteriormente mencionados, a falta de cuidado com o património, o desrespeito pelas origens do Santuário e a falta de um programa que permita verdadeiramente aproximar todos os visitantes, independentemente das suas idades e ocupações, ao Santuário e à essência daquilo que a Serra representa para todos.

É daí que surge a necessidade em compreender o significado da Serra para os seus visitantes, aquilo que os motiva a visitá-la e o que falta para melhorar essa experiência com estes lugares que caíram no obsoleto.

*La movilidad temporal de cada parte de ciudad está profundamente ligada al fenómeno objetivo de la decadencia de ciertas zonas. Este fenómeno – que en los estudios anglosajones se identifica con el término obsolescence [obsolescencia] (...). Estas áreas de la ciudad no sirven de apoyo a la vida, sino que durante mucho tiempo representan unas islas dentro del desarrollo general que, como ya hemos visto anteriormente, atestiguan los diferentes tiempos de la ciudad y a la vez conforman grandes áreas de reserva.*

(Rossi, 2015, p. 104)

Apesar de se ter perdido o hábito das romarias e celebrações religiosas na Peninha, este lugar mantém a sua atmosfera sagrada, atraindo pessoas que, rendidas à sua privilegiada localização, procuram conetar com o seu *locus*.

Segundo várias visitas feitas ao longo do ano de 2015 e 2016 e tendo como base o Inquérito aos Visitantes da Quinta da Peninha<sup>88</sup> do ICNF em 1992, a maioria dos visitantes da Peninha são de nacionalidade portuguesa com

---

88. Os questionários do Inquérito foram elaborados pela arqueóloga Cristina Teté Garcia enquanto que a análise aos seus resultados é da antropóloga Maria Raquel Moreira.



idades compreendidas entre os 23 e os 60 anos de idade, sendo o fluxo de visitas mais frequente aos fins-de-semana, sobretudo da parte da tarde.

Normalmente em grupos, com a família ou amigos, o motivo que os levam à procura deste lugar são as suas características paisagísticas. Tal como o Inquérito do ICNF confirma, apenas uma percentagem de 8,3% chega atraído pelo seu interesse religioso, sendo inclusive mais frequente o interesse ambiental e histórico (Moreira, 1993, p. 9).

Entendendo o que mais motiva as visitas ao Santuário da Peninha, surge a necessidade em adequar as suas arquiteturas a esses interesses. Como hipótese de investigação, admite-se que foi este o motivo que levou ao fecho das construções do Santuário, pelo que se torna necessário considerar uma possível recuperação das mesmas.

Os momentos altos do Santuário são assinalados, simultaneamente, pelos mais baixos. Quer isto dizer que, por cada vez que por cada nova leitura celebrada, a anterior acaba por cair no esquecimento. Assim, apesar de ser um lugar mágico capaz de reunir épocas tão distintas entre si, existe uma carência conectiva, por forma a serem lidas como um todo e não de modo

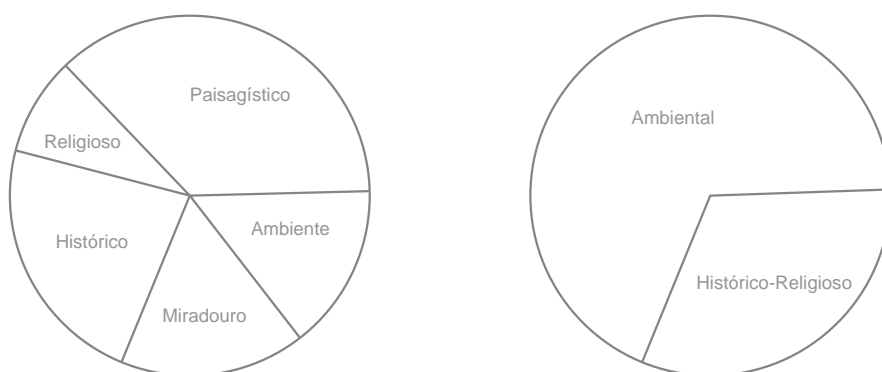


Figura 055. *Interesses da Peninha*, Elaborado pela autora a partir de *Inquérito aos Visitantes da Quinta da Peninha de 1992, 2016*.

fragmentário. Efetivamente, após a construção da Ermida de S. Saturnino este promontório começa a ganhar importância e, como tal, ao longo de diferentes épocas, o homem sentiu necessidade em ali regressar e atribuir-lhe um significado através da arquitetura.

Estas (re)interpretações estimularam sempre a anulação das construções anteriores, pelo que o objetivo do presente trabalho é adaptar o existente à nova realidade, sem necessidade de implementar uma nova construção arquitetónica, acreditando que só iria desfragmentar ainda mais a identidade da Peninha.

A junção de arquiteturas do Santuário sem qualquer relação formal pode ser metaforicamente comparada ao da noção de *cadavre exquis*<sup>89</sup>, pelo que se propõe-se fortalecer as arquiteturas existentes e os seus significados.

Apesar disso, esta “mistura” de arquiteturas sagradas remete para a pluralidade de apropriações do seu *locus*, sendo, no entanto, necessária uma interpretação total, que permita relacionar cada uma das dependências e facilite a compreensão do todo.

Neste ponto importa referir, uma vez mais, as três considerações referidas em *Passagens e Permanências*. Passado, presente e futuro. Três tempos que devem ser interpretados em conjunto, refletindo simultaneamente o *locus* do passado, o modo como o presente a ele se adapta e qual o futuro que o valorizará.

---

89. *Cadavre exquis*, ou «cadáver exquisito» refere-se a um jogo pertencente ao movimento surrealista do século XX cujo objetivo seria subverter um discurso convencional através da conjugação de palavras ou desenhos desconexos.

Figura 056. *Visitantes na Peninha I*, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 057. *Visitantes na Peninha II*, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 058. *Visitantes na Peninha III*, Fotografia pela autora, 2016.



## NO MEIO DAS COISAS

*“A arquitetura é o aspecto visual da história”, isto é, o modo pelo qual surge a história.*

(Zevi, 2002, p. 142)

A todas estas dificuldades acrescenta-se uma outra tão importante quanto as já referidas: o intervir num lugar protegido e reconhecido pelas suas características únicas.

Pode considerar-se aqui como exemplo – não o projeto em si mas o modo como é exaltado o ambiente em que se insere – a intervenção do arquiteto Alexandre Marques Pereira na Biblioteca Municipal de Sintra – Casa Mantero. A difícil relação com a topografia e com a paisagem, a procura de escalas que se adequem a distintas finalidades, a optimização das funcionalidades do edifício... enfim, todas as premissas a ter em conta aquando duma proposta em tão singular atmosfera.

*Na verdade, a proposta apresentada (...) apostava na dispersão do complexo (...) programa da Biblioteca Municipal sobre aquele*

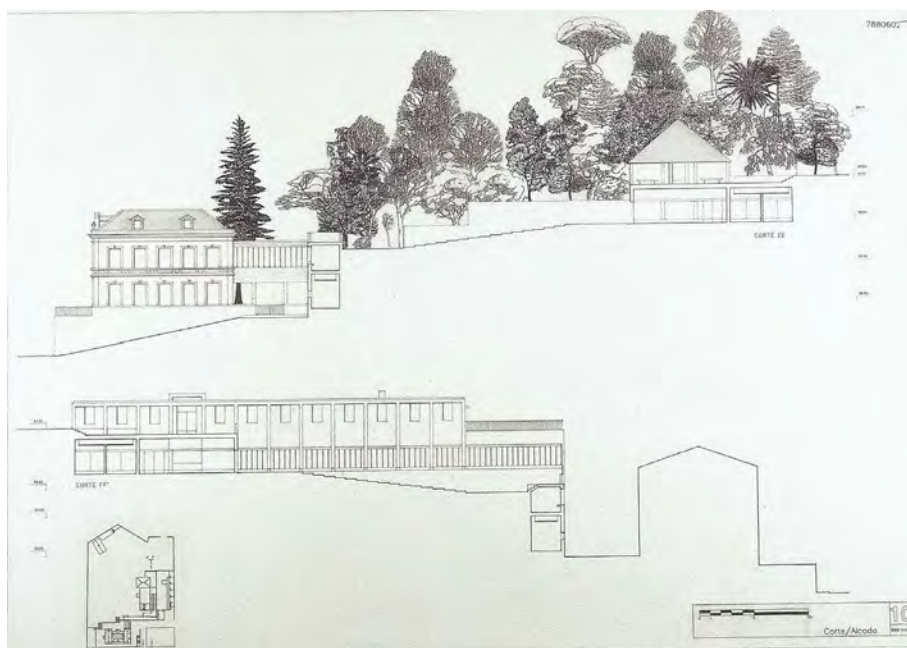


Figura 059. *Desenho da Fase de Concurso*, Marques Pereira, 2004.

Figura 060. *Vista aérea da BMS*, Construtora San José, Marques Pereira, 2004.



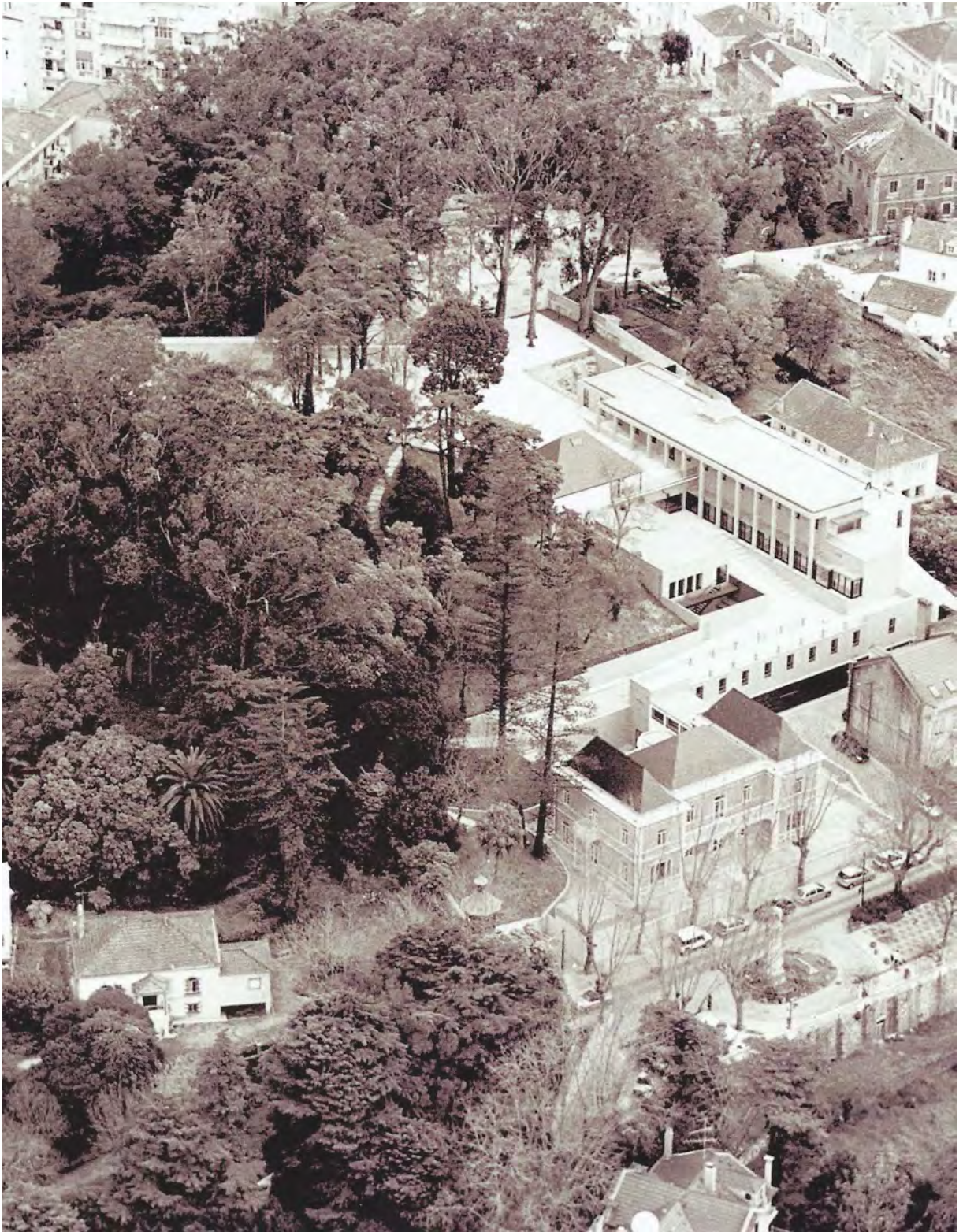






Figura 061. *Biblioteca Municipal de Sintra*, Morais de Sousa, 2004.

Figura 062. *Biblioteca Municipal de Sintra*, Morais de Sousa, 2004.

Figura 063. *Biblioteca Municipal de Sintra*, Morais de Sousa, 2004.

Figura 064. *Biblioteca Municipal de Sintra*, Morais de Sousa, 2004.

*terreno acidentado, procurando domesticá-lo, e qualificá-lo enquanto complemento do próprio edifício. (...) A opção revelou-se corajosa (...) mas para o arquiteto (...) importava mais a relação com o simbolismo urbano e paisagístico do lugar (...).*

(cit. por M. Pereira, Grande, 2004, p.25-26)

Assim, cabe ao arquiteto, após o domínio de todas as apreciações referidas ao longo deste trabalho, discernir sobre quais os elementos a trabalhar.

Várias questões devem ser levantadas, podendo ser o presente exercício alegoricamente equiparado ao de um artista que desenvolve uma obra.

Este processo dá-se após o estudo e acumulação de conhecimentos sobre um determinado tema – que neste caso específico, se traduz no conhecimento do lugar.

*Em 1776, o artista Kaspar Wolf pintou um quadro de um grupo de alpinistas a descansar em frente do glaciar de Lauteraar, no topo dos Alpes Berneses da Suíça. Empoleirados em cima de uma rocha, dois dos alpinistas olham um enorme banco de gelo com uma fenda abissal. (...) Abaixo deles, na extremidade esquerda da tela, indiferente à vista, está um guia de montanha (...). Embora conheça aquelas montanhas melhor do que todos aqueles que conduz, o guarda não tem nenhum dos interesses dos aristocratas na cena. (...) A data do quadro é significativa, porque foi neste momento do calendário da imaginação ocidental que as montanhas, durante séculos rejeitadas por serem aberrações monstruosas, começaram a exercer uma atração generalizada para os turistas aristocráticos (...)*

(de Botton, 2013, p.180-182)





### CAPÍTULO III

## A PROPOSTA

*Todos os caminhos vão dar a Sintra. O viajante já escolheu o seu.* <sup>90</sup>

---

90. (Saramago, 1988).



## 1. NO PATRIMÓNIO

*(...) A arquitetura corresponde a exigências de natureza tão diferentes que descrever adequadamente o seu desenvolvimento significa entender a própria história da civilização, dos numerosos fatores que a compõem e que, com a predominância ora de um ora de outro mas sempre com a presença de todos, geram as diferentes concepções espaciais; é, pois, história e apreciação dos valores artísticos, isto é, das personalidades criadoras que, com base nesta cultura espacial ou neste gosto arquitetónico, produziram obras-primas, cuja excelência não é objeto de demonstração, e cujo conteúdo figurativo, por assim dizer, está presente como elemento da cultura ou do gosto da idade seguinte.*

(Zevi, 2002, p. 53)

O propósito desta reflexão crítica é a definição de critérios que definam uma resposta projetual, tendo como principal objetivo adequar o existente do Santuário da Peninha.

Todavia, existem algumas premissas que devem ser tidas em conta: um terreno acidentado, dependências desconexas entre si, e ainda dois conceitos assinalados ao longo do trabalho e que vagueiam por todo este conjunto: património e território.

É importante distinguir aqui duas intenções – reduzidas às referidas definições – e esclarecer que o modo como são enunciadas na resposta projetual manifesta uma intenção cronológica. Quer isto dizer que, considera-se como hipótese de investigação o património como a parte histórica, passada, e o conceito de território associado às mudanças atuais da envolvente desse mesmo passado. Tendo em conta o significado atribuído pela sociedade moderna à Serra, património e território serão relacionados através de uma proposta *no património* na qual se faça referência *ao território*.

## A PROPOSTA

*En este momento tendremos que hablar de la idea que tenemos de este edificio, de la memoria más general de este edificio como producto de la colectividad y de la relación que tenemos con la colectividad a través de él.*

(Rossi, 2015, p. 20)

Em primeiro lugar, destaca-se a posição da Peninha *in medias res*, ou traduzido, *no meio das coisas*, lendo-se como *coisas* as noções acima referidas.

Para facilitar a leitura integral do Santuário, adotou-se uma estratégia de identificação das valências que a prejudicam e de possíveis soluções.

São vários os acessos à Peninha, sendo considerado o do terreiro do estacionamento o principal. É feito através de uma subida que apresenta um caráter penitencial, por ser um espaço transitório onde a visão apenas alcança o céu. O acentuado declive torna este momento pouco sociável, pelo que o esforço físico conduz a uma reflexão interior que culmina na chegada com a vista a prêmio. É então que as pedras estimulam as sensações mais primitivas e aliciam os visitantes à sua escalada.

*(...) As estradas florestais que conduzem à Peninha são encantadoras (...). O acesso à Peninha, porém, levará a um maior isolamento, a uma absoluta e agradável tranquilidade serrana.*

(Callixto, 1993, p. 3)

Como é sabido, nestes lugares, o controlo de situações de traspasse das vedações é extremamente difícil, pois a curiosidade dos visitantes irá sempre sobrepor-se a eventuais avisos ou restrições.

É assim que surge a primeira intervenção. Em todo perímetro da Peninha existem espécies protegidas, pelo que se assume como solução ao pisoteio



Figura 065. *Subida da Peninha*, Fotografia pela autora, 2016.

## A PROPOSTA

das áreas mais sensíveis a criação de miradouros capazes de conciliar a vontade dos visitantes com o respeito pelo habitat.

Seguindo os caminhos de pé postos definidos por curiosos caminhantes, definiram-se três miradouros: na chegada, um primeiro leva à descoberta de Lisboa; junto às casas dos Romeiros um outro permite a contemplação da Serra e, por fim, um terceiro permite evidenciar as regiões a Sul.

Outra perturbação na leitura do todo é o da desarticulação funcional das dependências da Peninha. Na verdade, reconhece-se uma separação física que fragmenta o Santuário em três pólos distintos: S. Saturnino a Sul, a Capela e o Palacete no topo e as Casas de apoio a norte.

Importa reconhecer que aqui se distinguem três atmosferas: S. Saturnino virado a poente, destaca-se entre tons predominante quentes e secos e por uma vegetação rasteira constituída por pequenos arbustos. A Capela e o Palacete celebram uma sensação de superação provocada pela altura e vista que dali se pode alcançar, com o verde da floresta a norte e um solo mais erodido a sul. Nas casas de apoio, evidencia-se o contraste entre o amarelo usado na pintura e as cores neutras dos elementos graníticos.

Acentuando as diferenças entre estes ambientes, existe ainda um vazio entre eles, uma área plana sem qualquer função, onde em tempos os saloios ergueram construções rurais e que após a sua demolição o solo e os muros de contenção saíram prejudicados.

Deste modo, assumindo atitudes distintas perante estas atmosferas, pretende-se traduzir as suas diferenças através de três distintas intenções.





Figura 066. *Caminho de pé posto*, Fotografia pela autora, 2016.

## A PROPOSTA

Figura 067. *Muros de contenção na Peninha,*  
Fotografia pela autora, 2016.

Figura 068. *Saturnino visto do alto,* Fotografia pela autora, 2016.

Figura 069. *Vazio criado pelas antigas construções,*  
Fotografia pela autora, 2016.

Figura 070. *Rochas compondo um miradouro,*  
Fotografia pela autora, 2016.



Em S. Saturnino assume-se uma conservação da ruína, admitindo que tudo aquilo a que a ermida esteve sujeita ao longo dos séculos, acabou por marcá-la indelevelmente. Qualquer hipotética proposta que lhe atribua um novo contexto, iria anular o seu espírito e invalidar toda a sua história e passado. Assim, assume-se um espaço que perdeu o rosto – por crueldade do tempo e dos homens – e que atualmente apenas se exprime pelo que dele resta, admitindo por isso, a salvaguarda das suas ruínas.

Por outro lado, têm-se os indiscutíveis valores históricos e patrimoniais da Capela da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição e do Palacete de Carvalho Monteiro, tendo-se, por isso assumido um outro modo de intervenção. Efetivamente, propõe-se o seu restauro, mantendo a sua arquitetura e adaptando-a como espaço museológico da Peninha.

Por fim, no que diz respeito às dependências mais recentes – as casas do caseiro e dos romeiros – propõe-se a sua reabilitação, mantendo o seu exterior e adequando o interior com infraestruturas de apoio aos caminhantes do PNSC.

A Casa do Caseiro será direcionada aos visitantes da Peninha, enquanto que as atuais Casa dos Romeiros pretende-se que funcionem como um todo que responda aos caminhantes dos PR3 e PR10.

No que diz respeito aos acessos, serão repavimentados com materiais autóctones e introduzidos outros de carácter mais contemporâneo, enfatizando, assim, a relação antigo-novo.

## A PROPOSTA

Importa referir que a comunicação entre os três pontos identificados também será requalificada, distinguindo, por um lado, as diretrizes a manter e, por outro, reformas nas que se encontram descaracterizadas.

O objetivo de todas estas interpretações traduzidas em distintos modos de atuar é melhorar as condições do Santuário, restituindo vínculos emocionais com os seus visitantes. Pretende-se, assim, entender a presença da Peninha na paisagem e consequente participação no presente, respeitando a sua essência através de um programa que se adeque ao seu *locus*.

*A obra de Fernando Távora evoca sempre o passado: evoca-o naturalmente quando recupera um edifício ou quando acrescenta algo de novo a uma velha construção (...). Arquiteto moderno, à sua modernidade sempre repugnou porém ignorar, esquecer ou destruir (...).*

(Ferrão, 1991, p. 13)

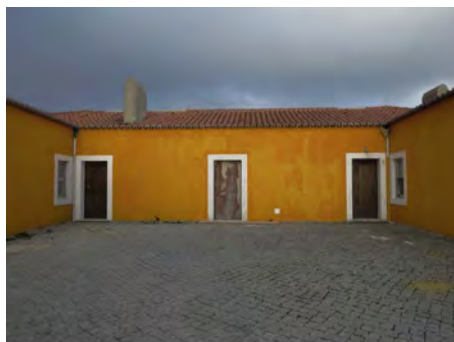


Figura 071. Vista do adro da Capela, Fotografia por Ana Damenti, 2016.

Figura 072. Casas dos Romeiros, Fotografia por Ana Damenti, 2016.

Figura 073. Casas dos Romeiros e envolvente, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 074. Miradouro das Casas dos Romeiros, Fotografia por Ana Damenti, 2016.





Figura 075. *As ruínas de Saturnino*, Fotografia pela autora, 2016.

A PROPOSTA



## 2. NO TERRITÓRIO

Depois da adequação do passado pretende-se agora discorrer sobre o presente, ou por outras palavras, sobre o território em que o Santuário se insere. O objetivo é atuar no território *per si*, lendo e interpretando os dois percursos pedestres dos quais integra.

Sobre o PR3 CSC Rota das Aldeias importa referir que ele se desenvolve num percurso circular que une várias aldeias de Cascais, iniciando-se no Largo da Capela da Malveira da Serra.

*Atravessa sombrias matas plantadas, bosquetes com vegetação autóctone, áreas essencialmente ocupadas por espécies invasoras, matos de características mediterrânicas (...) e prados.*

(panfleto do ICNF, 2016)

Ao longo da sua extensão, para além das espécies de carvalhos e sobreiros, podem ser descobertos pontuais azevinhos, loureiros e ainda inúmeras outras espécies especiais no PNSC.

A fauna, por outra parte, não é tão comum quando comparada a outros percursos, pois apesar de tudo, este integra uma grande área em contexto urbano. Ainda assim, de entre as espécies mais genéricas que podem ser avistadas destacam-se as aves de rapina, sendo as restantes mais tímida e, por isso, dificilmente avistadas, como é o caso da geneta.

Sobre os pontos de interesse dos 12,5 km do PR3 CSC tem-se, para além do Santuário da Peninha, os Fornos de Cal do Arneiro.

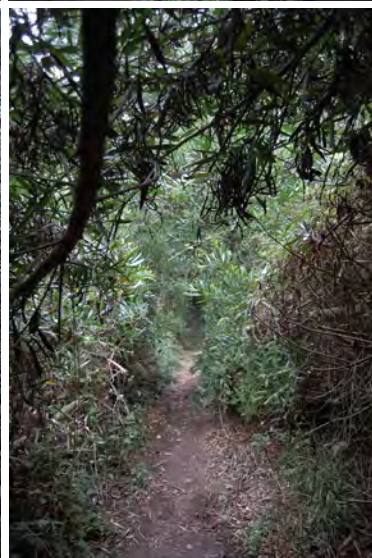
## A PROPOSTA

Figura 076. *PR10 no troço da Peninha I*, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 077. *PR10 no troço da Peninha II*, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 078. *PR10 no troço de Adrenunes I*, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 079. *PR10 no troço de Adrenunes II*, Fotografia pela autora, 2016.



Estes fornos serviram durante muito tempo a humilde população destas aldeias, na confecção de pão e na produção de cal, sendo graças a eles que os saloios garantiam o sustento e a matéria-prima utilizada nas vernáculas construções (ICNF, 2016).

Atualmente deles apenas restam alguns vestígios, bem como outros indícios daquilo que teriam sido pedreiras e fortalezas de defesa da costa ocidental, localizados entre as localidades da Figueira do Guincho e do Arneiro.

Por outro lado, ao longo dos 4,5 km de extensão do PR10 SNT Peninha, existem três pontos de interesse principais e ainda tantos outros secundários que podem suscitar a curiosidade dos caminhantes.

A clareira do estacionamento da Peninha funciona, simultaneamente, como ponto de partida e chegada deste percurso. Dele se parte pela rampa de acesso até ao topo do Santuário, onde para além da arquitetura podem ser observadas algumas das plantas raras assinaladas no PNSC. É a partir do desvio à esquerda da Ermida de São Saturnino que é possível adentrar-se pela Serra, em direção a outro ponto de paragem do percurso: a Anta de Adrenunes. Esta caminhada é, ao contrário da anterior, vivamente acompanhada pela densidade arbórea e pela humidade característica de Sintra, tornando-se já muito próximo de Adrenunes ainda mais selvagem. Na primeira fase desta jornada, o caminho é feito em descida por entre sublimes árvores que, quando a topografia se revela mais ardilosa, oferecem as suas raízes como escadarias naturais. Na colina de Adrenunes a humidade dissipa-se e a confusão de espécies florísticas instala-se, sendo os estreitos caminhos limitados por tojos e silvas.

## A PROPOSTA

Figura 080. *Anta de Adrenunes*, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 081. *Castelo dos Mouros e Palácio da Pena desde Adrenunes*, Fotografia pela autora, 2016.

Figura 082. *Peninha desde Adrenunes*, Fotografia pela autora, 2016.





Do monumento megalítico podem observar-se alguns dos mágicos lugares da Serra e de toda a sua envolvente. Destacam-se daqui o Santuário da Peninha, o Palácio da Pena, o Castelo dos Mouros, o alto dos Picotos, o Cabo da Roca, e todas as localidades a noroeste da Serra, chegando o alcance visual até Peniche.

Tal como no PR3 CSC, inúmeras espécies de fauna e flora podem ser admiradas ao longo do roteiro, sendo outro motivo de contemplação os penedos que ocasionalmente surpreendem os caminhantes. Efetivamente, um outro ponto de interesse assinalado no PR10 SNT é o das Pedras Irmãs. Estes dois gigantes, figuram placidamente o cenário que conduz de volta à Peninha, como que introduzindo àqueles que chegam pelos itinerários automóveis o que advinha no Santuário.

Em ambos os percursos pretende-se assinalar subtilmente estes pontos e relacioná-los com a Peninha. Efetivamente, as duas paragens principais para além da Peninha são, como foram mencionados, os Fornos do Arneiro e a Anta de Adrenunes<sup>91</sup> e importa referir que em ambos é possível avistar a Peninha. Assim, propõe-se a utilização de painéis informativos e sinaléticas pontuais semelhantes aos propostos na Peninha e que permitam a relação entre estes pontos.

Esta atitude de (re)conexão pretende o imediato entendimento destas estruturas como um conjunto. Na verdade, qualquer pessoa que visite, por exemplo Adrenunes, irá entender que esta anta se enquadra numa rota onde outro dos pontos principais é a Peninha, pelo que se pretende que seja entendida

---

91. No PR3 CSC e no PR10 SNT, respetivamente.

## A PROPOSTA

a sua ligação demonstrada pelos vestígios pré-históricos e manifestações geológicas em ambos. Igualmente quem visite os Fornos de Cal, entenderá a sua articulação com a Peninha, associando a zona saloia de Cascais com o milagre da pastorinha do século XVI.

Importa ainda referir que se optou por não intervir nos percursos em si, pois para além da sua extensão, estes devem permanecer a sua essência natural.

*(...) la modernidad apropiada, un intento consciente de crear una categoría de análisis de nuestra realidad que, por un lado, y por otro, nos comprometía con un presente y un futuro concretos, a la hora de buscar respuestas válidas a las exigencias sociales y culturales, y que no tuvieran repercusiones en el medio natural y cultural de la región.*

(Martín, 2001, p. 25)



### 3. PROJETOS DE REFERÊNCIA

Das páginas anteriores retiraram-se duas intenções – nas arquiteturas existentes e no contexto territorial – que viabilizam a relação do Santuário com os seus visitantes. Ao mesmo tempo, relativamente às pré-existências construtivas da Peninha, foram referidas três abordagens distintas que se enquadram nas diferentes atmosferas sentidas.

Para facilitar a compreensão destas atitudes projetuais, pretende-se neste subcapítulo, apresentar dois projetos de referência ao presente trabalho e que consideram duas aproximações distintas para com o existente.

O primeiro apresenta uma resposta de consolidação da pré-existência que facilite o diálogo da mesma apenas pela sua arquitetura, enquanto que o segundo corresponde à apropriação de um edifício onde as suas características são mantidas e uma nova funcionalidade lhe é atribuída.

É importante referir que ambos se encontram inseridos em paisagens *sui generis*, reconhecidas e classificadas pelos seus atributos, pelo que apesar das diferenças entre eles, a interpretação da sua envolvente é sempre tida em conta e refletida no resultado final.

## A PROPOSTA

### Convento dos Capuchos

O Convento dos Capuchos na Serra da Arrábida, é um projeto de valorização e consolidação do atelier VMSA Arquitetos. Remonta ao ano de 2012, e a sua escolha pretende aqui evidenciar uma possível aproximação à pré-existência, numa atitude cuidada e pontual.

Tenciona-se apelar à consciencialização de um sentido de responsabilidade comum, que pretende evitar o desfecho das construções históricas nestes ermos lugares. Efetivamente, à semelhança do que se passa no Santuário da Peninha, o ambiente isolado da Arrábida acelera o processo de degradação desta construção, pelo que apenas uma conveniente intervenção pode retardar o seu final.

Os VMSA Arquitetos admitem uma especial posição ao conservar o que do Convento resistiu, como consequência da perda dos valores socioculturais nos monumentos deste tipo.

Assim, a proposta deseja valorizar a pré-existência como herança deixada

Figura 083. *Vista da Fachada do Convento,* Fotografia VMSA, 2012.

Figura 084. *Vista da Fachada Principal do Convento,* Fotografia VMSA, 2012.



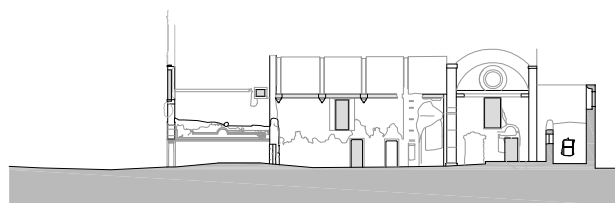
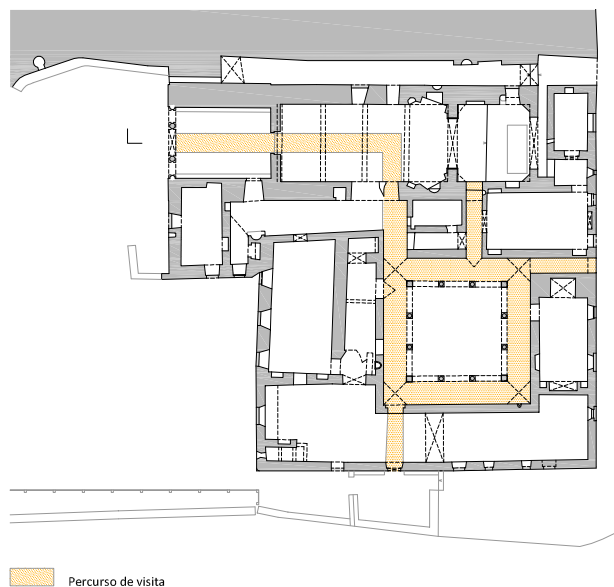


Figura 085. *Planta do piso 0*, VMSA, 2012.

Figura 086. *Alçado Sul*, VMSA, 2012.

Figura 087. *Corte*, VMSA, 2012.

5 10 15m

## A PROPOSTA

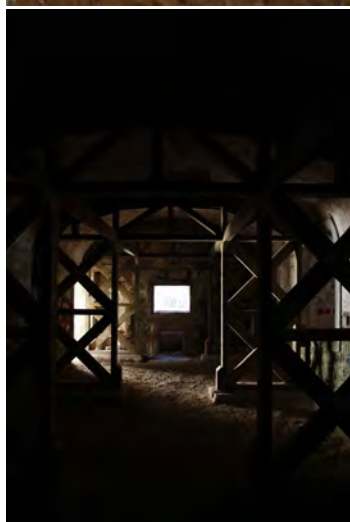


Figura 088. *Interior do claustro*, Fotografia VMSA, 2012.

Figura 089. *Interior do Convento*, Fotografia VMSA, 2012.

Figura 090. *Pormenor dos vãos*, Fotografia VMSA, 2012.

pelo homem ao longo dos tempos, mantendo as devidas relações com o território. A conservação das suas ruínas é, então, o objetivo deste projeto de valorização, conseguido através da consolidação da estrutura do Convento.

A intervenção desenvolve-se ao longo de um percurso de visita assinalado pelo conjunto arquitetónico e que permite a interação do visitante com a ruína, entendendo, por um lado, o peso do tempo nas construções e por outro, o do dever coletivo perante estes monumentos. A consolidação do edifício é conseguida graças a uma série de estruturas em madeira com cruzes de Santo André e que garantem, assim, a segurança dos visitantes.

Para além destes pontuais tratamentos, é de referir a solução adotada pelos VMSA Arquitetos nos vãos do Convento, Foi encontrado um modo que permita espreitar para o interior mas, ao mesmo tempo, evite situações de vandalismo por parte de eventuais intrusos.

No que diz respeito à Peninha, uma intenção semelhante é assumida na Ermida de S. Saturnino, consolidando as atuais ruínas através de um reforço estrutural e, ainda, admitindo um percurso pelo seu interior.

Figura 091. *Piso Superior*,  
Fotografia VMSA, 2012.

Figura 092. *Pomenor  
da estrutura em madeira*,  
Fotografia VMSA, 2012.





## A PROPOSTA

### Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha

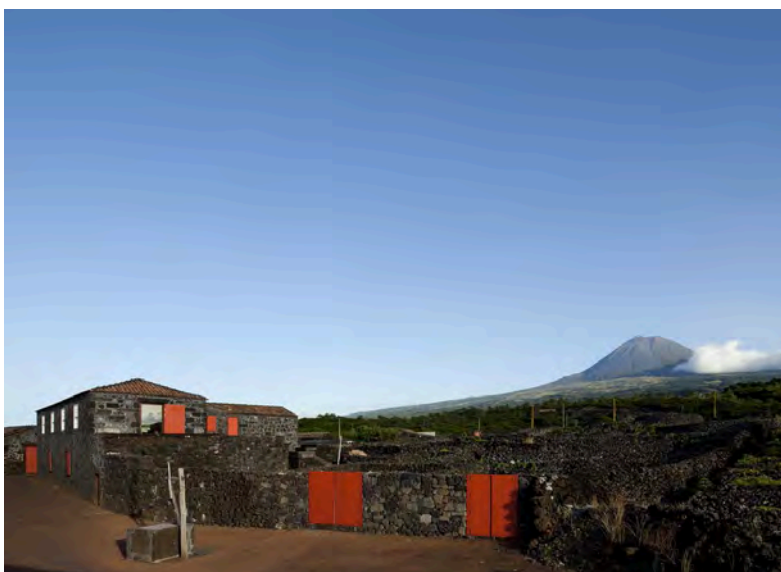
O Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha é um projeto do atelier SAMI Arquitetos, construído em 2009 na Ilha do Pico, nos Açores. É um dos principais pontos de compreensão cultural da Paisagem Protegida da Cultura da Vinha, classificada em 2004 como Património da Humanidade pela UNESCO.

Nas imediações, estruturas dedicam-se ao cultivo de vinhas e figueiras, de entre as quais se destacam alguns armazéns e um alambique onde, atualmente, ainda é destilado o vinho das colheitas. Do percurso interpretativo fazem também parte os campos de lava do Pico, ao longo dos quais podem ser observados raros fenómenos geológico e que conduzem até ao Núcleo do Lajido.

Relativamente à construção pré-existente sabe-se que, à semelhança das vizinhas, teria sido utilizada na produção vinícola, datando a sua construção do século XVIII. Assim, atendendo às premissas históricas e territoriais, a

Figura 093. *Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha*, Fernando Guerra I FG + SG, 2012.

Figura 094. *Pormenor da Fachada*, Fernando Guerra I FG + SG, 2012.





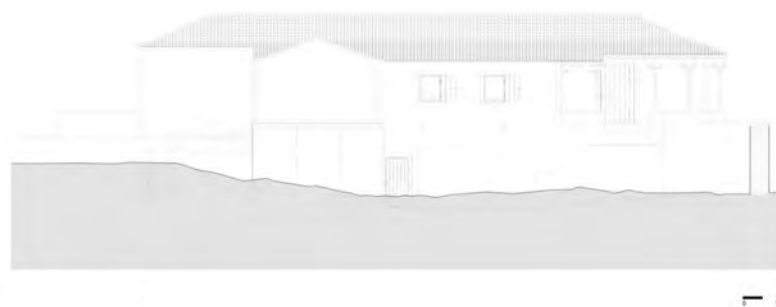
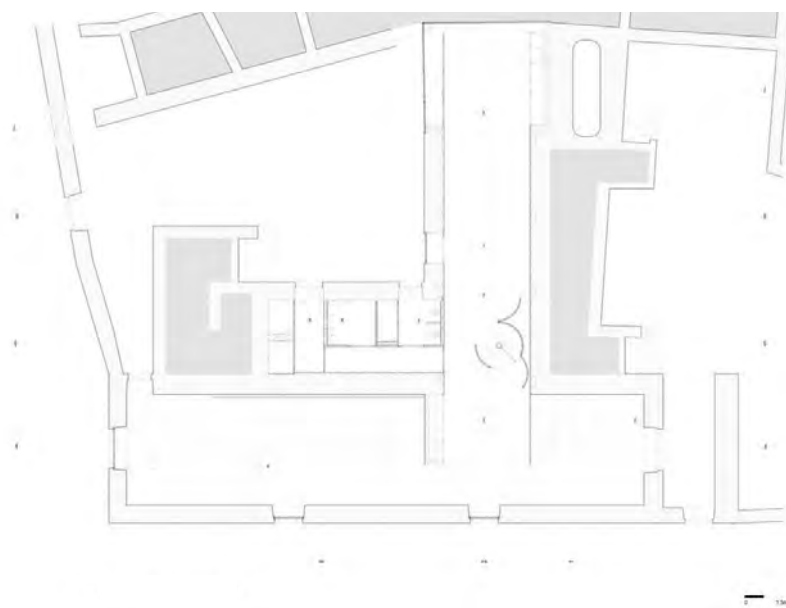
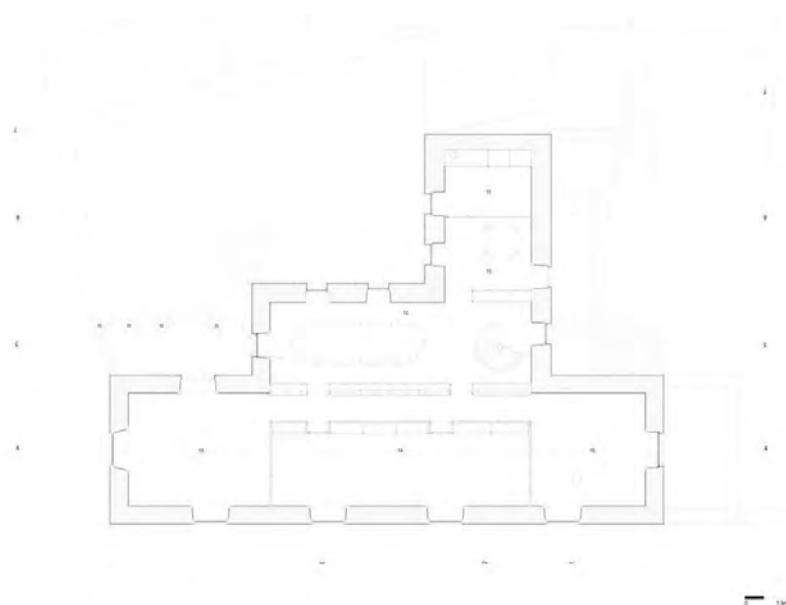


Figura 095. *Planta do piso 1*, SAMI, 2012.

Figura 096. *Planta do piso 0*, SAMI, 2012.

Figura 097. *Alçado Sul*, SAMI, 2012.

## A PROPOSTA

proposta de um Centro Interpretativo surge como necessidade em conciliar a paisagem com a construção solarenga, respeitando simultaneamente o seu papel na envolvente.

Assim, a proposta do atelier SAMI Arquitetos, pretende manter a atmosfera da arquitetura existente – do seu passado e do seu *locus* – e relacioná-la com as características presentes do território. Assim, o projeto pretende dar resposta aos visitantes desta Paisagem Protegida, sensibilizando-os à interpretação deste singular lugar.

Sobre o gesto do projeto, nota-se um certo pragmatismo por parte dos arquitetos em conciliar a maior parte da estrutura existente com novos espaços que acrescentem um toque de contemporaneidade à proposta.

No edifício é feito o reforço estrutural a partir de argamassas à base de cal e varões em aço, permitindo a estabilização das estruturas pré-existentes em madeira, e que irão abrigar espaços originais e novos.

A estratégia adotada ao longo do projeto é a da não anulação da linguagem primitiva, através de ponderadas intenções nas áreas do Centro Interpretativo. Efetivamente, através de revestimentos uniformes nas paredes e tetos dos espaços propostos, os elementos construtivos pré-existentes continuam em evidência, pelo que a obra pode ser lida no seu conjunto sem supressões construtivas.

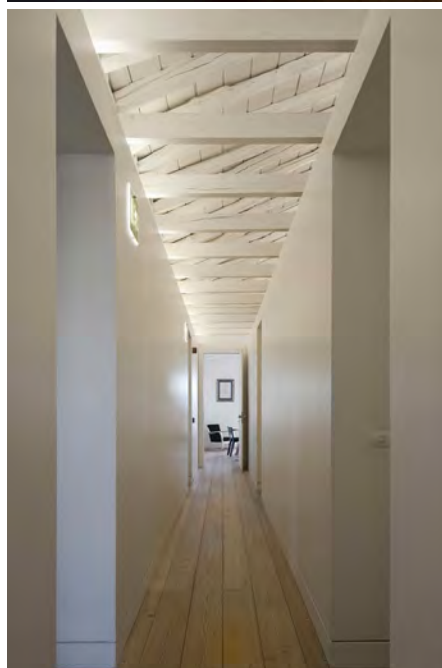
O projeto engloba salas expositivas e comuns que pretendem, por um lado, informar e orientar os visitantes da Ilha do Pico e, por outro, possibilitar a sua participação em encontros científicos relacionados com a cultura do vinho.



Figura 098. *Vista do vão interior*, Fernando Guerra I FG + SG, 2012.

Figura 099. *Interior do Centro Interpretativo*, Fernando Guerra I FG + SG, 2012.

Figura 100. *Interior do Centro Interpretativo*, Fernando Guerra I FG + SG, 2012.



## A PROPOSTA

Apesar das diferenças culturais entre a paisagem açoriana e a sintrense, o modo como as premissas foram entendidas e a sua adaptação às exigências atuais, é equivalente ao exercício feito nas casas dos Romeiros. Na verdade, em ambos os casos foram destacadas as suas arquiteturas a funcionalidades contemporâneas, considerando este método como uma possível solução ao abandono destas vernáculas construções.

Outra semelhança entre o projeto dos SAMI e o proposto para as casas na Peninha, diz respeito à relação da paisagem no interior do edifício, ou por outras palavras, à identificação de importantes pontos paisagísticos que facilitem o entendimento do lugar. Assim, através de novos vãos, a paisagem consegue entrar no próprio edifício e ser ela também interpretada neste Centro, dialogando através de enquadramentos específicos.



Figura 101. *Paisagem da Ilha do Pico*, Fernando Guerra I FG + SG, 2012.

Apesar de cada lugar ter a sua interpretação e, como tal, ser impossível adotar soluções universais, o entendimento de lugares semelhantes facilita a tarefa à resposta do projeto.

Como foi referido, entenderam-se três formas de intervir no património e uma quarta no território. No entanto, optou-se por apenas referir um exemplo de reabilitação e outro de conservação por serem, provavelmente, aqueles que mais facilmente podem ser refutados.





## CAPÍTULO IV

# O PROJETO

*Tudo há que refazer, começando pelo princípio.* <sup>92</sup>

---

92. (Távora, 1993).

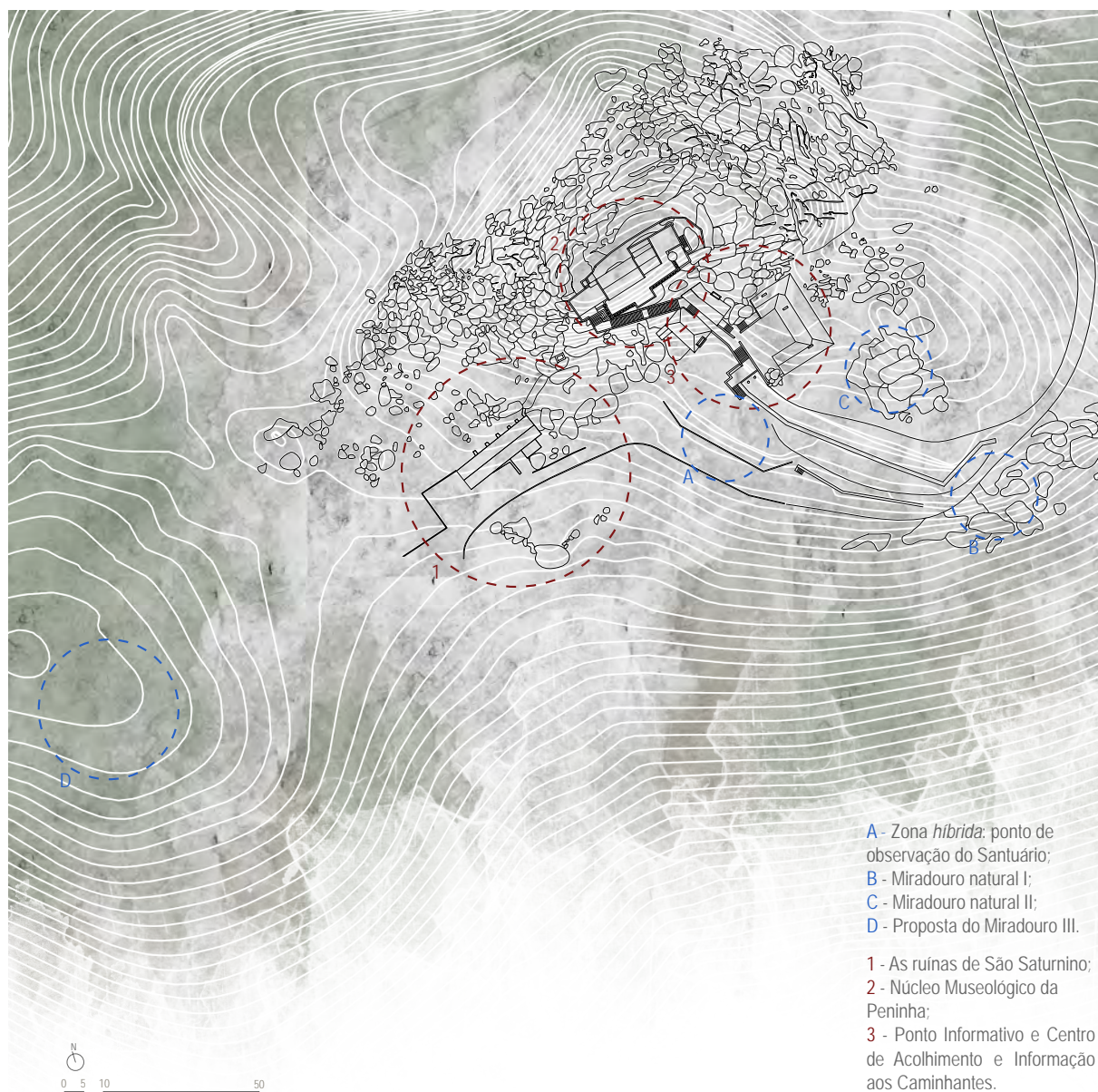


Figura 102. *Proposta na Peninha*. Elaborado pela autora, 2016.

## 1. O SANTUÁRIO DA N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> DA PENINHA

Nas páginas anteriores foram definidas diferentes estratégias que permitem responder aos problemas identificados no Santuário. Assim, importa agora pormenorizar o modo como essas intervenções serão conseguidas.

Em primeiro lugar, propõe-se a recuperação dos muros que limitam a propriedade da Peninha, através da utilização de argamassas e preenchimento dos vazios dos troços destruídos, bem como a colocação de portões que possam controlar os automóveis e motas que furtivamente atravessam estas áreas protegidas.

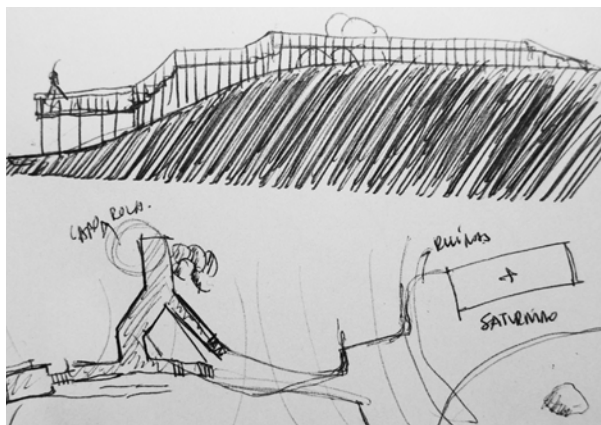
Propõe-se igualmente repavimentar os acessos usando a pedra característica da Peninha – o granito. Deste modo, será conseguido um pavimento contínuo, poroso, que facilite a chegada a este alto serrano e, simultaneamente, respeite a sua envolvente. A preferência pela continuidade do material no lugar de blocos graníticos relaciona-se com a falta de aderência destes últimos ao solo, sobretudo em terrenos inclinados. Na verdade, é importante garantir que veículos autorizados do ICNF estejam capazes de aceder ao topo, pelo que as pedras iriam acabar por soltar-se e rolar pelas descidas.

Os caminhos que ligam as dependências da Peninha são também repensados, através da introdução de passadiços que facilitem a comunicação entre elas.

## O PROJETO

Figura 103. *Esquisso do miradouro natural I.* Elaborado pela autora, 2016.

Figura 104. *Esquisso do miradouro natural III.* Elaborado pela autora, 2016.



As escadas pré-existent em pedra que levam a Saturnino serão mantidas, chegando a um patamar localizado ao longo da zona *híbrida* composto por pequenos miradouros. Assim, pretende-se fazer deste espaço um ponto de observação do próprio Santuário, fazendo dele um extenso miradouro virado para si mesmo, e que leva através da observação das pré-existências, à descoberta das suas arquiteturas.

Relativamente aos materiais utilizados, a madeira terá um papel principal no pavimento e nas guardas que, estabilizada por elementos em aço, irão fundir estas intervenções nos tons da paisagem envolvente.

Para além deste lugar de paragem, propõem-se outros três miradouros ao longo do percurso do Santuário.

No primeiro será adotada a solução da pedra granítica para a criação de uma escadaria que leve à descoberta da costa dourada de Lisboa, enquadrando-se, assim, na envolvente natural<sup>93</sup>.

O segundo será feito a partir de um antigo carreiro desbravado pelos visitantes e que leva a uma peculiar rocha no lado direito das casas dos Romeiros. Esta rocha completamente lisa e inclinada, suscita em quem a procura a sensação de uma personagem de uma pintura de Caspar David Friedrich (1774-1840), onde o viajante descobre um mar de névoa na zona norte do Santuário. Deste modo, a proposta neste miradouro será a repavimentação até à rocha e, ainda, um delgado corrimão metálico que nela será cravado e que auxilie na descida.

Por fim, o último miradouro<sup>94</sup>, será também consequência do entendimento de

---

93. Ver imagem 103.

94. Ver imagem 104.

## O PROJETO

caminhos feitos pelo homem, na zona sul. Assim, propõe-se a descoberta de Cascais e da área ocidental da costa, de onde poderão avistar os Fornos do Arneiro e o Cabo da Roca. A linguagem aqui admitida é igual à dos passadiços que conetam as diferentes zonas do Santuário, permitindo entender este miradouro como sua extensão.

### As ruínas de São Saturnino

*Quero dizer com isto que a nossa experiência perante um monumento arquitetónico ou um sítio arqueológico nos obriga a um exercício racional, de abstração, de tentativa de entendimento e de procura de uma espécie de objetividade perdida mas que seria possível reconstruir. Simultaneamente, obriga-nos a um exercício de afetividade, de entrega do sujeito pela estesia (pela sensação), isto é de pura subjetividade.*

(Pereira, 2001, p. 6)

No que diz respeito à vetusta Ermida, pretende-se o seu entendimento como ruína na paisagem. A proposta será um reforço estrutural através da reconstrução dos contrafortes destruídos e recuperação dos arcos abobadados e da cobertura.

Por outro lado, pretende-se que sejam posto a descoberto as áreas onde foram encontrados os enterramentos, permitindo assim um passadiço entre elas. Este passadiço estende-se para o exterior onde para além dos lugares onde foram avistados os enterramentos, poderão ser interpretadas as ruínas da primeira ermida ali existente.

Este percurso será elevado do chão e em aço corten, intensificando os tons quentes da Ermida. Serão mantidos os acessos ao interior existentes, propondo-se um terceiro através da sacristia e que permite a ligação com



os passadiços que levam à zona norte do Santuário e por entre os quais se torna possível observar uma cisterna romano-árabe com mais de 4 metros de profundidade e ainda a rocha utilizada durante a pré-história como câmara funerária.

### **Núcleo Museológico da Peninha**

Em relação à proposta da Capela e ao Palacete, procura-se restaurar os elementos que se justifiquem de modo a salvaguardar as suas arquiteturas. Assim, e à semelhança da escadaria que lhes serve de acesso e do eirado, propõe-se a sua recuperação, substituindo as cantarias e tijoleiras danificadas.

A Capela irá funcionar como espaço expositivo *per si*, pelo que se propõe um conjunto de bancos que permitam uma reflexão sobre todo o ambiente renascentista criado pela mistura entre os azulejos e mármore. A lápide de Pedro da Conceição e o altar-mor serão protegidos através de uma fina guarda metálica.

A sacristia servirá como zona de arrumos e técnica de som como auxiliar à sala de videoarte proposta a norte da Capela.

O acesso ao interior do Palacete será feito a partir do altar-mor, através de uma entrada pré-existente, e onde se terá imediatamente acesso a uma cronologia do Santuário afixada numa parede em pladur.

Ao longo deste edifício pretende-se que as quatro salas respondam como espaço expositivo permanente, onde a história da Peninha será contada através de painéis expositivos nas paredes de cada sala. Cada espaço

## O PROJETO

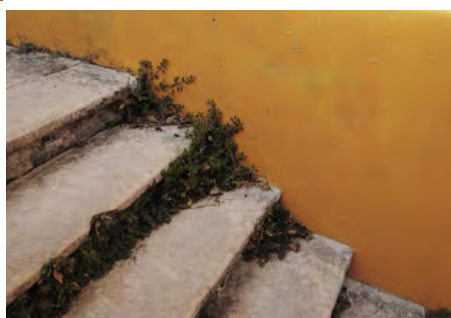
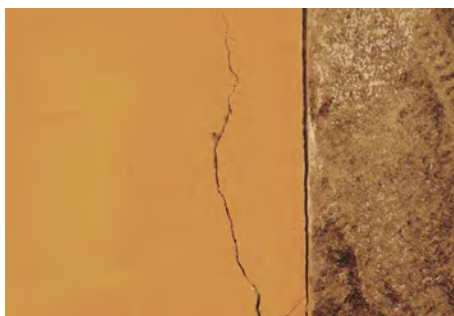


Figura 105. *Patologia:*  
*Fendilhação I*, Fotografia  
pela autora, 2016.

Figura 106. *Patologia:*  
*Fendilhação II*, Fotografia  
pela autora, 2016.

Figura 107. *Patologia:*  
*Colonização biológica*,  
Fotografia pela autora, 2016.

Figura 108. *Patologia:*  
*Banco partido*, Fotografia  
pela autora, 2016.

Figura 109. *Patologia:*  
*Cantaria quebrada*, Fotogra-  
fia pela autora, 2016.

corresponderá a uma das atmosferas da Peninha, entendendo, finalmente, a sua história e contexto. Efetivamente, da sala dedicada à Capela da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição será reaberto o acesso ao púlpito, permitindo os visitantes a contemplá-la de uma outra perspetiva.

No andar inferior, as instalações sanitárias serão mantidas para os visitantes, enquanto que a sala a norte servirá como local de exposição dos objetos e pertences da Ermida de São Saturnino.

### **Ponto informativo da Peninha**

O interior da Casa do Caseiro é revestido a silhar de azulejos, sendo o elemento decorativo principal uma ampla lareira que surpreende quem entra. Assim, a proposta para esta casa é a de uma recepção da Peninha, por ser o último lugar de passagem antes do conjunto da Capela e Palacete. Neste local poderão ser adquiridas informações sobre o Núcleo Museológico e a sua integração nas pequenas rotas.

### **Centro de Acolhimento e Informação aos Caminhantes**

No complexo reconstruído no final dos anos 90 onde em tempos figuraram as casas dos peregrinos, pretende-se adaptá-lo como um centro de apoio ao caminhantes. Deste modo, o objetivo da proposta é manter o seu aspeto exterior, preservando as suas paredes estruturais.

O interior será ajustado às necessidades dos visitantes – os novos peregrinos da Serra de Sintra. No seu centro propõe-se uma área de contemplação da paisagem que pode servir como ponto de reunião de visitas guiadas pelo

## O PROJETO

Santuário e seus percursos. Este Centro terá ainda uma recepção apoiada por um gabinete e uma instalação sanitária e uma zona de cacifos e instalações sanitárias que sirvam, assim, as necessidades dos caminhantes.

Relativamente à antiga lavandaria entre o Ponto Informativo e o novo Centro, pretende-se que sirva apenas os trabalhadores, através da criação de vestiários, instalações sanitárias e ainda uma pequena cozinha.

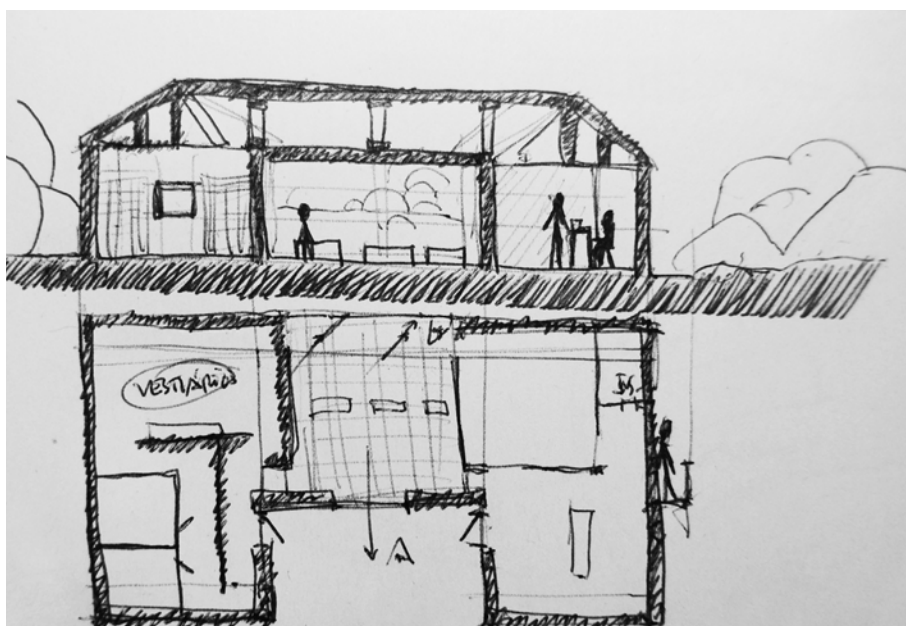


Figura 110. Corte e Planta do CAIC. Elaborado pela autora, 2016.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reviver o passado é impossível. Contudo, através da arquitetura, das marcas de outros povos e culturas que o imaginário de cada um viaja até outras épocas.

Este tipo de experiência *in medias res* – voltando ao início – torna possível divagar sobre o passado, recriando a ambiência de uma anta, de um *forum* romano, de banhos islâmicos, de ostensivos palácios e jardins...

É o regressar ao passado através da arquitetura.

No presente trabalho foi relacionada a importância das arquiteturas de outros tempos com os dias de hoje. A compreensão da sua essência, daquilo que se esconde para lá do visível e a sua adaptação ao século XXI é urgente.

Relativamente ao objeto de estudo do presente trabalho – o Santuário da Peninha – é através do entendimento de tudo o que o integra – cada pedra, caminho, arquitetura e motivos que determinaram a sua construção – que é possível a total compreensão deste lugar.

Como ponto de partida tem-se a Serra de Sintra e tudo o que com ela se relaciona. Com base na análise de documentos e dados históricos a seu respeito, entendeu-se que as serras no geral e, principalmente as serras em contexto urbano<sup>95</sup>, continuam a despertar no homem sentimentos primitivos.

---

95. Como é o caso da Serra de Sintra.

## INTERVIR NO SAGRADO

Assim, após a análise do ambiente em que se insere a Peninha, estabeleceram-se os enquadramentos históricos, culturais e naturais do próprio Santuário. Entenderam-se aqui diferentes *marcas* do homem, todas elas de diferentes épocas, mas exaltando todas elas valores excelsos. Compreendeu-se também que este regresso à Peninha advém de um significado comum a diferentes culturas e inerente à relação básica do homem com a natureza. Por fim, no que diz respeito ao enquadramento natural deste lugar, estudaram-se as suas características que lhe valeram a atribuição de Área Protegida e cujo objetivo é a salvaguarda das mesmas.

Assim, atendendo como premissa a ideia que o termo *sagrado* atinge sentidos mas amplos do que aquilo que é definido por uma *religião*, concluiu-se como hipótese de investigação que a Peninha é, desde sempre, associada a um *lugar sagrado*.

Contudo, apesar da sua importância, o futuro deste Santuário permanece incerto, pelo que se propôs, no presente trabalho, uma hipótese de intervenção baseada na pesquisa teórica desenvolvida ao longo de um ano.

Posteriormente, após estabelecidas etapas de salvaguarda do património, entenderam-se três diferentes modos de intervir nas arquiteturas existentes. Na verdade, tendo em conta que cada uma das dependências do Santuário é única, a abordagem a cada uma deveria ser diferente.

Assim, com base nos projetos de referência aqui apresentados e cruzando o passado do Santuário com o seu presente, admitiram-se três gestos ao nível da arquitetura: conservação, restauro e reabilitação.



Sobre S. Saturnino concluiu-se que o seu desgaste é fruto de todo o seu passado, de toda a sua história. As diversas funcionalidades que lhe foram impostas fizeram com que a sua identidade original se perdesse, pelo que se optou apenas por conservar a ruína como ruína, prolongando a sua existência no tempo.

Na Capela e no Palacete propôs-se o seu restauro, integrando-os como Núcleo Museológico da Peninha e conservando os motivos que levaram à sua edificação. À semelhança das salas do Palacete de Carvalho Monteiro, a Capela da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> da Conceição transforma-se em lugar expositivo, já que os círios em sua adoração deixaram de ser praticados.

Por fim, as construções mais recentes servirão os atuais visitantes do Santuário, ou seja, os caminhantes da Serra de Sintra. Entendendo-os como os novos peregrinos da Serra, propôs-se a reabilitação das antigas Casas dos Romeiros para um Centro de Acolhimento e Informação aos Caminhantes.

Mantendo a forma existente, o objetivo seria equipar estas casas com infra-estruturas que auxiliem o bem-estar de todos os exploradores do PNSC.

Assim, este trabalho pretende alertar a situação de muitos edifícios históricos do nosso país que, à falta de um programa, não são integrados na sociedade contemporânea. Assumindo a importância do património inserido no território, desenvolveram-se aproximações *sui generis* ao conjunto do Santuário, tendo em conta o seu passado e o seu presente.

Passado e presente, património e território, são noções desenvolvidas ao longo de *Intervir no Sagrado*, pois definindo o modo como foi estruturado são considerados conceitos chave para uma intervenção tão específica e importante como esta.

INTERVIR NO SAGRADO

## BIBLIOGRAFIA

ADRIÃO, Vítor Manuel. (2007). *Sintra, Serra Sagrada (Capital Espiritual da Europa)*. Lisboa: Dinapress de Martins & Coimbra, Lda.

ALVES, Teresa Marques. (2001). *Cantinhos de Sintra – A Capela de São Saturnino*, in *Jornal da Região*, pp. 9.

ARNOSO, Conde d'. (19??). *Recordação de Cintra*, extraído de *Arte e Natureza em Portugal*. Porto: Companhia Portuguesa.

AZEVEDO, José Alfredo da Costa. (1980). *Velharias de Sintra I*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.

BOTTON, Allain de (2004). *A Arte de viajar*. Lisboa: Dom Quixote.

BOTTON, Allain de (2013). *A arquitetura da Felicidade*. Lisboa: Dom Quixote.

CABRAL, Francisco Caldeira. (1989). *Sintra, Património Cultural e Natural*, Conferência proferida no Palácio de Valenças a convite da Associação de Defesa do Património de Sintra a 16, setembro, 1989.

CAETANO, Maria Teresa. (2007). «O último porto de Ulisses»: história, urbanismo e arte de Felicitas Iulia Olisipo, in *Revista de História da Arte*. Nº4, pp. 55-118.

CALIXTO, Vasco (1993). *As ruínas da Peninha* in *Correio da Manhã*. Lisboa.

CARDOSO, Guilherme, & MIRANDA, Jorge, & TEIXEIRA, Carlos. (2009). *Registo Fotográfico de Alcabideche e alguns apontamentos histórico-administrativos*. Alcabideche: Junta de Freguesia de Alcabideche.

## INTERVIR NO SAGRADO

CARDOSO, Felipa Espírito Santo; CORREIA, Fernando Calado; PEREIRA, Arturo D. (1983). *Sintra e suas Quintas*. Sintra: Edição dos Autores.

CARROLL, Lewis. (1997). *Alice's Adventures in Wonderland*. England: Oxford University.

CORREIA, Vergílio. (1956). *Azulejos*. Coimbra: Livraria Gonçalves.

COSTA, Rodrigo Simões. (1941). *Sintra e seus arredores*. Lisboa: Centro Tipográfico Colonial.

FERNANDES, Patrícia, & GARCIA, Hugo, & POEIRA, Hugo. (2009). *Análise Física do Parque Natural Sintra-Cascais*. Trabalho da disciplina de Geografia Física de Portugal do curso de Geografia e Planeamento Regional, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

FERREIRA, Vergílio. (1998). *Sintra Património da Humanidade*. Câmara Municipal de Sintra.

FERREIRA, Vergílio (2009). *A Aparição*. Lisboa: Quetzal.

GANDRA, Manuel. (2000). *Mistérios e Astrolatrias na Serra de Sintra: (dos Capuchos à Peninha)*. Mafra: Centro Ernesto Soares de Iconografia e Simbólica.

GARCIA, Cristina Teté. (1997). *Ermida de São Saturnino: breve nota de uma escavação arqueológica na Serra de Sintra*, in *Arqueologia Medieval*, nº5. Porto: Edições Afrontamento Lda., pp.85-101.

GOMES, Mário de Azevedo. (1957). *A importância das precipitações devidas ao nevoeiro em regiões costeiras arborizadas (estudo do clima local realizado no Parque da Pena – Serra de Sintra)*. Coimbra: Separata do Tomo V das Publicações do XXIII Congresso Luso-Espanhol.

## BIBLIOGRAFIA

HEIDEGGER, Martin. (2014). *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa: Edições 70, Limitada.

JUOZENAS, Ricardas & MATO, Patrícia & ARQUES, Joaquim. (1999). *Peninha I – primeira exposição*. Sintra.

JUROMENHA, Visconde de. (1838). *Cintra Pinturesca ou Memoria Descritiva da Villa de Cintra, Collares e seus arredores*. Sintra – Câmara Municipal, Gabinete de Estudos Históricos e Documentais (1989-1990). Reimpressão anastática da edição original: Lisboa: Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis.

KAROUSSOS, Katerina. (s.d.). *Arrivals & Departures - Media Res lounge in imagery are*, in Academia.edu. Acedido em 20 de Setembro de 2016 em [https://www.academia.edu/11420142/Arrivals\\_and\\_Departures\\_-\\_Media\\_Res\\_lounge\\_in\\_imagery\\_area](https://www.academia.edu/11420142/Arrivals_and_Departures_-_Media_Res_lounge_in_imagery_area).

LABOURDETTE, Jean-François. (2001). *História de Portugal*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, Lda.

MACIEL, Caio Augusto Amorim. (2001). *Morfologia da Paisagem e Imaginário Geográfico: Uma Encruzilhada Onto-Gnoseológica*, in GEOgraphia, Vol. 3, Nº6. Acedido em 29, junho, 2016 em <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/67/65>

MARQUES, João Martins da Silva. (19??). *Sintra: estudos históricos – A Peninha e a ermida de S. Saturnino*. Biblioteca Municipal de Sintra.

MARQUES, Manuel et all. (1986). *Loures, Tradição e Mudança – I Centenário da Formação do Concelho*. Câmara Municipal de Loures.

## INTERVIR NO SAGRADO

MARTÍN, Marcelo (2001). *Sobre el necesario vínculo entre el patrimonio y la sociedad – Reflexiones críticas sobre la Interpretación del Patrimonio*, in Estudos/Património, nº 1. pp- 25-37. Lisboa: IPPAR

MATOS, José Sarmiento de. (2008). *A Invenção de Lisboa*. Lisboa: Temas e Debates – Actividades Editoriais, Lda.

MAZUMDAR, Sanjoy. (2005). *Religious place attachment, squatting, and “qualitative” research: A comentary in Journal of Environmental Psychology* 25, pp. 87-95. El Sevier.

MOREIRA, Maria Raquel. (1993). *Inquérito aos Visitantes da Quinta da Peninha*. Lisboa: ICNF – Divisão de Informação e Divulgação da Área de Paisagem Protegida de Sintra-Cascais.

PEREIRA, Alexandre Marques. (2004). *Biblioteca Municipal de Sintra – Casa Mantero*. Lisboa: White and Blue.

PEREIRA, Paulo (2001). *“Lugares de passagem” e o resgate do tempo*, in Estudos/Património, nº 1. pp- 6-15. Lisboa: IPPAR

PEREIRA, Paulo. (2009). *Lugares Mágicos de Portugal – Arquiteturas Sagradas*. Rio de Mouro: Temas e Debates – Círculo de Leitores.

PEREIRA, Paulo. (2011). *Lugares Mágicos de Portugal – Cabos do Mundo e Finisterras*. Rio de Mouro: Temas e Debates – Círculo de Leitores.

PESSANHA, D. José. (1932). *A arte em Portugal – Sintra*. Porto: Marques Abreu.

PESSOA, Fernando. (2009). *Citações e Pensamentos de Fernando Pessoa*. Lisboa: Casa das Letras.



## BIBLIOGRAFIA

PIMENTEL, Joana da Silva. (2004). *Parque Natural de Sintra-Cascais, Contributo para a Revisão do Plano de Ordenamento no Âmbito da Arquitectura Paisagista*. Trabalho de fim de curso em Arquitectura Paisagista, apresentado à Universidade de Évora.

PINTO, Alfredo. (1919). *Respingando no Passado*. Lisboa: Tipografia da Livraria Ferin.

PIZARRO, José Augusto de Sotto Mayor. (1997). *Linhagens Medievais Portuguesas – Genealogias e Estratégias (1279-1325)*. Dissertação de Doutoramento em História da Idade Média, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Acedido em 18, abril, 2016 em <http://hdl.handle.net/10216/18023>

QUEIROZ, Eça de. (2005). *Os Maias*. Lisboa: Livros do Brasil.

REIS, Miguel de Menezes Braula. (1997). *Parque Natural de Sintra-Cascais*. Dissertação de Mestrado em Ordenamento do Território e Planeamento Ambiental, apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

RICKLE, Rainer Maria. (2008). *Cartas a um jovem poeta*. Vila Nova de Famalicão: Quasi Edições.

RODIL, João. (1997). *Obras da Peninha ou a caricatura do património*, in *Jornal de Sintra*, número 64, pp.9.

RODRIGUES, Sérgio Fazenda. (2013). *A Casa dos Sentidos – Crónicas de Arquitectura*. Uzina Books, Colecção A+Z.

ROSSI, Aldo. (2015). *La arquitectura de la Ciudad*. Barcelona: Gustavo Gili, SL

## INTERVIR NO SAGRADO

SARAMAGO, José. (1988). *Viagem a Portugal*. Lisboa: Edições Caminho.

SANTOS, J. Eusébio dos. (1990). *Guia de Cintra, Collares e Arrabaldes*. Lisboa: Typographia Mendonça.

SAMI, Arquitetos. (2012). *Projeto Centro Interpretativo da Paisagem da Vinha*. Acedido a 20, outubro, 2016, em <http://www.archdaily.com.br/br/01-22163/centro-interpretativo-da-paisagem-da-vinha-sami-arquitectos>

SEBASTIÃO, Luís Filipe. (1991). *Serviço Nacional de Parques compra Peninha*, in Público. Lisboa, pp. 37-38.

SERRÃO, Vítor. (1990). *Sintra*. Lisboa: Editorial Presença.

SILVA, A.R. Pinto da., & BACELAR, J. J. A. H., & CATARINO, Fernando M., & CORREIA, Ana Isabel D., & ESCUDEIRO, Alexandra S. C., & SERRA, M.<sup>a</sup> da Graça L., & RODRIGUES, Cidália M. A. (1991). *A Flora da Serra de Sintra* (Catálogo). Trabalho realizado sob a égide do Instituto Nacional de Investigação Científica através do Contrato de Investigação nº 83/CEN/13 no Museu, Laboratório e Jardim Botânico, Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

SILVA, A.R. Pinto da., & CORREIA, Ana Isabel D. (1992). *A Vegetação da Serra de Sintra. Aspectos gerais*, in Portug. Acta Biol., Série B, 16, pp. 181-208.

SOARES, Maria Micaela. (2013). *Saloios de Cascais : etnografia e linguagem*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.

SOUSA, Ana Raquel Santos de. (1997). *Um Percurso Pedestre na Serra de Sintra*. Prova de Aptidão Profissional no Curso Técnico de Gestão de Ambiente e Recursos Naturais na Escola Profissional Agrícola D. Dinis – Paiã.

## BIBLIOGRAFIA

SOUSA, Antónia de. (1991). *Peninha, um Farol*, in Diário de Notícias. Lisboa.

FERRÃO, Bernardo José. (1991) in Luiz Trigueiros (1993): *Fernando Távora*. Lisboa: Editorial Blau.

TELLES, Gonçalo Ribeiro. (1997). *Plano Verde de Lisboa, Componente do Plano Diretor Municipal de Lisboa*. Lisboa: Edições Colibri.

TEVES, Manuel de. (1973). *Monumentos de Sintra – Quem Acode à Peninha?* in Jornal de Sintra.

VASCONCELLOS, J. Leite de. (1994). *Etnografia Portuguesa, vol. III*. Lisboa: INCM – Imprensa Nacional Casa da Moeda.

VMSA, Arquitetos. (2012). Projeto *Convento dos Capuchos* gentilmente cedido por Victor Mestre e Sofia Aleixo.

ZEVI, Bruno. (2002). *Saber ver da Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes.

ZUMTHOR, Peter. (2009). *Atmosferas*. Barcelona: Gustavo Gili, SL.

[SA]. (1991). *Monte de Aparições atrai Milionário Sintrense*, in Diário Popular. Sintra, pp. 52-54.

INTERVIR NO SAGRADO

## ANEXOS

### Serra de Sintra

Ó linda serra de Sintra,  
Com o teu lindo verdejar  
E a Senhora da Peninha,  
Lá do alto, a ver o mar.

Ó bela serra de Sintra,  
Com os teus lindos arbustos.  
Tens o Parque de Campismo  
E o Convento dos Capuchos.

Ó linda serra de Sintra,  
Em água és a mais rica,  
Tens a fonte da Sabuga  
E o Chafariz das Duas Bicas.

Tens o Palácio de Monserrate,  
Tens a Quinta da Marquesa  
E as duas pedras irmãs,  
Feitas pela Natureza.

Tens o Castelo dos Mouros,  
Onde tanto trabalhei.  
O Palácio e o Parque da Pena  
Com tanta pena dêxei.

Serra de Sintra, poema saloio  
in *Saloios de Cascais : etnografia e linguagem*  
(Soares, 2013, p. 409).

## Lenda da Nossa Senhora da Peninha

### 1ª versão

Des que a Senhora aparceu a uma pastorinha de Azôia que tava a chorari.

– Tão, tás a chorar porquê?

– Tenho fomi e im casa não há nada pra comêri.

– Atão, vai, cando chigares a casa, há-de haver lá ma càxa cheia de pão.

Chigou, disse à mãe o que se tinha passado, todos ficaram admirados de a arca ter pão. Foram procurar a Senhora e fizeram-Le a capela.

Ela apareceu lá nas pedras, onde é a capela agora, mas havia ma capela velha ca im bàxo, dos outros três santinhos, Santa Rita, Sã Miguel e Sã Sandorninho; inda lá tão todos três. Sã Sandorninho era o mais antigo. Tavo na capela, ca im bàxo todos três e, à noite, trazio-Na cá pra bàxo e Ela, no outro dia, aparcia lá im cima outra vez. Trazio-Na pra bàxo e Ela ia pra cima, pà capelinha e, depois, o dono daquilo, que nã sê quem era, que mandou fazer a capela lá im cima, queria fazer um andaime na Capela de Nossa Senhora e Nossa Senhora nã dêxou e eles morrero e foro sepultados na capela. Tão lá as pedras.

### 2ª versão

A Senhora aparceu a outra menina e ela tava a chorari. E Ela preguntou:

– Porque choras?

– Porque eu perdi o rabanho e agora não posso ir pra casa, que o meu pai ralha comigo.

– Atão, vai-te imbora descansada. Cando lá chigares, já o rabanho tá no pátio.



## 3ª versão

Andava um marujinho no mar perdido. E Ela aparceu, lá no alto, a cavalo num cavalo. Inda tá lá atrás os buracos das ferraduras. Andava-se um cadinho pa trás, pô mê da serra, via-se que era o caminho da Senhora. Ela salvou o marujo do perigo e ele fez-Le a igreja.

**Lenda da Fonte da Peninha**

Cando fizero lá im cima a Igreja da Senhora da Peninha, os homes dissero assim:

– Como é que se vai fazer lá im cima, se não há água?

Uma voz dissí:

– A água apareci.

E aparceu lá ma poça munta grande com água. Eram onde tavo as patas do cavalo.

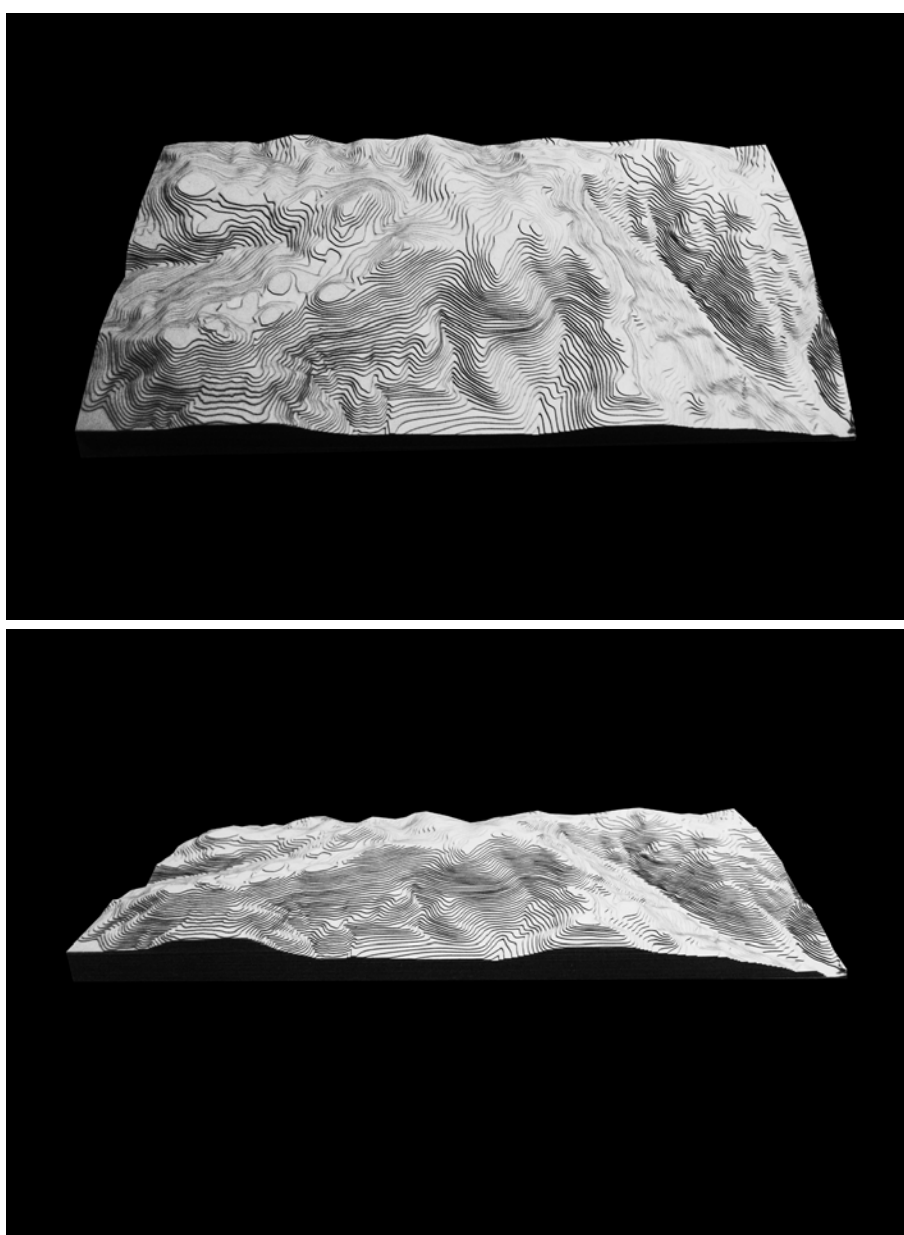
in *Saloios de Cascais : etnografia e linguagem*  
(Soares, 2013, p. 423-424).



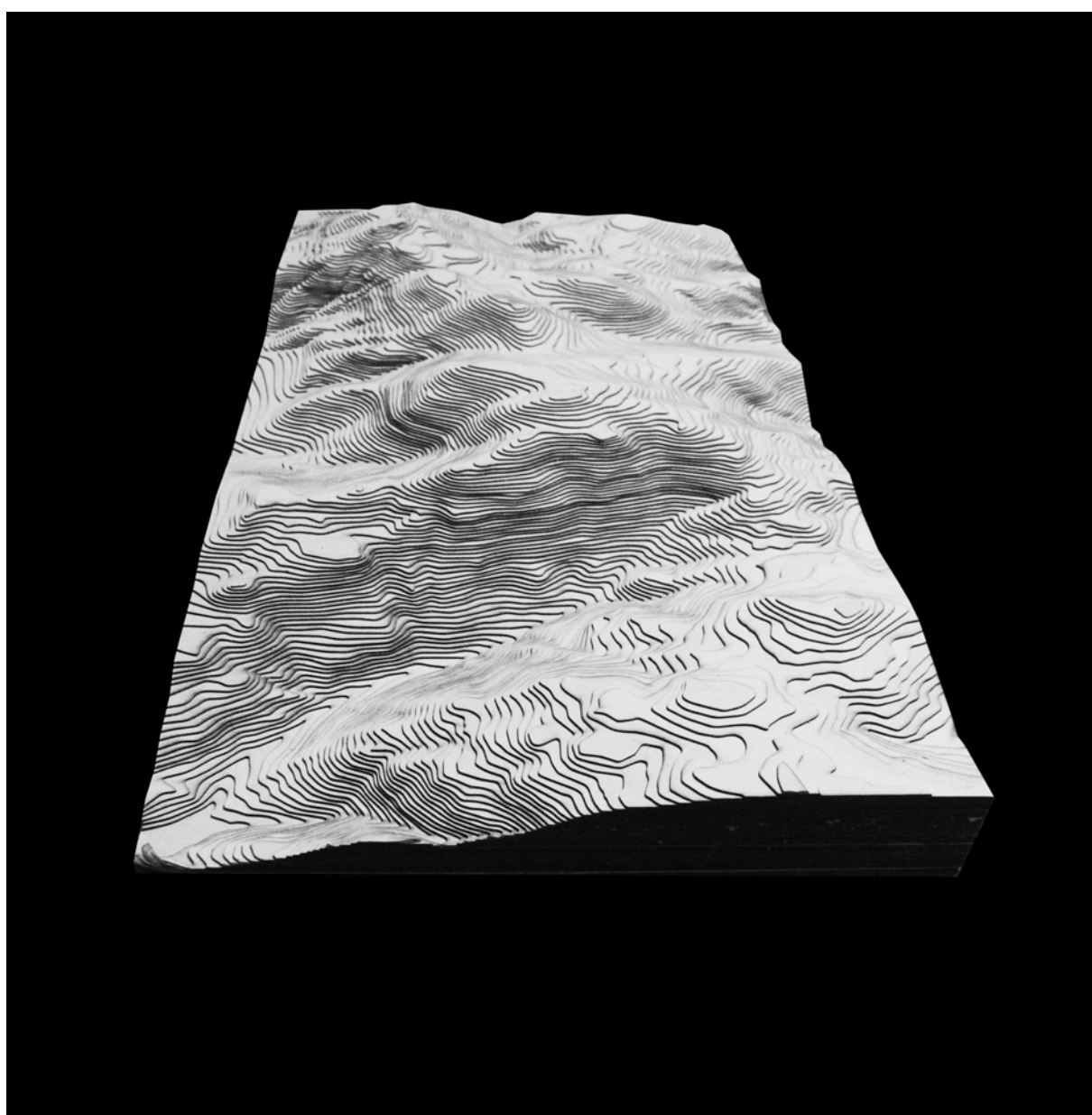
Figura 111. *São Saturnino*,  
Fotografia por Ana Domentí,  
2016.

## INTERVIR NO SAGRADO

*Troço da topografia da Serra de Sintra. Maquete à escala 1:5000*

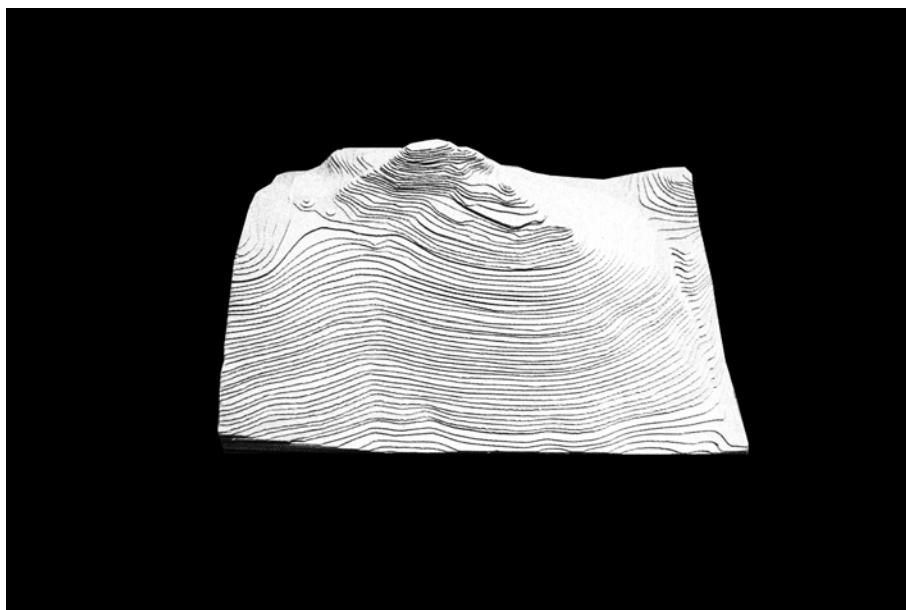


*Troço da topografia da Serra de Sintra. Maquete à escala 1:5000*

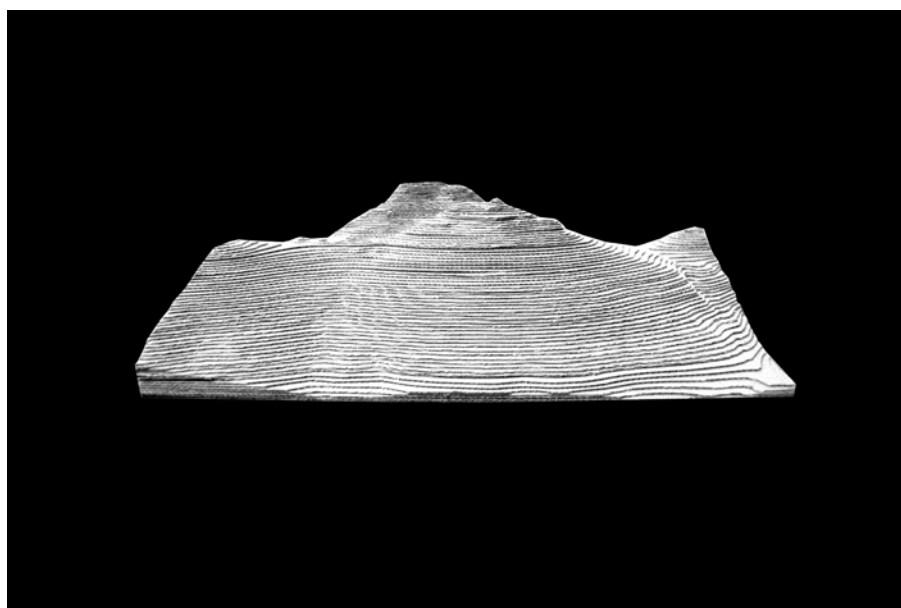


## INTERVIR NO SAGRADO

*A Topografia da Peninha.*  
Maquete à escala 1:100

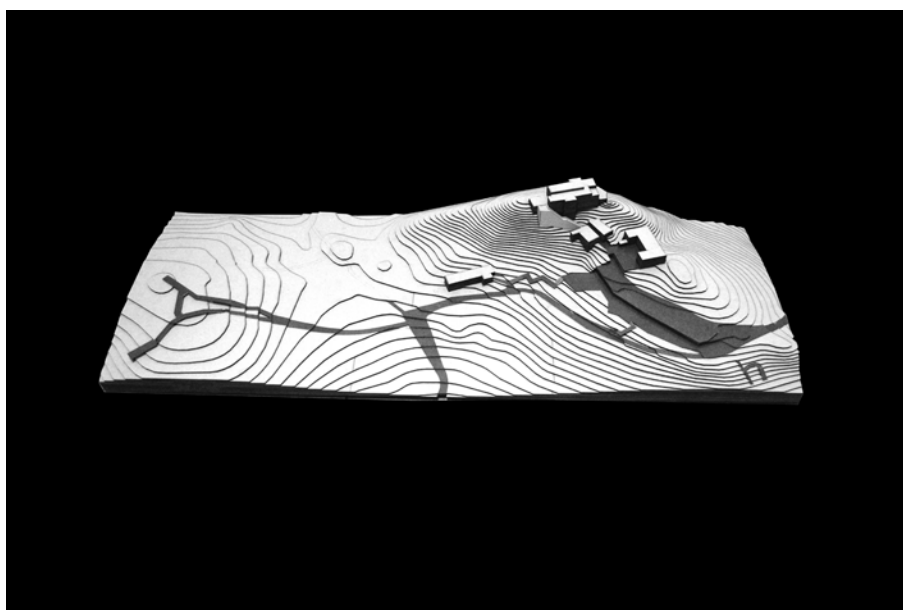


*A Topografia da Peninha.*  
Maquete à escala 1:100

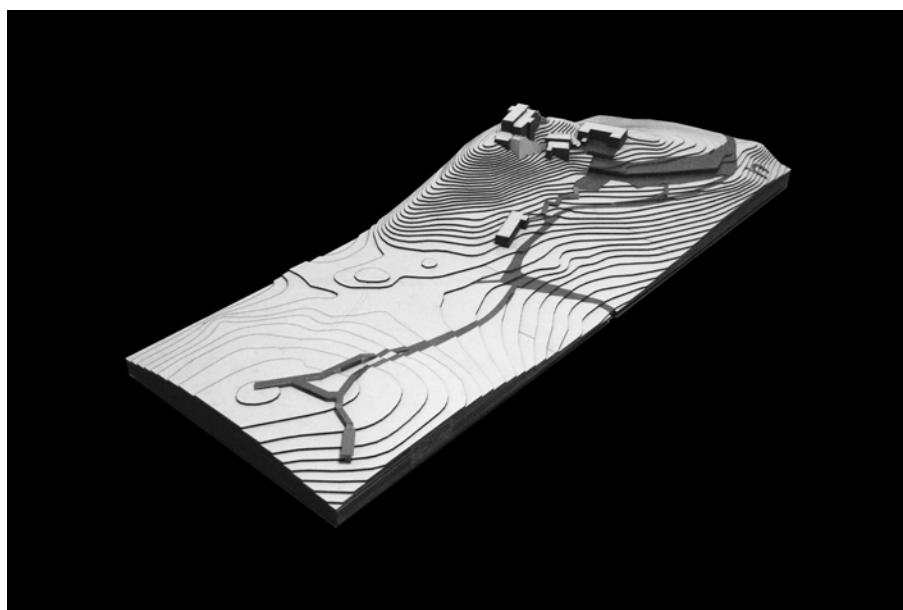


## INTERVIR NO SAGRADO

*Proposta territorial no Santuário  
da Peninha. Maquete à escala  
1:100*



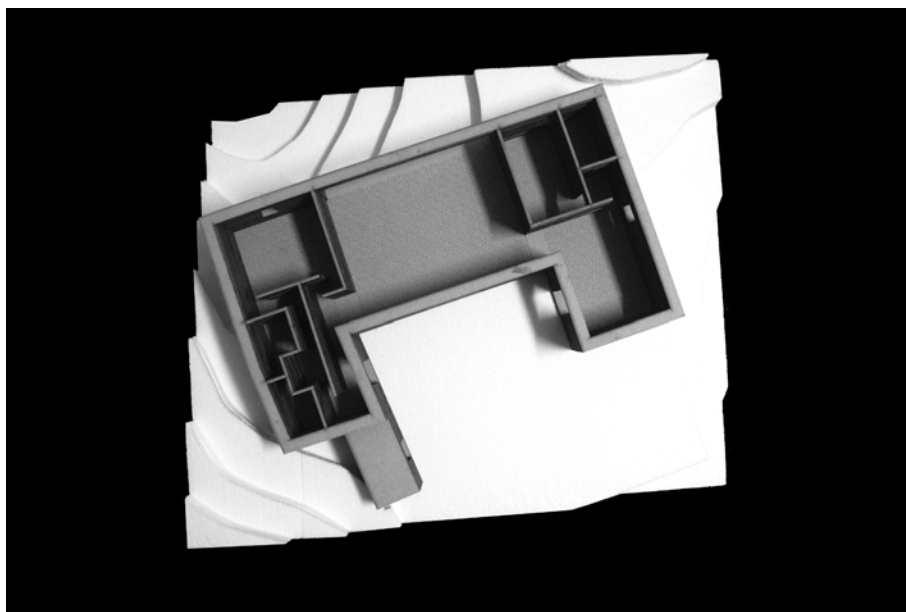
*Proposta territorial no Santuário  
da Peninha. Maquete à escala  
1:100*



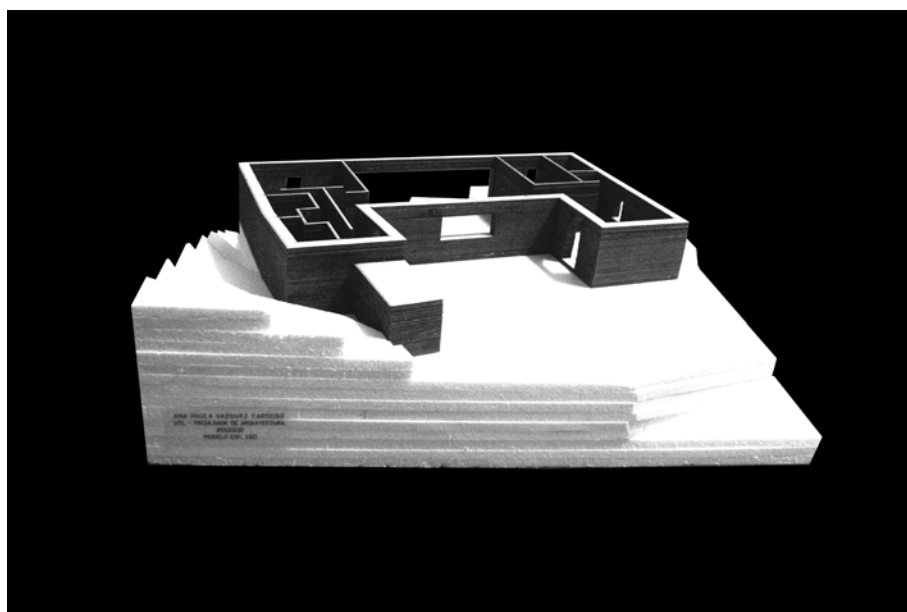


## INTERVIR NO SAGRADO

*Centro de Acolhimento e Informação aos Caminhantes. Maquete à escala 1:50*

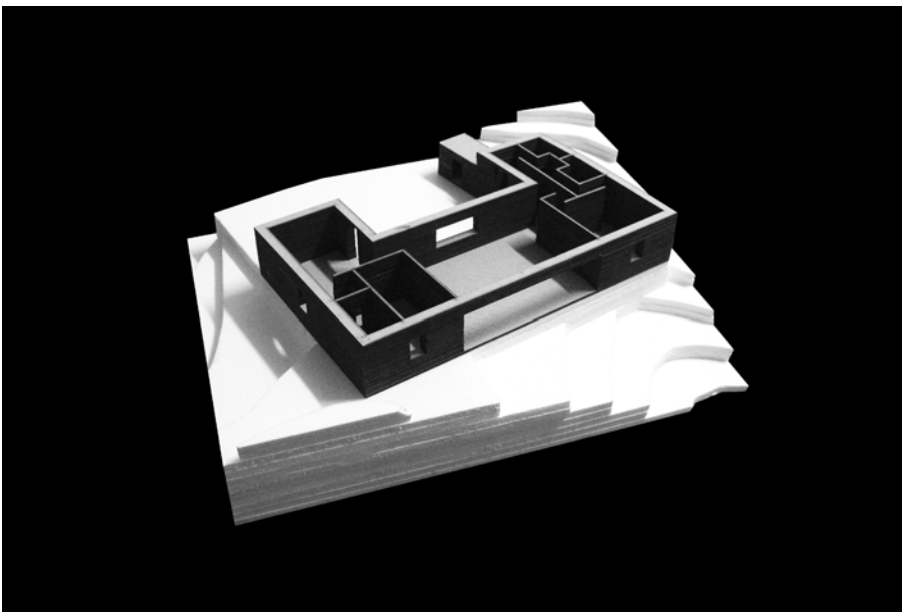


*Centro de Acolhimento e Informação aos Caminhantes. Maquete à escala 1:50*

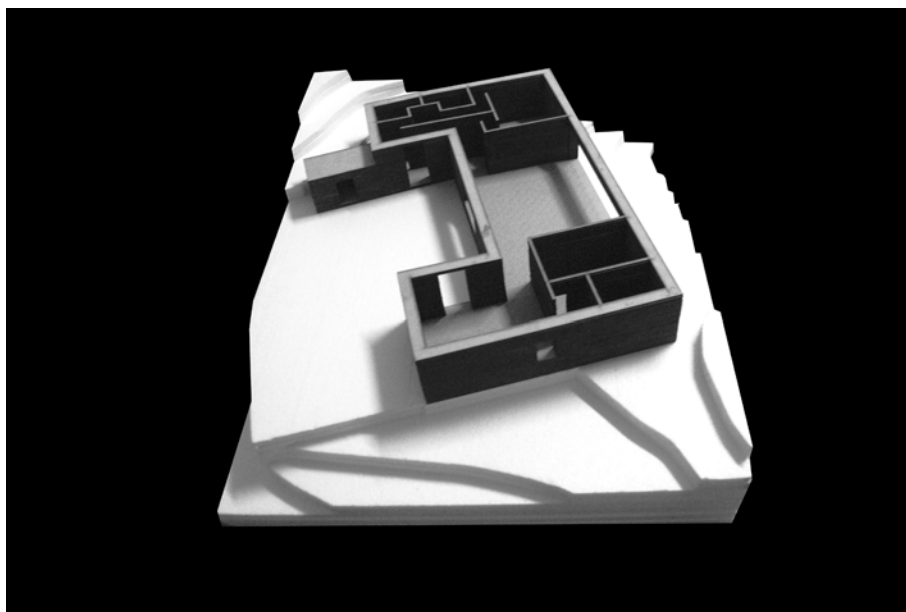


## INTERVIR NO SAGRADO

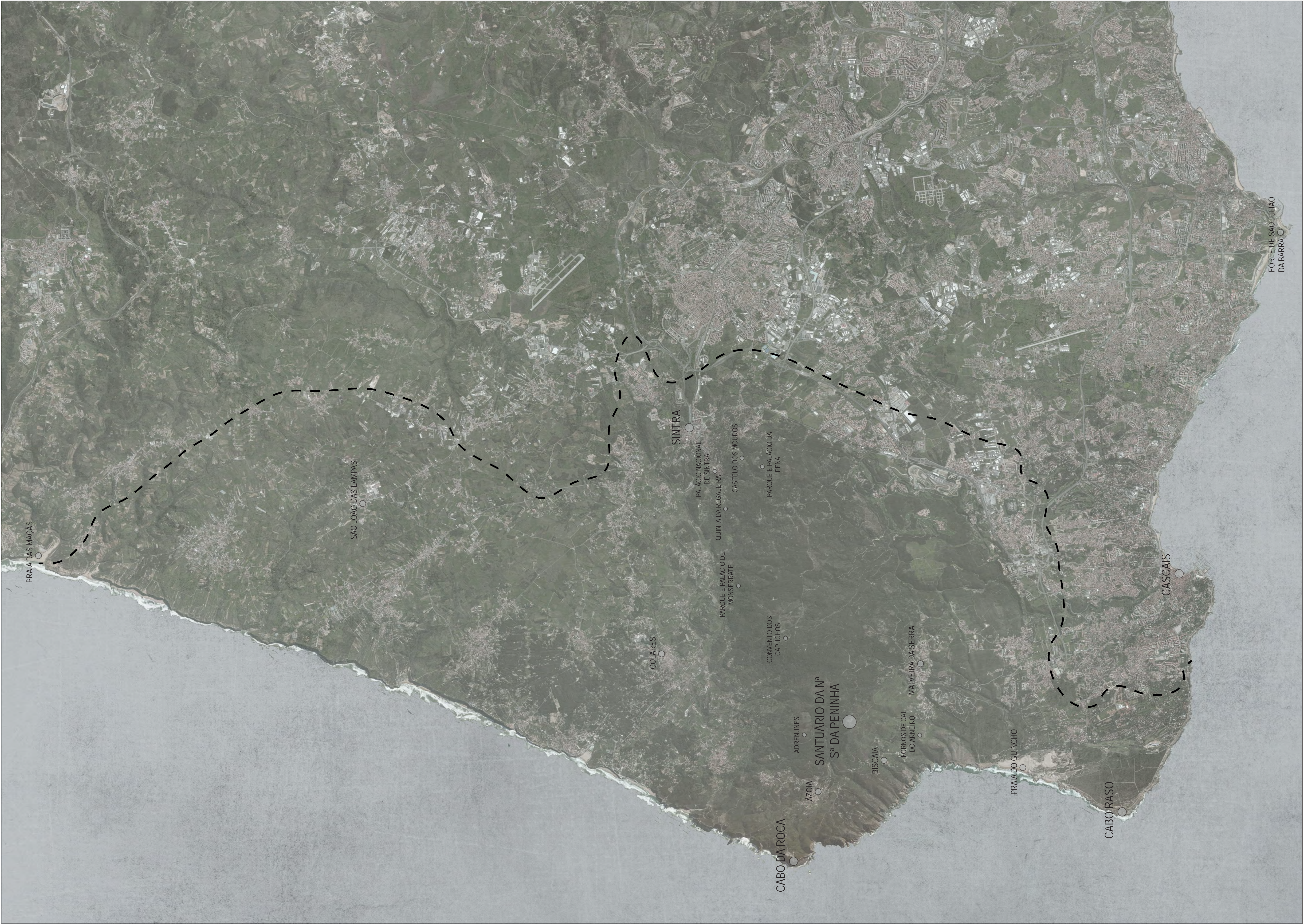
*Centro de Acolhimento e Informação aos Caminhantes. Maquete à escala 1:50*



*Centro de Acolhimento e Informação aos Caminhantes. Maquete à escala 1:50*







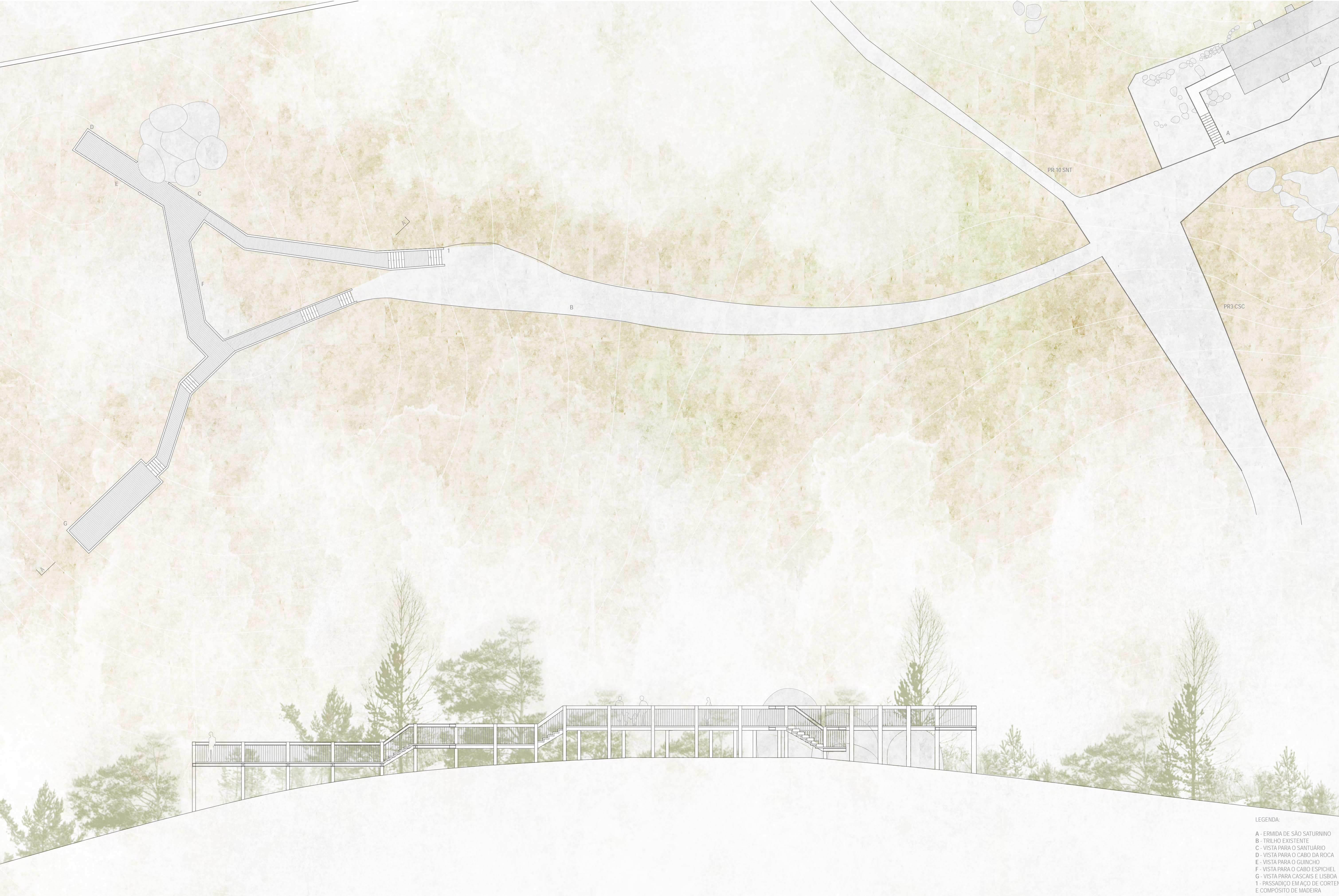














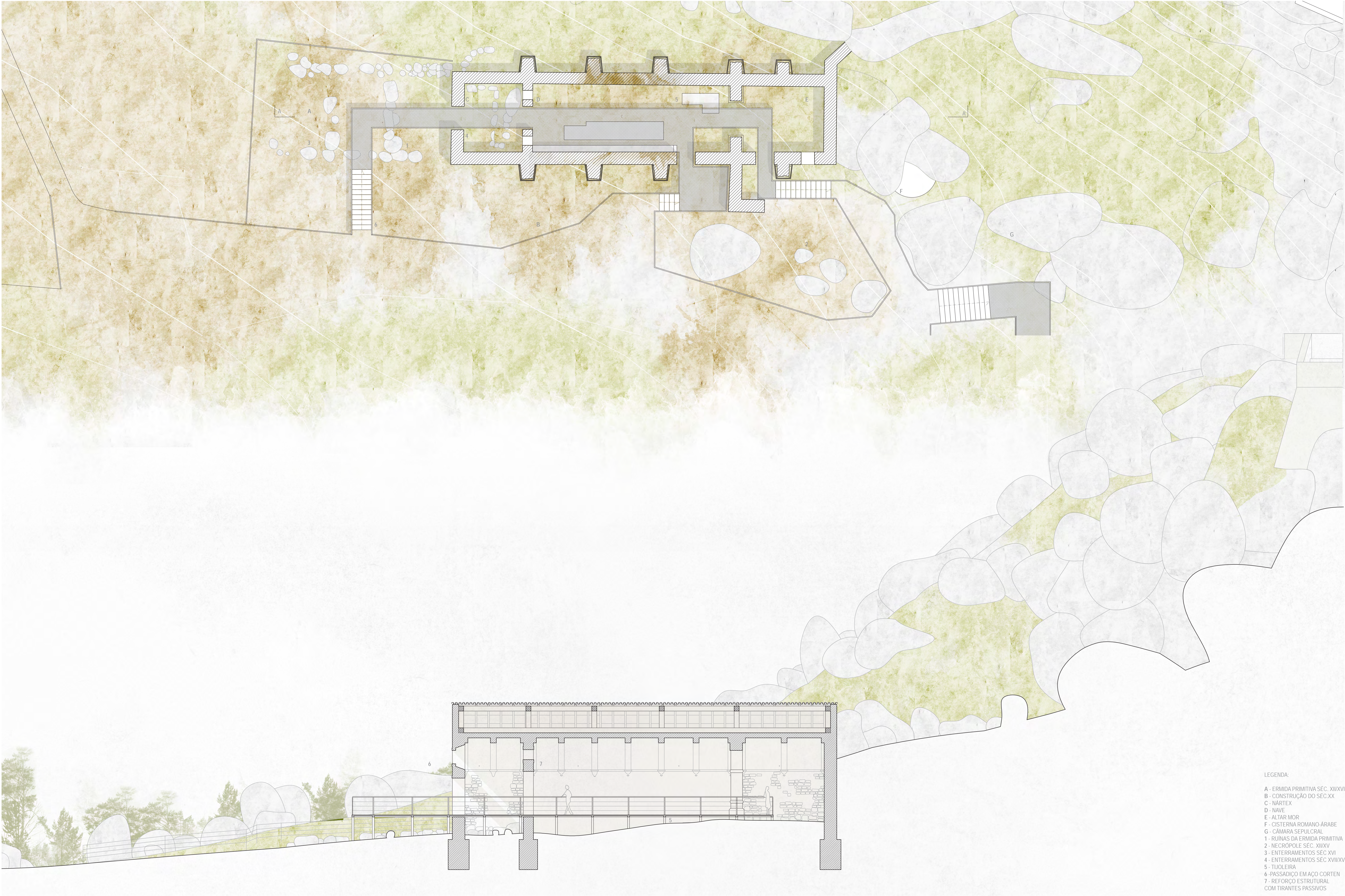


INTERVIR NO SAGRADO  
REFLEXÃO E ANÁLISE CRÍTICA AO SANTUÁRIO DA PENINHA

MIRADOURO DA PENINHA  
ANA PAULA VAZQUEZ CARDOSO - 20131012  
FACULDADE DE ARQUITETURA - UNIVERSIDADE DE LISBOA

P05







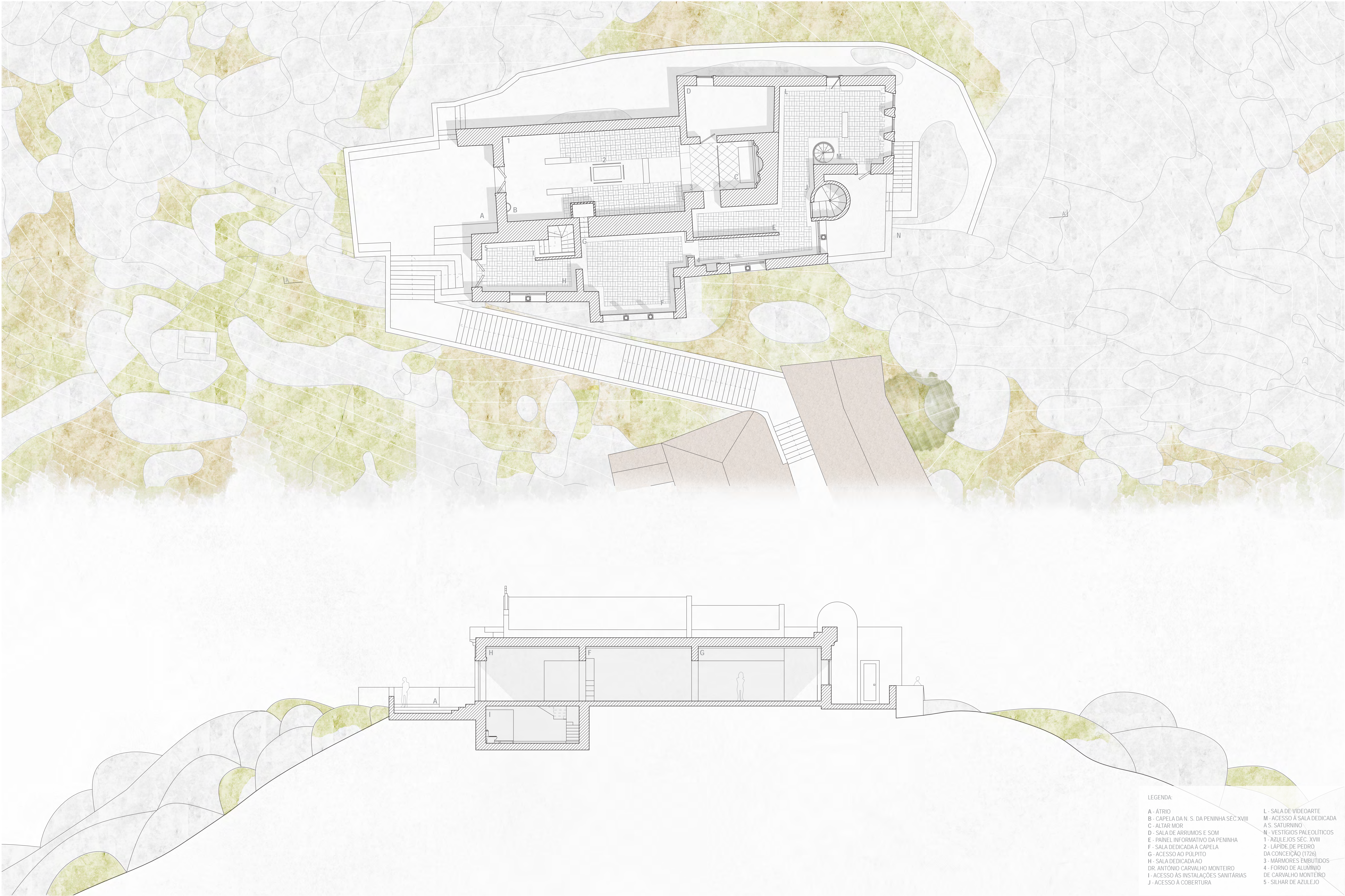


INTERVIR NO SAGRADO  
REFLEXÃO E ANÁLISE CRÍTICA AO SANTUÁRIO DA PENINHA

RUÍNAS DE SÃO SATURNINO  
ANA PAULA VAZQUEZ CARDOSO - 20131012  
FACULDADE DE ARQUITETURA - UNIVERSIDADE DE LISBOA

P07

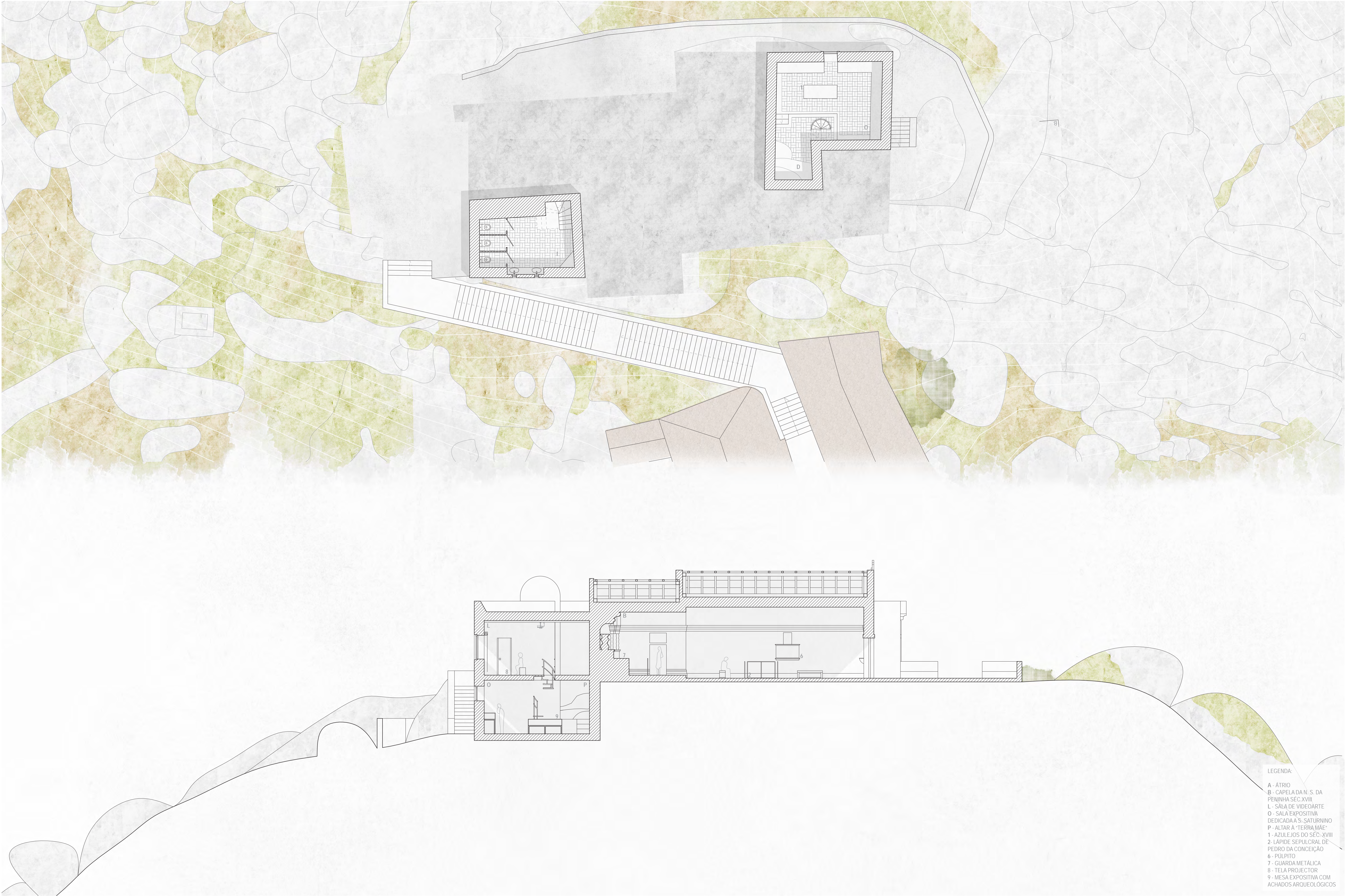




- LEGENDA:
- |   |                            |
|---|----------------------------|
| A - ÁTRIO                                 | L - SALA DE VIDEOARTE      |
| B - CAPELA DA N. S. DA PENINHA SÉC. XVIII | M - ACESSO À SALA DEDICADA |
| C - ALTAR MOR                             | A.S. SATURNINO             |
| D - SALA DE ARRUMOS E SOM                 | N - VESTÍGIOS PALEOLÍTICOS |
| E - PAINEL INFORMATIVO DA PENINHA         | 1 - AZULEJOS SÉC. XVIII    |
| F - SALA DEDICADA À CAPELA                | 2 - LAPIDE DE PEDRO        |
| G - ACESSO AO PULPITO                     | DA CONCEIÇÃO (1726)        |
| H - SALA DEDICADA AO                      | 3 - MÁRMORES EMBUTIDOS     |
| DR. ANTÓNIO CARVALHO MONTEIRO             | 4 - FORNO DE ALUMÍNIO      |
| I - ACESSO ÀS INSTALAÇÕES SANITÁRIAS      | DE CARVALHO MONTEIRO       |
| J - ACESSO À COBERTURA                    | 5 - SILHAR DE AZULEJO      |







- LEGENDA:
- A - ÁTRIO
  - B - CAPELA DA N. S. DA PENINHA SEC. XVIII
  - L - SALA DE VIDEOARTE
  - O - SALA EXPOSITIVA DEDICADA A S. SATURNINO
  - P - ALTAR A "TERRA MÃE"
  - 1 - AZULEJOS DO SÉC. XVIII
  - 2 - LÁPIDE SEPULCRAL DE PEDRO DA CONCEIÇÃO
  - 6 - PULPITO
  - 7 - GUARDA METÁLICA
  - 8 - TELA PROJECTOR
  - 9 - MESA EXPOSITIVA COM ACHADOS ARQUEOLÓGICOS









- LEGENDA:
- A - RECEPÇÃO
  - B - ZONA DE FUNCIONÁRIOS
  - C - L.S. DE APOIO A FUNCIONÁRIOS
  - D - ZONA DE REFEIÇÕES
  - E - BALNEÁRIOS
  - 1 - BALCÃO
  - 2 - LAREIRA REVESTIDA A AZULEJOS
  - 3 - VESTIÁRIOS







